

**A APROPRIAÇÃO DO ODISSEU HOMÉRICO POR SÓFOCLES,  
EM *FILOCTETES***

Alexandre dos Santos Rosa

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do Título de Doutor em Letras Clássicas.

Orientadora: Profa. Doutora Shirley Fátima Gomes de Almeida Peçanha.

Rio de Janeiro  
Fevereiro de 2015

**A APROPRIAÇÃO DO ODISSEU HOMÉRICO POR SÓFOCLES,  
EM *FILOCTETES***

Alexandre dos Santos Rosa

Orientadora: Profa. Doutora Shirley Fátima Gomes de Almeida Peçanha

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do Título de Doutor em Letras Clássicas.

Examinada por:

---

Presidente, Profa. Doutora Shirley Fátima Gomes de Almeida Peçanha

---

Profa. Doutora Dulcileide Virginio do Nascimento - UERJ

---

Prof. Doutor Manuel Rolph De Viveiros Cabeceiras - UFF

---

Prof. Doutor Ricardo de Souza Nogueira - UFRJ

---

Profa. Doutora Tania Martins Santos - UFRJ

---

Prof. Doutor Auto Lyra Teixeira - UFRJ, Suplente

---

Profa. Doutora Fernanda Lemos de Lima - UERJ, Suplente

Rio de Janeiro  
Fevereiro de 2015

Rosa, Alexandre dos Santos.

A Apropriação do Odisseu Homérico por Sófocles, em *Filoctetes* / Alexandre dos Santos Rosa - Rio de Janeiro: UFRJ / Faculdade de Letras, 2015.

218 f.; 31 cm

Orientadora: Profa. Dra. Shirley Fátima Gomes de Almeida Peçanha.

Tese (Doutorado) - UFRJ / Faculdade de Letras/Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas, 2015.

Referências Bibliográficas: f. 212-18

1. Grécia arcaica e clássica. 2. Poesia grega. 3. Poemas Homéricos 4. *Filoctetes* de Sófocles. 4. I. Peçanha, Shirley Fátima Gomes de Almeida. II. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas. III. Título.

# A APROPRIAÇÃO DO ODISSEU HOMÉRICO POR SÓFOCLES, EM *FILOCTETES*

Alexandre dos Santos Rosa

Orientadora: Profa. Doutora Shirley Fátima Gomes de Almeida Peçanha

Resumo da Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do Título de Doutor em Letras Clássicas.

O herói Odisseu nos Poemas Homéricos recebe alguns epítetos distintivos que caracterizam sua ação e modo de pensar, entre os quais destacamos *polýtropos* e *polýmetis*, pois deste há oitenta registros, enquanto daquele, apenas dois. Em nossa opinião, o número de ocorrências fundamenta uma proposta hermenêutica: nos Poemas Homéricos Odisseu é reconhecido preferencialmente como *polýmetis*, em vez de *polýtropos*, um qualificativo alusivo à sua ascendência, composta de indivíduos de caráter questionável. Desta forma, na análise da tragédia *Filoctetes* de Sófocles, percebemos que, apesar de não haver registros dos epítetos *polýtropos* e *polýmetis* referentes a Odisseu, esses atributos estão subjacentes ao discurso e às ações do herói. O objetivo deste trabalho é mostrar de que modo Sófocles se apropriou do sentido desses dois epítetos, para delinear o discurso e o modo de agir de Odisseu no contexto da Atenas democrática da segunda metade do século V a. C., caracterizada sobremaneira pelo poder da argumentação e pelo pragmatismo.

Palavras-chave: Poesia épica; Odisseu; *Polýtropos*; *Polýmetis*; Tragédia; *Filoctetes* de Sófocles.

Rio de Janeiro  
Fevereiro de 2015

# A APROPRIAÇÃO DO ODISSEU HOMÉRICO POR SÓFOCLES, EM *FILOCTETES*

Alexandre dos Santos Rosa

Orientadora: Profa. Doutora Shirley Fátima Gomes de Almeida Peçanha

Abstract da Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do Título de Doutor em Letras Clássicas.

The hero Odysseus in the Homeric Poems receive some distinctive epithets that characterize his action and way of thinking, among which we highlight *polýtropos* and *polýmetis*, because of this there are eighty records, while from him, only two. In our opinion, the number of occurrences based hermeneutics proposal: in the Homeric Poems Odysseus is recognized as *polýmetis* preferably instead of *polýtropos*, an allusive qualifier of his descent, made up of questionable character of individuals. Thus, the analysis of the *Philoctetes* of Sophocles tragedy, we realize that, although no records of *polýtropos* and *polýmetis* epithets concerning Odysseus, these attributes underlie the speech and actions of the hero. The objective of this work is to show that Sophocles so appropriated the meaning of these two epithets, to outline the speech and the manner of Odysseus in the context of democratic Athens the second half of the fifth century B.C., characterized greatly by the power of argument and pragmatism.

Keywords: Epic poetry; Odysseus; *Polýtropos*; *Polýmetis*; Tragedy; *Philoctetes* of Sophocles.

Rio de Janeiro  
Fevereiro de 2015

A meu pai Antônio Luis,  
à minha mãe Heloísa Helena  
e à minha irmã Janaína,  
dedico ternamente este trabalho.

A Deus, pelos dons concedidos e inspiração constante;

À minha família, pelo apoio incondicional;

À Banca Examinadora - Profa. Doutora Dulcileide Virginio do Nascimento, Profa. Doutora Tania Martins Santos, Prof. Doutor Ricardo de Souza Nogueira, Prof. Doutor Manuel Rolph De Viveiros Cabeceiras, Profa. Doutora Fernanda Lemos de Lima, Prof. Doutor Auto Lyra Teixeira.

Aos professores da UFRJ, especialmente aos do Departamento de Letras Clássicas, pelas lições inesquecíveis e também pelo incentivo em meu percurso acadêmico;

Ao amigo de longa caminhada, Pedro da Silva Barbosa, pelas constantes conversas e conselhos;

Aos Professores Ricardo de Souza Nogueira e Auto Lyra Teixeira pelas discussões proveitosas e instruções precisas;

À Profa. Doutora Glória Braga Onelley pelas sugestões para a pesquisa;

À Profa. Tania Martins Santos pela coordenação eficiente e palavras sábias em momentos difíceis,

Agradeço.

À Professora Doutora Shirley Fátima Gomes de A. Peçanha,  
pela orientação desde as primeiras etapas de minha iniciação  
científica,  
cumpre-me um agradecimento especial.



“Todo ponto de vista é a vista de um ponto.  
Para entender como alguém lê, é necessário  
saber como são seus olhos e qual é a sua visão de mundo.  
Sendo assim, fica evidente que cada leitor é também um coautor.  
Porque cada um lê e relê com os olhos que tem  
e interpreta a partir do mundo que habita”.

A águia e a galinha: uma metáfora da condição humana. In: Boff, Leonardo.

## Sinopse

A fórmula em Homero. Os epítetos distintivos *polýtropos* e *polýmetis* de Odisseu nos Poemas Homéricos. O herói homérico Odisseu em *Filoctetes* de Sófocles. Odisseu no contexto da Atenas democrática.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>12</b>
<b>2. A CARACTERIZAÇÃO DE ODISSEU EM HOMERO.....</b>	<b>19</b>
2.1 A fórmula e os epítetos homéricos	
2.1.1 A fórmula homérica.....	21
2.1.2 O epíteto homérico.....	34
2.1.3 Os epítetos <i>polýtropos</i> e <i>polýmetis</i> de Odisseu nos Poemas Homéricos.....	41
<b>3. ODISSEU HOMÉRICO: UMA RELEITURA EM <i>FILOCTETES</i> DE SÓFOCLES..</b>	<b>61</b>
3.1 A sofística e Odisseu: algumas semelhanças.....	75
3.2 O discurso inicial do Odisseu <i>polýtropos</i> .....	81
3.2.1 A defesa da obediência.....	81
3.2.2 O lugar da amizade no discurso sofístico de Odisseu.....	91
3.3 A crítica sofocliana ao poder do <i>lógos</i> : Odisseu <i>polýmetis</i> .....	104
3.3.1 Odisseu convence Neoptólemo.....	107
3.3.1.1 As condições precárias de Filoctetes .....	107
3.3.1.2 O emprego do dólos .....	118
<b>4. <i>FILOCTETES</i>: UMA PROPOSTA DE TRADUÇÃO.....</b>	<b>139</b>
<b>5. CONCLUSÃO.....</b>	<b>210</b>
<b>6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>212</b>

## 1. INTRODUÇÃO

A épica grega antiga deve suas características e prerrogativas a uma figura emblemática que a tradição chama Homero. Embora as assertivas acerca desse nome sejam passíveis de questionamentos<sup>1</sup>, levando estudiosos a pensar na possibilidade de um ou mais compositores para a *Ilíada* e a *Odisseia*, o que nos chama realmente a atenção - mais até do que seu autor - é a beleza arquitetônica dessas obras.

Ao lermos esses dois poemas, verificamos unidade<sup>2</sup> da ordem proposta já nos respectivos prólogos. Enquanto a *Ilíada* utiliza como tema a cólera de Aquiles e suas consequências, a *Odisseia* relata o retorno de Odisseu, suas aventuras, chegada a Ítaca e consequente luta para reestruturar seu reino.

Essa unidade preservada em torno do próprio tema escolhido demonstra não só uma arte poética bem elaborada<sup>3</sup> mas um interesse em aspectos ético-sociais, pois Aquiles e

---

<sup>1</sup> Segundo West (2011, p. 383-4), as interrogações relativas aos Poemas Homéricos, que estão sob o título de Questão Homérica, merecem uma atenção especial ainda no século XXI, apesar dos inúmeros estudos desde seu surgimento. Em quase 180 anos de pesquisas sobre o tema, algumas perguntas referentes às origens dos dois poemas ainda permanecem em voga: “Quem foi Homero, se houve um Homero? Quando e onde ele morou? Será que um poeta produziu ambos os épicos, ou houve um poeta diferente para cada um? Ou estava lá, em cada caso, uma sucessão de poetas, ou um sindicato de poetas e redatores? São a *Ilíada* e a *Odisseia* obras de arte unitárias, ou o resultado de mais processos complexos ou casuais?”.

<sup>2</sup> A razão pela qual enfatizamos tanto o fazer poético quanto o caráter dos heróis nos Poemas Homéricos é a percepção de um esforço para mantê-los praticamente os mesmos ao longo das duas composições. Parece-nos que o(s) poeta(s) buscou(aram) constantemente manter um nexos estrutural não só no tema escolhido, mas também na composição dos personagens. Entretanto, uma posição contrária à composição dos poemas foi colocada por Abbé d'Aubignac, ainda no século XVII, quando disse que as obras não foram bem elaboradas, apresentavam uma inconsistência de estilo e uma junção equivocada de cantos orais, feitas por homens inábeis. Além disso, ele considerou os poemas inapropriados para uma educação religiosa eficaz, pois seriam uma afronta aos princípios aceitos em sua sociedade. Como se pode perceber, o reconhecido crítico francês pôs em dúvida os aspectos criativo, artístico e moral das duas composições.

<sup>3</sup> Há uma probabilidade de ambos os poemas terem atingido esta forma artística admirável, porque algum aedo fez mudanças adicionais com a finalidade de dar unidade, coerência e simplicidade a todo material disponível. Não se quer aqui de maneira nenhuma duvidar dos resultados obtidos por uma gama de acadêmicos ou referendar uma série de estudos ainda não escrutinados a ponto de incitar uma qualificação positiva dos leitores

Odisseu, protagonistas de *Iliada* e de *Odisseia*, respectivamente, representaram um modelo de conduta<sup>4</sup> capaz de influenciar não só seus pares, no contexto da sociedade homérica, mas também as gerações futuras. Com efeito, tornar amplamente conhecidas suas proezas e imortalizá-las, por meio do canto dos aedos, produz uma ação educadora e mostra aos homens um modo de vida exemplar.

Em razão da própria natureza dos Poemas Homéricos, nos quais se exaltam os feitos heroicos e se propagam os valores aristocráticos, fica difícil evidenciar os erros e os conflitos de seus personagens<sup>5</sup>. Isso não quer dizer que em *Iliada* e em *Odisseia* se tenham ocultado as

---

de Homero, mas antes sugerir uma forma de entender os Poemas Homéricos de uma perspectiva moderna, baseando-se no modo de composição da epopeia, no estabelecimento do texto escrito e nas consequentes alterações advindas de uma mente consciente. West (2011, p. 389-91) em seu artigo redarguiu a dura análise feita por Nagy ao seu primeiro volume crítico de *Iliada*, dizendo que a posição admitida por Nagy - que ressalta de forma excepcional a tradição oral dos poemas - é uma atitude discutível. Para o helenista inglês, é possível que as mudanças tenham sido projetadas e inseridas por várias décadas e sejam produto de constantes alterações, buscando sempre um texto perfeito e sem falhas. Outro estudo específico sobre este assunto pode ser encontrado no artigo de Filkenberg (Homer and His Peers: Neoanalysis, Oral Theory, and the Status of Homer. *Trends in Classics* 3 (2011) p. 197-208.). Uma pesquisa singular acerca de Homero no século XVIII está em FOERSTER, Donald M. "Early Eighteenth Century". In: \_\_\_\_\_. *Homer in English Criticism: The Historical Approach in the Eighteenth Century*. Oxford: Oxford University Press, 1947.

<sup>4</sup> No que tange aos Poemas Homéricos, tornou-se imperioso abordar qualquer aspecto observado como uma particularidade do tipo de sociedade retratada nas duas obras. Assim, percebe-se em *Iliada* e em *Odisseia* uma tentativa de mostrar seus heróis como homens ideais, que representam um modelo de comportamento admirável na comunidade aristocrática guerreira na qual vivem. Segundo Stefanson (2004, p. 28), a imagem de um herói mortal, considerado entre seus pares um exemplo, serve para incitar os ouvintes a ter a mesma disposição na guerra. De qualquer modo, a posição inquestionável de Stefanson é de que "o herói fornece um modelo de excelência insuperável para que os outros homens possam se inspirar".

<sup>5</sup> Podemos ver, por exemplo, em *Iliada*, que a decisão inicial de Aquiles de manter-se fora da guerra é a base para entendê-lo como um homem convicto de seus valores. Sua atitude evidencia uma consciência de ação que se projeta na construção de seu caráter: um homem de personalidade forte, movido pelo sentimento de honra, um valor estabelecido em sua sociedade. Da mesma forma, tanto em *Iliada* quanto em *Odisseia*, Odisseu age pautado na sua habilidade discursiva e no objetivo supremo de salvar a vida dos companheiros, fato que nos ajuda a traçar o perfil de um homem extremante hábil nas palavras e consciente da sua importância para salvação do exército. Suas ações revelam continuamente seu desejo de voltar para casa vivo, mesmo que para isso tenha de usar de dissimulação e de disfarce, quer para um estranho, quer para um membro de sua família.

imperfeições de seus personagens, mas a tarefa de revelar os conflitos internos e mostrar os deslizes ou as incongruências vividos pelos heróis é mais expressiva na tragédia. Essa outra maneira de apresentar os heróis e seus feitos coincidia com o surgimento de uma mentalidade capaz de romper com as tradições, questionar o estabelecido e discutir as ações dos homens, conduzindo-o a uma nova forma de entender o mundo. Sendo assim, os tragediógrafos, na Atenas clássica, com suas peças, exerciam também um papel de agente educador, na medida em que punham em evidência o comportamento humano, enaltecendo alguns de seus aspectos e criticando outros que não estavam de acordo com o padrão moral socialmente aceito.

Como se sabe, a matéria-prima utilizada na tragédia era o mito, completamente estilizado e muitas vezes alterado para adaptar-se ao contexto da *pólis* democrática. Com efeito, o autor podia modificar uma história já amplamente divulgada, buscando realçar aspectos conflitantes característicos da natureza humana. Desta forma, na tragédia, os conflitos dos heróis refletem as mesmas vicissitudes do público, pois este, ao assistir às representações teatrais, se projeta na situação cênica.<sup>6</sup>

Acresce, ainda, que não só os heróis mas também as situações encenadas podiam aludir a fatos, pessoas ou grupos contemporâneos pertencentes a estratos sociais diversos. Não demorou muito para que a tragédia se tornasse um poderoso veículo de informação e reflexão sobre a sociedade, sendo usada para influenciar pessoas e discutir opiniões. Deste modo, o gênero trágico colocava em foco um outro lado ainda não explorado do mito, a sua representatividade, e, por isso, surgiu como algo totalmente novo. Com efeito, as narrativas míticas durante séculos foram transmitidas oralmente, e no teatro passaram a ser representadas.

---

<sup>6</sup> Na tragédia, o objeto de análise é o ser humano. Essa assertiva está em consonância com Romilly (1997, p. 9), ao dizer que “a tragédia grega apresentava, numa linguagem acessível da emoção, uma reflexão sobre o homem”. A característica primordial desse gênero poético é propor uma interação entre os sujeitos atuantes e o público, que associam constantemente os heróis e as falas apresentados em cena às situações e aos assuntos do cotidiano.

A peça *Filoctetes* de Sófocles, apresentada em 409 a.C., por exemplo, coloca em cena um episódio da guerra de Troia, no qual Odisseu e Neoptólemo chegam à ilha de Lemnos, para reconduzir o solitário Filoctetes ao exército aqueu. O desenrolar da trama revela algo bastante surpreendente<sup>7</sup>. Quando Odisseu e os outros marinheiros desembarcam em Lemnos, o herói de Ítaca logo põe o jovem Neoptólemo a par dos acontecimentos, orientando-o em relação ao uso dos argumentos e à maneira de se comportar diante de Filoctetes para ter sucesso na missão.

Percebe-se, em *Filoctetes*, que Sófocles se utilizou de assunto bastante restrito, ocorrido em contexto homérico<sup>8</sup>, para destacar valores e conceitos da sociedade ateniense do século V a. C., como o bom uso da palavra para se alcançar determinado fim - sem levar em conta os meios utilizados - e o princípio da obediência aos chefes e o valor da amizade. O modo de justapor esses temas, entre outros, revela uma mentalidade capaz de ordenar o

---

<sup>7</sup>O enredo da peça é bastante sugestivo: Odisseu - enviado pelos chefes aqueus - participa de uma embaixada na companhia de Neoptólemo, filho de Aquiles, para convencer Filoctetes a voltar para o campo de batalha, pois a vitória em Troia estava condicionada ao uso das armas de Hércules, das quais o tessálio tinha posse. Essa mesma situação foi registrada em *Ilíada* (IX, vv. 185-656), pois Odisseu também integra uma embaixada, enviada a Aquiles, para persuadi-lo a ocupar novamente as primeiras fileiras da guerra, da qual se havia retirado por sentir-se desonrado pelo supremo líder dos argivos, Agamêmnon. Percebe-se que Sófocles se utilizou do mito de Filoctetes e de uma passagem dos Poemas Homéricos para elaborar uma situação similar em *Filoctetes*, mas com um objetivo diferente. Enquanto, no canto IX de *Ilíada*, a presença de Odisseu se justifica por ser um ícone, entre os soldados, da capacidade de persuadir por meio de palavras, na tragédia suas ações aludem a certas práticas presentes na sociedade clássica, em especial a dos sofistas.

<sup>8</sup> Como se pode observar, era uma situação de guerra, Odisseu participa de embaixadas, com o objetivo de convencer Aquiles e Filoctetes, em *Ilíada* e na tragédia, respectivamente. Essa temática sofocliana certamente não foi escolhida ao acaso, e toda habilidade do tragediógrafo para transpor em sua obra uma realidade homérica usando os recursos do teatro grego clássico deve ser realçada. Não foi somente o personagem Odisseu que recebeu uma nova roupagem para atender o público do século V, mas toda peça foi devidamente projetada numa capacidade criativa inovadora. O cenário, os personagens, as ações e as palavras em *Filoctetes* mostram o brilho artístico de um dos mais conhecidos tragediógrafos e apontam seu conhecimento de Homero por meio da riqueza de detalhes que dão contornos à peça. Detalhes muitas vezes despercebidos porque o poeta não precisa falar, mas aludir.

material mítico, atualizar os pontos de referência e, ao que parece, ensejar uma discussão apropriada entre os seus espectadores.

Em *Odisseia*, por exemplo, o protagonista enfrenta inúmeras dificuldades para retornar a Ítaca. Essas situações adversas fazem parte de uma compensação requerida pelo deus Posêidon a Zeus, uma vez que o herói cegara seu filho, o ciclope Polifemo. O pano de fundo de toda a epopeia é o desejo de Odisseu voltar para casa e a ira de Posêidon, que tenta de todas as formas infligir uma série de tormentos ao herói. Na tragédia, a ira também está colocada em primeiro plano, pois Filoctetes nutre um desejo quase obsessivo de ver Odisseu morto em combate.

No próêmio de *Odisseia*, ficam evidentes a coragem de Odisseu e sua disposição em manter seus companheiros longe da morte, e exalta-se o valor dado à amizade, mesmo diante de um resultado negativo, já que está em jogo a intenção de o herói salvar todos os seus companheiros de jornada. Na tragédia, essa questão da amizade é um tema recorrente, quando se destaca a atitude de Odisseu diante de Filoctetes. O próprio nome da peça - Φιλοκτήτης, nome formado do adjetivo φίλος, “amigo”, acrescido da raiz do verbo κτάομαι, “adquirir, obter, conseguir, conquistar”, e do sufixo de agente -της -, donde o sentido sugere que um dos assuntos abordados é a questão da amizade.

Um outro fator a ser lembrado é a posição de Odisseu no começo da peça *Filoctetes*, na qual o herói se mantém oculto, decidindo colocar-se à margem dos acontecimentos na ilha de Lemnos, porém no controle de todos os movimentos orquestrados por Neoptólemo diante de Filoctetes. Ele diz o que Neoptólemo deve fazer e como deve comportar-se para ter sucesso na missão. Analogamente, na epopeia, no canto V de *Odisseia*, é a de Odisseu retido na ilha de Calipso. É evidente que Odisseu não tinha o domínio da situação e, de forma alguma, era capaz de induzir a deusa a falar ou a proceder conforme seus desejos, porém, o



que está em questão era o quadro inicial tanto na tragédia quanto na epopeia: Odisseu está oculto.

Assim, após essas considerações iniciais, o objetivo da tese é verificar de que modo Sófocles se utilizou do personagem homérico Odisseu, considerando de seus vários atributos sobretudo os epítetos *polýtropos* e *polýmetis*. Muito embora Sófocles, dos atributos de Odisseu, só tenha mencionado, em *Filoctetes*, uma única vez o epíteto *polyméchanos*, verificamos que o tragediógrafo deixa subjacente que a astúcia (*dólos*), elemento distintivo do personagem Odisseu nos Poemas Homéricos - haja vista o número de ocorrências do epíteto *polýmetis*, 80 vezes -, aliada à versatilidade do herói, como assinala o epíteto *polýtropos*, traçam o perfil do cidadão ateniense da segunda metade do século V a. C., influenciado pela crise de valores, oportunismo político e pelo movimento sofístico.

Para examinar os atributos do Odisseu homérico, julgamos necessário fazer um estudo sobre o emprego dos epítetos em Homero. Assim, nos itens 2.1.1 e 2.1.2, buscamos desenvolver uma linha teórica para indicar nossa maneira de abordar os epítetos de Odisseu. Apontamos inicialmente a visão pioneira de Milman Parry e, em seguida, de estudiosos modernos especialistas no assunto, como Filkenberg, Nagy e Paolo Vivante que fazem uma crítica ao trabalho de Parry e propõem uma nova perspectiva em relação ao assunto. Por fim, o item 2.1.3 apresenta nossa proposta de leitura dos epítetos homéricos *polýtropos* e *polýmetis*, para enfatizar-lhes a importância e o significado.

Dando sequência a nossa investigação, elaboramos o item 3 com o objetivo de mostrar de que modo Sófocles se utiliza do herói homérico Odisseu na peça *Filoctetes*, destacando de seu discurso, aperfeiçoado com ideias próprias da sofística (3.1), elementos alusivos aos epítetos homéricos *polýtropos* e *polýmetis*. Nessa perspectiva, o discurso inicial de Odisseu a Neoptólemo pareceu-nos relevante, pois nele percebemos a relativização de valores, nos quais a obediência irrestrita aos chefes deve prevalecer em qualquer situação (3.2.1), ainda que

outros princípios sejam desconsiderados, como o da amizade (3.2.2). Para evidenciar a crítica sofocliana ao poder do *lógos* de Odisseu (3.3), destacamos de seu discurso os argumentos utilizados para convencer Neoptólemo a agir conforme suas ordens (3.3.1), as precárias condições de Filoctetes na ilha de Lemnos (3.3.1.1) e o emprego do *dólos* como meio mais eficaz para levar o maliense de volta a Troia (3.3.1.2).

Para finalizar, no capítulo 4, apresentamos uma proposta de tradução integral da tragédia *Filoctetes*, utilizando o texto estabelecido por Alphonse Dain e traduzido por Paul Mazon, publicado em 1974 pela Éditions Les Belles Lettres.

## 2. A CARACTERIZAÇÃO DE ODISSEU EM HOMERO

As características essenciais dos heróis e dos deuses gregos cristalizadas pela tradição promovem um questionamento quase recorrente acerca das provas documentais que servem de indícios e motivações para moldar o perfil de cada um deles. As suas qualidades éticas, morais e psicológicas parecem pertencer a uma herança cultural que formou uma unidade basilar em torno de seus traços principais e referendou uma única maneira de entender o comportamento e as ações desses personagens mitológicos.

Essa concepção, muitas vezes idealizada, pode provocar uma certa leniência e falta de perspectiva para salientar aspectos ainda não observados, particularidades pouco difundidas ou, até mesmo, contrastes dúbios no modo de agir de cada um desses seres humanos ou divinos. Isso porque os manuais de mitologia trazem uma explicação tão coerente para determinar o caráter dos vários heróis e deuses, pertencentes ao mundo helênico antigo, que duvidar, ou mesmo discordar, de uma informação parece um desatino.

Por isso, frequentemente, as fontes<sup>9</sup> existentes para o conhecimento da história dos mitos helênicos e dos traços principais de seus personagens não são analisadas pelo leitor em geral com um olhar crítico, mas são utilizadas como material de apoio indiscutível, que projetam uma imagem nítida da aparência e uma explicação inquestionável dos atributos de cada herói ou deus. E em relação às fontes, considera-se a Literatura Grega a mais utilizada na tentativa de atribuir veracidade às proposições relativas à personalidade dos seres humanos e divinos mostrados nas obras dos autores gregos.

---

<sup>9</sup>As fontes mais utilizadas para conhecer o passado grego são a numismática, a epigrafia, a arqueologia, a literatura e a papirologia. Não existe uma fronteira bem determinada entre cada uma delas, razão por que é comum a interação simultânea entre essas áreas. Para citar um exemplo, podemos destacar o livro de Peter Levi, *Grécia: Berço de Ocidente*, escrito em dois volumes, no qual o autor analisa alguns sítios arqueológicos descobertos, abordando vários temas, com o cuidado de referendá-los com base em uma rica gama de informações obtidas em fontes diversas.

De fato, as várias facetas de um mesmo personagem, desde sua primeira aparição em algum relato grego antigo, permanecem quase as mesmas - como se observa, por exemplo, na epopeia e na tragédia -, mudando, se for o caso, questões de somenos. Chama realmente nossa atenção o fato de que pontos discordantes na biografia de algum herói ou deus, além de serem considerados um dado normal - tendo em vista o longo caminho percorrido pelo mito, que atravessa séculos -, contribuem para formar as novas vertentes de algum mito em voga.

Entretanto, esses outros modos de entrever a personalidade de um herói ou deus estão necessariamente indissociáveis da imagem adquirida primordialmente em *Ilíada* e em *Odisseia*, imprescindíveis na obtenção de uma identidade para os mais variados personagens gregos. Nos Poemas Homéricos, os homens, os deuses, os objetos e os lugares quase sempre estão vinculados a descrições, nos âmbitos humano e divino, a discursos que os caracterizam em suas particularidades primeiras, algo que os diferencia de seus pares e os destaca do conjunto<sup>10</sup>.

Com efeito, as fórmulas - em especial os epítetos - tornaram-se um artifício engenhoso e revelador da natureza dos homens e dos deuses, em particular, e dos objetos, sem comprometer a narrativa, evidenciando, porém, de forma repetitiva, detalhes substanciais do ser ou objeto referidos, devidamente conhecidos por um público instruído nos mitos. E são esses elementos os meios necessários para uma avaliação mais próxima possível das qualidades dos personagens homéricos.

A descoberta da estrutura oral formular - tão importante para a caracterização de um personagem -, em *Ilíada* e em *Odisseia*, foi o marco introdutório para se compreender o processo de criação dos Poemas Homéricos. Na verdade, essa abordagem inteiramente nova

---

<sup>10</sup>Essa afirmação é importante na medida em que justifica um estudo acerca de fórmulas homéricas, enfatizando os epítetos, com o objetivo de compreender a caracterização de Odisseu. Assim, pode-se dizer que, enquanto os epítetos mostram a natureza do personagem, as situações descritas nas epopeias das quais o herói participa servem como exemplos de sua forma de agir. A conjugação dos epítetos e das situações revela e fundamenta decididamente o perfil de Odisseu nos Poemas Homéricos.

buscava mostrar um fundo tradicional nas obras, cujas evidências podem ser observadas com base em elementos que se repetem regularmente em Homero. Ela também se tornou um instrumento prático e coerente para analisar a origem do repertório de narrativas mitológicas e seu modo de divulgação em sociedades em que a comunicação artística era oral<sup>11</sup>. Corroborando Filkenberg<sup>12</sup> (2012, p. 73) ao afirmar que:

A hipótese de composição oral formular não só mudou, além do reconhecimento, a nossa percepção de Homero mas também de outras poesias tradicionais em todo o mundo. Ela destacou o fundo tradicional de muitas obras da literatura antiga e melhorou o nosso entendimento de como as sociedades pré-literárias acumularam e transmitiram seus conhecimentos.

Assim, o reconhecimento do caráter oral da poesia homérica, ou, nas palavras de Filkenberg “a hipótese de composição oral formular” - como está escrito na citação referida -, acarretou uma mudança significativa nas pesquisas divulgadas acerca das obras de Homero, conferindo credibilidade aos estudos realizados até então.

## **2.1 A fórmula e os epítetos homéricos**

### **2.1.1 A fórmula homérica**

---

<sup>11</sup>Segundo Thomas (2005, p. 41-2), os estudos realizados sobre a oralidade grega estão intrinsecamente ligados aos Poemas Homéricos, pois os resultados obtidos apoiam-se em grande parte no modo de composição das duas obras. Acrescenta o estudioso que o exame minucioso feito em *Ilíada* e em *Odisseia* se tornou um parâmetro usual na busca das características da poesia oral em outras sociedades ágrafas ao redor do mundo, como a “a épica escandinava antiga”, a anglo-saxônica, a africana e a poesia karakirghiz”.

<sup>12</sup>The hypothesis of oral formulaic composition not only has changed beyond recognition the perception of Homer and other traditional poetries all over the world. It has highlighted the traditional background of many works of early literature and enhanced our understanding of the ways in which pre-literary societies accumulated and transmitted knowledge.

Os estudos de Milman Parry<sup>13</sup> abriram caminho para um entendimento mais profundo e analítico acerca da composição de *Ilíada* e de *Odisseia* como obras de natureza essencialmente oral. A sua obra, *L'épithète traditionnelle dans Homère* - publicada em 1928 em Paris, resultado de pesquisas realizadas na Sorbonne -, foi importantíssima para as investigações em Homero, em razão de seu pioneirismo, e um viés especialmente inaugural diante dos modelos explicativos adotados.

Suas ideias e seus argumentos abalaram, anotou Thomas (2005, p. 42), de uma vez por todas, a concepção rígida de uma Grécia letrada desde Homero e mostraram as diferenças<sup>14</sup> entre uma sociedade oral e uma letrada. Além disso, afirma o referido estudioso que Parry considerava a *performance* do poeta estreitamente ligada ao público e ao contexto em que a poesia fora reproduzida. Poeta, público e situação formavam uma tríade inseparável diante da análise de uma poesia condicionada às técnicas de composição oral.

Inicialmente, no entanto, o referido estudioso enfrentou dificuldades para conseguir um orientador suficientemente convicto do caráter inovador de sua tese. Esse obstáculo não serviu de pretexto para desanimá-lo da pesquisa elaborada, e, em razão de sua insistência, os acadêmicos deram-lhe a oportunidade de defender suas proposições numa esfera regida pelo rigor institucional e pela seriedade metodológica da academia francesa, em especial a Sorbonne. Depois de defender e publicar sua obra, houve um espaço de tempo para que os classicistas dessem a devida atenção à tese de Parry, como atestou Rocha Pereira (1984, p.1) ao afirmar que:

---

<sup>13</sup>Segundo Filkenberg (2012, p. 73), “não seria exagero dizer que a hipótese de Parry-Lord foi uma das principais contribuições dos Clássicos ao discurso contemporâneo”. Os trabalhos de Parry foram reunidos numa coleção sob o título *The Making of Homeric Verse. The Collected Papers of Milman Parry*, cuja introdução, feita por seu filho Adam Parry, apresenta um primoroso estudo crítico acerca das obras de seu pai. Essa introdução foi reimpressa no livro de Adam Parry, publicado em 1990, intitulado *The language of Achilles and Others Papers* (p. 195-264).

<sup>14</sup>Essas diferenças podem ser encontradas, num formato crítico, nas obras de Lord (1960), Havelock (1963), Ong (1982) e Foley (1988), como indicou Thomas (2005, p. 42, nota 2).

Poucos foram os que atentaram na novidade daquele estudo, ou mesmo de outros ainda mais importantes que se lhe seguiram na década de 30, "The Epic Technique of Oral Verse-Making", em duas partes, editadas nos *Harvard Studies in Classical Philology*. Só verdadeiramente pelos meados deste século é que eles ganharam audiência junto dos especialistas de Homero, particularmente nos países de língua inglesa, e deram origem a um vasto caudal de investigações que prolongaram a tese inicial, explorando as suas consequências em múltiplas direções.

A tese central de Parry consistia em afirmar que os Poemas Homéricos eram obras feitas caracteristicamente para atender as exigências de uma poesia oral, cuja composição estava estreitamente ligada à métrica<sup>15</sup>. Essa era uma posição resultante de estudos propostos por ele mesmo e analisados de forma cuidadosa - que também ratificavam as pesquisas já realizadas<sup>16</sup> até então - acerca do fato de que muitas estruturas homéricas, consideradas ultrapassadas e obsoletas na época da composição dos poemas, foram mantidas, porque eram adequadas ao critério métrico utilizado nas epopeias.

Como se pode perceber, a constatação da oralidade dos Poemas Homéricos já havia sido feita por estudos anteriores aos de Parry. Porém, de forma inovadora, ele acrescentou<sup>17</sup> que a técnica utilizada na composição das obras tinha por base a fórmula, que seria “uma

---

<sup>15</sup>Um importante estudo para conhecer as pesquisas já publicadas acerca das técnicas orais em Homero pode ser encontrado em Latacz (1979, p. 25-44). O estudioso apresenta um relato pormenorizado dos trabalhos que versam sobre esse tema, cujo intuito inicial visava a compreender o processo de composição oral, mostrando as várias partes constitutivas desse método.

<sup>16</sup>Já no ano de 1840, Gottfried Hermann, cujo trabalho foi reimpresso em Latacz (1979, p. 47-59), afirmara que os poemas de Homero foram compostos inicialmente em uma sociedade basicamente oral.

<sup>17</sup>Segundo Latacz (1979, p. 25-44), as pesquisas realizadas por Parry foram motivadas - mesmo que de forma indireta - primeiramente pelas afirmações de Wolf (1795), ao considerar, em sua obra *Prolegomena ad Homerum*, que Homero era analfabeto. Essa compreensão inicial da inexistência de um sistema escrito, no qual Homero se tivesse pautado para estruturar seu poema, fez Parry acreditar num padrão elaborado de técnica oral. O passo seguinte foi analisar os Poemas Homéricos, buscando indícios que sustentassem uma argumentação plausível sobre os meios utilizados para compor as duas obras. Assim, de acordo com esse breve comentário de Latacz, percebe-se a importância da conclusão de Wolf, referendada por estudos posteriores, inclusive os de Parry.

expressão regularmente empregada sob as mesmas condições métricas para expressar uma dada ideia essencial”<sup>18</sup> (Parry 1971, p. 13; essa definição foi repetida com uma pequena modificação na p. 272)<sup>19</sup>. Além disso, ele salientou que a fórmula não poderia ser empregada de forma indiscriminada pelo poeta, mas deveria obedecer a critérios de versificação, isto é, do hexâmetro dactílico, a unidade métrica utilizada na composição das epopeias homéricas.

Assim, as diversas fórmulas encontradas em *Ilíada* e em *Odisseia* são as mais adequadas à estrutura métrica exigida no momento da execução. Isso evidenciaria um repositório de fórmulas devidamente conhecidas pelo aedo, por fazerem parte da tradição oral e serem aceitas como parte de uma herança cultural estabelecida durante anos. Essa ideia era bastante pertinente, pois respondia aos questionamentos feitos sobre termos usados pelo poeta sem uma conexão lógica com o contexto<sup>20</sup>. À título de exemplificação, citamos com Rocha

---

<sup>18</sup> “an expression regularly used, under the same metrical conditions, to express an essential idea”.

<sup>19</sup>Uma outra definição importante de fórmula - citada por Maria Helena da Rocha Pereira (1984, p. 2) e Edwards (1986, p. 191), que sublinha e esclarece de forma mais simples o que propôs Parry - foi dada por J. B. Hainsworth (1968, p. 35-6) em seu livro *The Flexibility of the Homeric Formula*, ao afirmar que “fórmula é um grupo de palavras que se repete”. Acrescentamos que Hainsworth, em seu artigo “The Homeric Formula and the Problem of its Transmission”, não só propõe uma definição para fórmula mas também faz um estudo abrangente sobre a técnica formular em Homero. Para um exame detalhado sobre fórmula, Scott (2009, p. 144 ), em seu livro *The Artistry of the Homeric Simile*, indica como leitura complementar os seguintes estudos: “Structure and Content in Epic Formulae: The Question of the Unique Expression,” *CQ* 14 (1964), p. 155-64, and *The Flexibility of the Homeric Formula* (Oxford 1968), J. A. Russo, “A Closer Look at Homeric Formulas,” *TAPhA* 94 (1963), p. 235-47 and “The Structural Formula in Homeric Verse,” *YCS* 20 (1966), p. 219-40, William W. Minton, “The Fallacy of the Structural Formula,” *TAPhA* 96 (1965), p. 241-53, and Michael N. Nagler, *Formula and Motif in the Homeric Epics: Prolegomena to an Aesthetics of Oral Poetry* (Diss. Berkeley, 1966).

<sup>20</sup>O significado de alguns epítetos nos Poemas Homéricos ainda suscita dúvidas. Romilly (2001, p. 15) acredita que, até mesmo para o compositor das epopeias, seu sentido havia se perdido no tempo, causando certa estranheza, sendo apenas utilizados pela força da tradição. Um exemplo bem específico pode ser observado na expressão “Hera, de olhos de vaca”, na qual a deusa recebe uma qualificação imprecisa em relação ao seu verdadeiro sentido. Segundo a estudiosa (*ibidem*): “E o fato é que, por vezes, estas mesmas fórmulas conservam termos antigos, pouco claros, que atestam a sua antiguidade: ainda hoje se discute o verdadeiro sentido a dar aos nomes de Hera ‘com olhos de vaca’ (*boôpis*) ou de Hermes destruidor de Argos (*argeiphontês*); talvez até Homero já não soubesse seu significado”. Afirma a estudiosa (2001, p. 25) que “as duas epopeias conservam arcaísmos notáveis, que já não deviam ser usados no século VIII, e ainda menos no VI”. Acrescenta também



Pereira (1984, p. 8) a fórmula *cheirì pacheílei*, “com sua mão robusta”, usada corretamente na cena em que Odisseu corta um ramo de árvore com as mãos para cobrir sua genitália (*Od.* VI, v. 128), porém, de modo inadequado, no canto XXI da citada epopeia (vv. 6-7), já que se refere à mão feminina de Penélope. Acerca desses dois passos, a estudiosa afirma que “em ambos os casos e em mais um ou outro que omitimos, julgamos mais plausível a aceitação pura e simples da evidência de que uma fórmula foi aplicada com mais automatismo do que reflexão”.

A questão principal era a falta de certeza em relação à própria composição dessas fórmulas em Homero<sup>21</sup>, pois havia a concepção de considerá-las um produto inaugural, criada por uma mente capaz de adaptar os recursos poéticos disponíveis para realizar um canto sem precedentes. A esse respeito vale lembrar que Nagy (2004, pp. 61 e 78-9) é categórico em afirmar, em relação à *performance* do poeta no momento da execução, que nenhum canto -

---

(2001, p. 27) que “na sua diversidade a linguagem homérica nunca foi falada por ninguém. Foi-o (*sic*) somente pelos poetas. Reflete todo o conjunto da longa tradição de que saiu e a deliberada aspiração para ser uma linguagem poética”. Acerca dessa questão, Rocha Pereira (1984, p. 6) avança a hipótese de certos epítetos serem uma reminiscência de uma etapa tereomórfica da religião grega, muito embora acrescente que as divindades helênicas desde o princípio eram antropomórficas. Para a estudiosa, essa questão não está solucionada. Segundo Edwards (1986, p. 193), Parry “examinou “glossas” ornamentais, palavras homéricas cujo significado é desconhecido ou duvidoso, mostrando que elas sobreviveram, mesmo depois de seu significado ter sido esquecido, por causa de sua conveniência métrica”. “Parry examined ornamental “glosses,” Homeric words whose meaning is unknown or doubtful, showing that they survived even after their meaning was forgotten because of their metrical convenience”.

<sup>21</sup>Para apoiar suas conclusões acerca da composição dos Poemas Homéricos, Parry observou um grupo de bardos iugoslavos que não se utilizavam da escrita para reproduzir suas canções. Se não era uma amostra perfeita, tornou-se ideal, porque evidenciava como um poeta, numa sociedade basicamente oral, submetido provavelmente às mesmas condições enfrentadas por Homero, conseguia fazer poesia. O estudioso constatou uma série de similaridades entre os Poemas Homéricos e as composições dos bardos, destacando-lhes o emprego de fórmulas durante a apresentação, a linguagem e a escolha dos temas a serem reproduzidos. Nessa perspectiva, a comparação poderia ser feita sem objeções, e o resultado prático não foi inútil: assim como os bardos iugoslavos, as obras de Homero eram poesia oral, e ele se utilizava da mesma técnica para compor seus poemas. As canções colhidas entre os cantores iugoslavos e algumas entrevistas encontram-se registradas no livro *The Making of Homeric Verse* de Milman Parry, editado por seu filho Adam Parry e publicado em 1971.

numa sociedade oral como a de Homero - pode ser considerado igual a outro, pois é praticamente impossível existir uma reprodução sem variação. Embora exista uma similaridade por causa das técnicas e do sistema usados para compor uma obra, Nagy (2004, pp. 61 e 78-9) acredita que a poesia homérica “seja capaz de gerar versões multiformes em vez de uniformes; e nenhuma versão pode ser privilegiada como superior em si...”<sup>22</sup>. Assim, Homero não se valera daquilo que aprendera para reproduzir algo já feito, mas para recriar uma poesia singular nunca outrora recitada nas mesmas condições. Reconhece-se aqui o esforço de o poeta elaborar um poema capaz de demonstrar sua habilidade e originalidade diante dos mais variados cantos existentes.

De modo análogo a Parry, outros estudiosos, como Nagy (1990, p. 79), por exemplo, asseveram que as fórmulas não foram, de forma alguma, produzidas por um gênio criador, porque elas, na verdade, já estavam prontas para ser usadas por qualquer poeta. Essa posição deixa evidente uma lacuna nas afirmações propaladas, muitas vezes sem uma análise argumentativa plausível, de que Homero criara sua obra do nada, sendo autor de um estilo particular, de uma linguagem própria e de um conteúdo único.

Para os que seguem essa corrente interpretativa, o poeta de *Iliada* e de *Odisseia* não elaborou previamente as fórmulas, criando clichês jamais previstos, mas empregou, em suas canções, fórmulas tradicionais devidamente projetadas em relação à forma e ao conteúdo. Haveria, então, uma certa restrição na composição pela falta de uma condição para improvisar durante a *performance*.

Nessas circunstâncias, a capacidade do poeta repousaria em seu conhecimento das diversas fórmulas cristalizadas pela tradição e em sua habilidade de empregá-las em contextos

---

<sup>22</sup>“If indeed Homeric poetry, as a system, derives from traditional oral epic diction, then we can expect such a system to be capable of generating multiform rather than uniform versions, and no single version can be privileged as superior in and of itself...”

específicos condicionados por critérios métricos. E o resultado inequívoco das afirmações de Parry foi de que o uso de muitos adjetivos de pessoas e coisas, somados às várias descrições de processos naturais repetitivos, como o amanhecer e o anoitecer, por exemplo, ficaria circunscrito à forma e não propriamente ao significado.

Segundo Parry (1971, p. 16), as repetições de versos, grupos de versos e hemistíquios serviam como descanso para a memória, enquanto o cantor pensava na sequência de versos a seguir num dado episódio. Assim, as fórmulas em si não faziam parte de um processo de criação mais complexo, ao contrário, sua utilização era praticamente uma ação mecânica<sup>23</sup>, pois já estavam prontas para ser inseridas em uma narrativa, bastando ao poeta simplesmente adaptá-las às condições métricas exigidas. Acrescentou que as fórmulas “constituem um distinguido sistema por sua grande extensão e simplicidade”<sup>24</sup>.

O critério da simplicidade que pode ser chamado também de economia<sup>25</sup> (PARRY, 1971, p. 10-6) deve ser realçado, pois, diante de uma série de fórmulas que poderiam ser usadas livremente, o poeta, na verdade, tinha ao seu dispor um grupo que se encaixaria adequadamente na narrativa para atender às regras do hexâmetro dactílico. Se ele dissesse algo num espaço métrico, toda a exposição somente faria sentido se a fórmula empregada não infringisse a exigência do metro utilizado. Essa economia poderia comprovar a simplicidade no uso das fórmulas e ser um argumento evidente sobre a grande participação de uma tradição possivelmente centenária nas duas epopeias de Homero.

---

<sup>23</sup>A *Iliada* e a *Odisseia* não deveriam ser consideradas obras criadas por uma pessoa com uma mente singularmente inspirada, cuja inspiração deve ser entendida na acepção mais restrita: algo original e ainda mostrado pela primeira vez em público. Se conferirmos ao significado do termo inspiração um sentido *lato*, poderemos supor que o poeta dos Poemas Homéricos soube reunir de forma magistral todo o material disponível e organizá-lo em uma sequência lógica em hexâmetro dactílico, de tal modo que o resultado obtido foram duas obras monumentais que mostravam os usos e os costumes de uma cultura pré-helênica em extinção.

<sup>24</sup> “they constitute a system distinguished at once by great extension and great simplicity”.

<sup>25</sup>Uma posição contrária ao critério de economia, proposto por Parry, pode ser encontrada em Vivante (1982, pp. 158-9 e 164-7).

Se isso realmente acontecesse, toda a análise feita, de maneira lógica, de qualquer assunto abordado nos dois poemas correria o risco de se tornar uma suposição infundada, porque a posição das fórmulas não representaria uma organização meticulosa, projetada na intencionalidade significativa das palavras, mas uma adaptação convencional desses clichês com base no expediente métrico prevalecente.

Essas investigações proporcionaram uma nova maneira de interpretar o texto homérico e fomentaram uma série de estudos que reconheciam antes de tudo a *Ilíada* e a *Odisseia* como poemas criados de uma tradição formular. Não foram poucos os estudiosos que, motivados pelas descobertas de Parry, tentaram explicar o modo de composição das epopeias, produzindo pesquisas cada vez mais abundantes nessa área<sup>26</sup>.

Essa questão foi tão amplamente debatida que Griffin (1980, p. XIII-XVI)<sup>27</sup>, embora reconheça a importância da contribuição dos trabalhos de Milman Parry, critica a maneira como ela foi recebida na academia logo após sua atestação. O estudioso inglês não aceitava o fato de haver uma diminuição das pesquisas que tinham como escopo o conteúdo dos poemas na mesma proporção que havia um aumento dos estudos para compreender sua forma.

Segundo Griffin (1980, p. XIII-XVI), se os argumentos de Parry fossem totalmente aceitos, seria imprudente analisar o conteúdo dos poemas com base num pensamento analítico, no qual a decomposição por temas acarretaria o entendimento de toda a estrutura poética envolvida. Griffin não nega que a compreensão das fórmulas como partes de um processo de composição oral tivesse sido uma descoberta revolucionária, porém faz

---

<sup>26</sup>Segundo Filkenberg (2012, p. 73), a hipótese de Parry “estimulou, direta ou indiretamente, as ideias de Eric Havelock, MacLuhan Marshall, Ong Walter, Jack Goody e outros cujos trabalhos influenciaram profundamente a maneira como o papel cultural das tecnologias de comunicação foi percebido no mundo contemporâneo”. [stimulated, directly or indirectly, the insights of Eric Havelock, Marshall Macluhan, Walter Ong, Jack Goody, and others whose work has deeply influenced the way in which the cultural role of technologies of communication is perceived in the contemporary world.]

<sup>27</sup> Cf. prefácio de *Homer on Life and Death*, 1980, p. XIII-XVI.

advertência quanto ao critério semântico que, por vezes, é também utilizado pelo poeta na composição de seus versos.

Essa profusão de estudos tornou-se ainda mais intensa quando os especialistas notaram algumas lacunas<sup>28</sup> ou, até mesmo, incongruências nas afirmações de Parry, quais sejam, a métrica determinar a fórmula utilizada e não o contexto; a definição de fórmula não contemplar todas as expressões formulares presentes nos Poemas Homéricos, e, ainda, o fato de o estudioso considerar a *Ilíada* e a *Odisseia* obras totalmente formulares. As inconsistências encontradas na tese de Parry - que num primeiro momento o exaltaram - produziram um efeito devastador em sua teoria.

O erro conceitual de Parry é enfatizado se aos seus primeiros estudos, já comentados anteriormente, considerarmos a segunda parte de suas pesquisas em Homero. Como assinala Filkenberg (2004, p. 236), o trabalho de Parry é dividido em duas partes: a primeira acontece no momento em que ele se encontra na França, na década de 1920, e publica *L'épithète traditionnelle dans Homère*; e a segunda ocorre já nos Estados Unidos, na década de 1930, com o *The Epic Technique of Oral Verse-Making*, uma obra editada em duas partes pelas *Harvard Studies in Classical Philology*. O conteúdo de cada parte fica nítido nas palavras de Filkenberg (2004, p. 236), ao explicar que:

Não só cronologicamente, mas também no conteúdo, os estudos de Parry das fórmulas homéricas se dividem em duas partes: as publicações francesas da década de 1920 e as publicações americanas

---

<sup>28</sup>Essas lacunas promovem uma nova concepção acerca das características da poesia oral. Isso não significa dizer que a formulação de Parry esteja errada - pelo contrário, ela é esclarecedora quando o assunto é poesia oral, e se tornou referência entre os estudiosos, como já se comentou anteriormente, mas pontos carentes de uma elaboração abrangente precisam ser mais debatidos, antes de serem aceitos como verdades incontestáveis. Essa afirmação incide, sobretudo, no fato de Parry considerar mecânico o modo oral de se fazer poesia, dando pouca margem para o improviso e a reflexão. Na verdade, o fazer poético pode mostrar-se muito mais criativo do que Parry imaginava e constantemente em transformação pelas próprias características da oralidade. Além disso, havia uma probabilidade de o poeta, momentos antes de se apresentar, trabalhar os temas escolhidos, relembrar as fórmulas empregadas e aperfeiçoar a linguagem conforme seu público e contexto de enunciação.

da década de 1930. No primeiro caso, Parry mostrou, inicialmente, que existem fórmulas e sistemas de fórmulas em Homero, e em seguida, que elas são caracterizadas pela extensão e economia. Ele identificou o estilo - que ele, assim, descreveu - como "tradicional." Foi só nas publicações americanas da década de 1930 que ele introduziu a hipótese de que o caráter formular do estilo homérico deve ser explicado, por ser o estilo característico de composição oral<sup>29</sup>.

Filkenberg (2004, p. 236) diz ainda que Parry, após identificar e definir o termo fórmula, mostrando também seu funcionamento - parte do trabalho inicial do estudioso publicado em Paris -, entendeu que a fórmula é a base da estrutura oral utilizada pelo narrador dos poemas para criar sua obra - concepção expressa nos textos escritos em inglês. Na verdade, como se pode perceber, as publicações americanas em *The Epic Technique of Oral Verse-Making* trouxeram a público uma pesquisa considerável, que não só completa um pensamento exposto em *L'épithète traditionnelle dans Homère*, mas também tenta retificar algumas posições no mínimo duvidosas.

A contradição mais aparente e considerada um incômodo para os estudiosos se dava numa lógica bastante fortuita, qual seja: se Homero está inserido numa cultura oral e sua fonte para compor é a tradição formular, os seguidores de Parry começaram a reconhecer os Poemas Homéricos como uma obra de caráter essencialmente formular<sup>30</sup>. Foi feita, então,

---

<sup>29</sup>Not only chronologically but also in content Parry's studies of the Homeric formulae fall into two parts: the French publications of the 1920s and the American publications of the 1930s. In the former, Parry showed, first, that there are formulae and formulaic systems in Homer, and second, that they are characterized by extension and economy. He identified the style he thus described as "traditional." It is only in the American publications of the 1930s that he introduced the hypothesis that the formulaic character of the Homeric style is to be explained by its being the characteristic style of oral composition.

<sup>30</sup>Filkenberg (2004, p. 236) observa que "já foi mostrado mais de uma vez que a teoria de composição formular, na forma originalmente explicada por Milman Parry, está longe de ser homogênea". [It has been pointed out more than once that the theory of formulaic composition in the form originally given it by Milman Parry is far from homogeneous.] Acrescenta ainda a autora que a tese de Parry de composição formular foi analisada, e suas incongruências expostas em trabalhos realizados por Hoekstra (1965, p. 10-2), Holoka (1991, p. 457-60), Sale (1996, p. 377), Foley (1997, p. 147-9), e Bakker (1999, p. 166-7).

uma equiparação de significado, em que os termos tradição formular e oralidade passaram a ser sinônimos. Tal descuido proporcionou uma série de críticas, pois tudo em Homero passou a ser considerado fórmula, como bem assinalou Filkenberg (2004, p. 236):

Um subproduto deste desenvolvimento foi que, para todos os efeitos práticos, (o termo) "oral" tornou-se (semelhante a) identificado com "fórmula", dando origem à visão generalizada de que 100% da oralidade equivale a 100% formular. A partir de então, a alegação de que dicção homérica é oral-tradicional tornou-se equivalente a afirmar que tudo em Homero se baseia em fórmulas. [...] a afirmação de que 100% de Homero é formular é extremamente problemática<sup>31</sup>.

Além disso, o problema central desse equívoco estava na aplicação da definição de fórmula originalmente oferecida por Parry e nos critérios estabelecidos de repetição, economia e extensão. A definição não conseguia dar conta de todas as situações em Homero e excluía, sem uma explicação plausível, excertos característicos de uma irregularidade exposta nos poemas. Por isso, nos estudos da década de 1930, Parry tentou modificar certas explicações contidas nos textos escritos em francês.

Para resolver essa situação, duas propostas foram sugeridas: era possível questionar veementemente os estudiosos que insistiam em afirmar serem 100% da narrativa homérica formular, pois esse posicionamento era produto de uma repetição desenfreada de uma teoria aceita na sua integralidade. Nessas circunstâncias, seria mais adequado mostrar os acertos da teoria de Parry e também expor os defeitos que impossibilitavam seu emprego da forma como fora proposta; dizer que Homero não era 100% formular facilitaria todo o processo de harmonização entre o que se propunha e o que se esperava. Ampliar a definição para que ela pudesse abarcar todas as expressões em Homero, até mesmo as não previstas, era uma alternativa em consideração.

---

<sup>31</sup>A by-product of this development was that for all practical purposes "oral" became identified with "formulaic," giving rise to the idespread view that 100% orality amounts to 100% formularity. From then on, to claim that Homeric diction is oral-traditional has become equivalent to claiming that all of Homer consists of formulae. (...) the claim that 100% of Homer is formulaic is highly problematic.

Albert Lord, discípulo e continuador das pesquisas de Parry, notando algumas questões ainda sem respostas satisfatórias acerca do uso formular, expôs suas conclusões sem contrariar seu mestre de estudo, mas complementando as observações já feitas por Parry no livro *The singer of Tales*. Para Albert Lord (1960, p. 4), a *performance* do poeta, no momento da execução, é única e, desse ponto de vista, original, em razão de se diferenciar de qualquer outro canto existente, criando um produto jamais feito nas mesmas condições, apesar de se valer das várias fórmulas existentes. O poeta não recita somente, mas cria com base no que já foi estabelecido pela tradição. Assim, o compositor se utiliza de um recurso de um processo oral de poesia, fazendo algo novo, mas sua inovação se fundamenta na tradição.

As fórmulas, os temas e as canções aprendidas por meio de outros cantores são empregadas num processo rítmico e métrico já dominado pelo poeta, que os utiliza para criar outras frases e expressões formulares com base nessa tradição oral. Tudo é feito no momento da *performance*, e sua habilidade se deve à capacidade de se valer das fórmulas existentes, buscando um condicionamento métrico inovador, com novas possibilidades de emprego para o que deseja expressar. Nessa perspectiva (LORD, 1960, p. 43), o poeta não decorava as fórmulas e recitava de modo mecânico, mas o fazia para estabelecer um conjunto novo de variantes possíveis, ou seja, ele aprende a utilizar o sistema de fórmulas para criar outras com a mesma ideia.

Com base no que observou Lord, poderíamos dizer que a relação do cantor com as fórmulas seria a mesma do cantor com os temas escolhidos para cantar. O poeta não repete o que foi falado, mas utiliza-se de um tema específico para expressar, com outras palavras, a mesma ideia. Nessa perspectiva, existe uma flexibilidade no uso das palavras, desde que as mudanças respeitem a tradição, ou seja, a métrica aprendida e os temas já conhecidos. Exemplificamos com Rocha Pereira (1984, p. 2) a fórmula empregada para o amanhecer: “Aurora de dedos róseos” (*Il. I, v. 477*); e “Aurora vestida da cor do açafraão” (*Il. VIII, v. 1*).



Ao comentar os referidos epítetos, a autora observa que, embora sejam diferentes, aludem às cores naturais do amanhecer do dia. Acrescenta ainda o caráter antropomórfico da deusa que possui dedos róseos e se apresenta com vestes da cor do açafraão.

De acordo com Lord (1960, p. 100), um poeta, no momento da execução de uma canção, não consegue recitar o mesmo poema na íntegra pelas próprias características da poesia oral. É difícil então imaginar uma reprodução *ipsis litteris* de um poema em *performance*, se a particularidade dessa transmissão reside justamente em seu caráter oral, no qual há um mesmo tema sendo cantado de formas diferentes em razão da própria individualidade artística. Os poemas que apresentam variantes de uma mesma canção são processados numa mesma fonte, qual seja, a tradição, e se tornam uma nova versão de uma mesma canção. Por isso, continua o pesquisador americano, a insistência em procurar uma versão original dos poemas é inapropriada, pois, numa sociedade onde toda uma tradição é transmitida oralmente, o diferente não é visto com estranheza, mas a forma como o diferente se apresenta pode revelar a capacidade do cantor. Em outras palavras, há uma parte que não pode mudar e outra flexível, na qual o cantor preenche com sua criatividade/habilidade em *performance*.

Além disso, Lord (1960, p. 44.) enfatizou a possibilidade de os Poemas Homéricos, seguindo regras impostas por uma tradição oral, terem sido ditados posteriormente para alguém registrá-los por escrito, hipótese que ficou conhecida como “tese do ditado”. Nessa questão, fica evidente uma proposição para sublinhar o momento e o tempo disponível pelos compositores para projetar um poema com muito mais cuidado e elaboração, em razão de poder pensar no que vai dizer com bastante antecedência num ritmo mais cadenciado e fora da pressão de uma execução para um público exigente.

Assim, seguindo os pressupostos de Lord, os Poemas Homéricos podem ser produto de um único compositor ou mais, representando uma classe de poetas e redatores cômicos de

que deveriam reproduzir um texto com as particularidades da tradição oral. Lord (1960, p. 44) ainda propõe que os poemas foram ditados em partes para um registro mais fidedigno possível a sua composição oral. O produto final caracterizaria anos de transmissão oral e escrita. Esse fato poderia ser entendido como uma proposta para dar harmonia aos dizeres de Parry em conexão com as descobertas de Lord, ou mostrar uma reprodução oral sob um sistema escrito que mantém as particularidades da poesia tradicional<sup>32</sup>.

### 2.1.2 O epíteto homérico

A fórmula mais simples na poesia homérica, no que diz respeito à extensão, é o epíteto, expressão comumente usada para qualificar o nome ao qual se refere. Essa explicação está na esteira de Parry<sup>33</sup> que definiu o epíteto como um termo que se junta a um nome para adjetivá-lo. Na verdade, o ponto inicial de seus estudos sobre os Poemas Homéricos partiu de sua percepção sobre a combinação nome próprio e qualificativo.

Parry notou um sistema extremamente comum em toda a poesia de Homero e constatou um processo complexo de composição, no qual os personagens recebiam quase sempre uma caracterização com base numa estrutura periférica inseparável, qual seja, nome e

---

<sup>32</sup>Para Notopoulos (1964, p. 20), a poesia oral sobreviveu à introdução da escrita, sendo uma tradição que teve origens nos tempos micênicos e durou até o início do século V a.C. O referido estudioso (p. 24) entende que a preservação dos nomes dos heróis em monumentos, epigramas, epitáfios e objetos foi o momento inicial para resultar posteriormente numa tentativa de registrar por escrito as ações desses heróis imortalizados pelos cantos aedos. Essa transição não aconteceu de repente, mas passou por várias fases até proporcionar condições de um registro total dos poemas. Assim, podemos verificar que a escrita não serviu inicialmente para anotar descrições complexas, pelo contrário, sua utilização no começo pretendia somente fazer lembrar de nomes e coisas importantes para os concidadãos. Após a efetivação e o inteiro domínio dos mecanismos da escrita foi possível criar um sistema para registrar grandes enunciados como os Poemas Homéricos.

<sup>33</sup>Cf. PARRY, 1980, pp. 14 e 20-3; 1928, pp. 16 e 24-8.

epíteto. Podemos saber um pouco sobre a lista de epítetos elencados por Parry pelo comentário feito por Edwards (1986, p. 11):

Parry listou as fórmulas de nome próprio e epíteto mais comuns após a cesura do meio-verso (10-13) e após a cesura no quarto pé (15-16), e deu tabelas mostrando as fórmulas de diferentes comprimentos de onze dos principais deuses e heróis no caso nominativo (39) e no caso genitivo (57). Ele também listou as fórmulas de nome próprio e epíteto de heroínas (97sg.), povo/raça grega (101), para outros povos (99sgg.), e para países (106-9)<sup>34</sup>.

Em sua obra *L'épithète traditionnelle dans Homère*<sup>35</sup>, publicada em 1928, Parry assevera que o emprego de um epíteto estava condicionado preferencialmente à métrica e não a seu significado no contexto. Assim, o poeta tinha uma série de epítetos em sua memória e utilizava-os, observando a quantidade de sílabas para completar o hexâmetro, ou seja, o epíteto empregado junto a um nome era o mais adequado, porque atendia à exigência métrica. Essa liberdade de escolha<sup>36</sup> no uso de epítetos é o ponto em questão. Assim, Parry rejeitava a existência de um gênio criador para os poemas, capaz de formular epítetos e empregá-los de maneira consciente para dar contornos significativos à narrativa.

---

<sup>34</sup>Parry listed the commonest proper name and epithet formulae after the mid-verse caesura (10-13) and after the caesura in the fourth foot (15-16), and gave tables showing the formulae of different lengths for eleven major gods and heroes in the nominative case (39) and the genitive case (57). He also listed the proper name and epithet formulae for heroines (97f.), for the Greek race (101), for other peoples (99ff.), and for countries (106-9).

<sup>35</sup>Os estudos acerca das técnicas orais em Homero receberam importância devida quando Wolf afirmou que o autor das duas epopeias não se apoiara em material escrito para compor suas obras, mas se utilizara totalmente da sua capacidade rememorativa para recitar seus poemas de cor. Em seu trabalho *Prolegomena ad Homerum* (1975), Wolf acreditava ter sido Homero um homem iletrado. Se o autor tivesse tido contato com algum sistema letrado, isso talvez não fosse difícil de comprovar, mas aparentemente sua preocupação era desenvolver um mecanismo para tornar suas canções perfeitamente agradáveis para seu público. A posição de Wolf trouxe uma nova compreensão entre os estudiosos e também uma nova projeção para os estudos acerca do processo de composição dos Poemas Homéricos, em especial os artifícios empregados pelo poeta quando dependia exclusivamente de uma tradição para cantar gestas de heróis e deuses transmitidas oralmente.

<sup>36</sup>Gepper, em 1840 (*apud* EDWARDS, 1986, p. 188), acreditava que determinados epítetos estavam tão intimamente ligados a alguns substantivos que sua utilização fora do padrão já conhecido poderia causar certa estranheza. Por isso mesmo, ele aceitava o fato de o poeta ter tido poucas opções no emprego dos epítetos, reduzindo assim as possibilidades de haver uma criação particular.

Além disso, essa relação de significado entre o nome e o epíteto serve muitas vezes para realçar a habilidade<sup>37</sup>, a aparência<sup>38</sup>, a origem<sup>39</sup>, posição social<sup>40</sup> do ser em questão, projetando-lhe uma imagem característica padrão.<sup>41</sup> Acrescentamos que a função do epíteto pode ser desempenhada por um substantivo, um adjetivo ou uma expressão e, por causa desse sentido atribuído ao termo, em algumas situações nem é preciso usar o nome, pois o epíteto serve para substituí-lo, caracterizando assim uma figura de linguagem denominada antonomásia.

A tese de Parry, segundo a qual o uso do epíteto estava condicionado aos critérios de economia e extensão, tornou-se a única teoria que defendia, de forma singular, as características dos epítetos em Homero. Embora a obra de Parry tenha sido objeto de críticas, Edwards (1986, p. 189) afirma que os argumentos do estudioso, apresentados com base em observações descritas com o máximo rigor, constituem uma inovação entre os estudiosos de Homero.

Empregando um método didático, Parry (1971, p. 153-65) classificou os epítetos homéricos em duas categorias: ornamentais<sup>42</sup> (também chamados de fixos) e particularizados. No que diz respeito ao primeiro tipo de epíteto, afirmou o estudioso que seu uso não está condicionado pelo contexto - não há ligação com o verso no qual é expresso nem com a narrativa em que está inserido -, mas aparecem unicamente por conta da métrica, como, por exemplo, o epíteto ornamental genérico *δῖος*, “divino”, aplicável a qualquer herói, como atestou Rocha Pereira (2006, p. 54, nota 5); o segundo se refere a uma ação em questão, sendo

---

<sup>37</sup>Cf. *Ilíada* I, v. 84 (Aquiles de pés ligeiros); *Odisseia* XIII, v. 382 (o astucioso Ulisses).

<sup>38</sup>Cf. *Ilíada* I, v. 595 (Hera de alvos braços); *Odisseia* I, 332 (o louro Menelau).

<sup>39</sup>Cf. *Odisseia* IV, 555 (o Filho de Laertes).

<sup>40</sup>Cf. *Odisseia* XIV, v. 165 (o porqueiro Eumeu).

<sup>41</sup> A tradução dos epítetos citados nas notas 37 a 40 é nossa.

<sup>42</sup>Bergson (1956, p. 19), já em sua época, considerava o trabalho de Parry uma referência nos estudos homéricos, em virtude de suas proposições sobre os epítetos em Homero.

empregado conforme a situação específica. Com base nessa classificação, Parry considerou os epítetos ornamentais como tradicionais na poesia épica.

Obedecendo, então, a esse critério de classificação dos epítetos, a análise de qualquer termo usado nessa função deveria considerar sempre a possibilidade de ele ser ornamental ou particularizado. Segundo Parry, a inserção do qualificativo numa dessas duas categorias facilitava a compreensão de seu significado e produzia um entendimento mais adequado na tarefa de descobrir sua importância para o contexto.

Parry, então, reconhecendo os problemas para examiná-los por falta de um método, propôs quatro indícios para classificar um epíteto como ornamental: o especialista – para cumprir seu objetivo - deveria verificar se o uso do epíteto está condicionado à métrica e não ao sentido; distinguir se o epíteto em análise é tradicional; em seguida, observar se sempre é ornamental; e, finalmente, certificar-se se é frequentemente genérico. Para classificá-lo como particularizado, o estudioso deve separar o verso em que o epíteto aparece; dar um sentido restrito de acordo com o contexto em que está inserido; e analisar o epíteto em outras passagens para entender se seu sentido é o mesmo.

Além disso, Parry dividiu os epítetos ornamentais em duas categorias: genéricos e distintivos. A ocorrência deste último se dá quando o epíteto é utilizado somente para uma pessoa obedecendo ao espaço métrico devido. Na tentativa de explicar este tipo de epíteto, Edwards (1986, p. 193) assevera que:

Epítetos "Distintivos" são aqueles utilizados para uma só pessoa numa configuração métrica. Parry mostrou que, de 40 fórmulas diferentes nome-epíteto uma forma métrica em um caso gramatical, apenas seis não foram para um único personagem, 34 foram reservadas para cada uma das 34 pessoas. Ele afirma que um poeta não poderia criar um sistema tão especializado, por isso que ele deve ser tradicional (p. 37sg.)<sup>43</sup>.

---

<sup>43</sup>“Distinctive” epithets are those used for one person alone in one metrical configuration. Parry showed that of 40 different name-epithet formulae of one metrical shape in one grammatical case, only six were not unique for

O epíteto genérico, por sua vez, é justamente o contrário do distintivo, já que ele pode ser aplicado para mais de um personagem. Mais uma vez, a explicação de Edwards é esclarecedora nesse ponto, pois, em sua ponderação, afirma que “epítetos ‘genéricos’ ocupam uma posição fixa no verso (muitas vezes separados do nome pessoal), referem-se a características heroicas gerais e podem ser usadas para qualquer deus ou herói (1971, 64 sg., 83seg.)”.

Nagy, embora respeite o critério métrico proposto por Parry, acrescenta que o primeiro regulador para o emprego de um epíteto é sua significância para o contexto<sup>44</sup>. Esta proposição suaviza a teoria de Parry e equilibra o posicionamento de outros estudiosos, cujo objetivo seria buscar informações não só sobre o modo de vida daquela sociedade retratada nos poemas, mas também sobre as características dos homens e dos deuses mencionados.

Ora, a aplicação da teoria de epíteto proposta por Parry torna quase impossível saber se um epíteto refletia realmente os traços marcantes de um personagem - fosse ele um deus fosse homem -, ou as particularidades de um objeto ou lugar. Na verdade, não se poderiam fazer considerações ou um estudo aprofundado em relação aos aspectos de qualquer ser mencionado nas epopeias, caso as razões para o emprego dos epítetos estivesse ligado somente à métrica e não a sua significância para descrever, esclarecer, explicar, diferenciar, em suma, caracterizar uma coisa.

Vivante (1982, p. 94), sem negar a contribuição dos estudos de Parry, discorda de forma veemente de sua afirmação sobre o uso do epíteto na poesia homérica, principalmente quando Parry (p. 37, nota 1), em seu livro *The Making of Homeric Verse*, afirma que "mesmo

---

one character alone; 34 were reserved each for one of 34 persons. He asserted that no one poet would create such a specialized system, so that it must be traditional (p. 37f.).

<sup>44</sup> No verso 417 do canto I de *Ilíada*, Tétis, a mãe de Aquiles, refere-se a seu filho como *okýmoros*, "com rápido destino", porque ele percorre rapidamente sua trajetória em direção à morte.

o integrante mais sensível do público original de Homero não teria notado se o poeta tivesse mudado este ou aquele detalhe de seu estilo habitual”<sup>45</sup>. Essa ideia de que o público considera os epítetos um elemento sem um significado profundo para a narrativa, segundo Vivante, não reflete a realidade, pois os epítetos são passíveis de fornecer ricos detalhes para a cena e de produzir uma imagem na mente dos ouvintes.

Ainda nessa perspectiva, a inclusão de um epíteto ao lado de um nome serve também, assinala Vivante (1982, p. 4) como um “princípio de identidade”, pois, de acordo com o estudioso: “se usamos substantivos com seus adjetivos ou qualquer figura de linguagem, o que fazemos é concentrarmo-nos em um princípio de identidade”<sup>46</sup>. O epíteto faz parte da identidade do ser ou do objeto referido, fornecendo-lhe uma informação necessária para o seu reconhecimento.

Por outro lado, a observação de que, em algumas situações descritas nos poemas, alguns personagens aparecem sem um epíteto, fez Vivante<sup>47</sup> entender que isso ocorre de forma consciente. Segundo o helenista, a ausência de qualificativo para caracterizar um nome produz um efeito na *performance* do narrador, pois ele, ao fazê-lo, indica para seus ouvintes que a narrativa em si ou o diálogo entre personagens é mais importante do que a imagem projetada pelo epíteto.

---

<sup>45</sup>even the most sensitive member of Homer's original audience would not have noticed if the poet had changed this or that detail of this customary style; but this style, which he knew to be the poet's, and which he expected, was the aggregate of these details.

<sup>46</sup> whether we use nouns with their adjectives or any figure of speech, what we do is to focus on a principle of identity.

<sup>47</sup>Segundo Vivante (1982, p. 15), os epítetos “estão ausentes para haver um foco maior sobre a gravidade de uma situação. O leitor não é atraído para os detalhes dos personagens, mas para a própria situação”. [they are absent in order to focus on the seriousness of a situation. The reader is not drawn to the details of characters but instead the situation itself.”]

Esse fato também indica que o epíteto, de acordo com o referido autor, é tão relevante, e o auditório se interessava tanto em saber qual adjetivo era usado para um personagem em determinada situação, que o aedo, ao não empregá-lo, sugeria ao público imediatamente a importância da ação descritiva pura e simplesmente naquele momento da recitação. A presença ou a ausência do epíteto poderia condicionar a recepção dos ouvintes e ser um elemento regulador da atenção do auditório.

Além disso, acreditar na probabilidade de um epíteto estar ao lado do termo ao qual se refere apenas para acrescentar-lhe uma ideia, como se primeiro fosse necessário para identificar o objeto ou ser e depois para qualificá-lo, é um pensamento, no mínimo, imprudente, senão perigoso. Segundo Vivante (1982, p. 15), o epíteto pode parecer algo secundário, embora não seja. Para sustentar ainda mais sua posição, o citado estudioso argumenta sobre a possibilidade de o epíteto ser um termo que - dependendo do contexto - identifique, explique, personalize mais o objeto referido do que sua nomeação. Nesses casos, é explícita a dependência do qualificativo na enunciação de um objeto para produzir um efeito elucidativo naquilo que poderia ser um problema inicialmente, ainda mais no uso de termos obsoletos ou mesmo inexistentes. Seria o epíteto então, segundo Vivante (1982, p. 15), a própria identificação do objeto, um ajuste de significado mais importante para suprir uma carência de sentido em sua nomeação.

Por isso, em nossa abordagem, rejeitamos parcialmente as posições de Parry e assumimos as posições desenvolvidas por Nagy e Vivante, ao considerar não somente o epíteto um artifício de que o poeta se vale para descansar sua mente, mas também uma forma de mostrar ao público as mais variadas facetas de um ser, quer animado, quer inanimado.



### 2.1.3 Os epítetos *polýtropos* e *polýmētis* de Odisseu nos Poemas Homéricos

Considerando que o epíteto em Homero está condicionado não só a critérios métricos mas também a seu significado no contexto, tornou-se conveniente tecer comentários sobre os epítetos distintivos de Odisseu, a saber, πολύαινος, “de muitos elogios”, πολύτλας, “que muito sofreu”, πολυμήχανος, “de mil ardis”, πολύτροπος, “que muito peregrinou”, e πολύμητις, “muito astucioso”, destacando-se-lhes os dois últimos. Essa escolha não é arbitrária, mas considera o número de citação dos epítetos πολύτροπος e πολύμητις, pois enquanto πολύτροπος é mencionado apenas duas vezes, πολύμητις, 80 vezes.

No tocante ao epíteto πολύαινος, aparece três vezes em *Iliáda* e uma em *Odisseia* ao lado do nome do herói,<sup>48</sup> tendo a particularidade de vir acompanhado da expressão laudatória μέγα κῆδος Αχαιῶν, “grande glória dos Aqueus”, procedente do favor divino. A única exceção está no verso 430 do canto XI de *Iliáda*, porque, junto ao nome Odisseu, segue ao epíteto πολύαινε o sintagma δόλων ἄτ’ ἦδε πόνοιο, “insaciável por ardis e por lutas”, já que usando suas habilidades bélicas consegue desvencilhar-se, sozinho, de um grupo de Troianos. Levando-se em consideração o contexto em *Iliáda*, IX e X, e em *Odisseia*, XII, o referido epíteto significa “de muitos elogios”, “célebre”, apontando, de forma enfática, para o κῆδος, “glória”, conquistado pelo herói Odisseu entre os deuses e reconhecido pelos personagens Agamêmnon, Nestor e Sereias.

Nos Poemas Homéricos, dois termos, quase sinônimos, são traduzidos por glória, quais sejam, κῆδος e κλέος: enquanto este se refere à glória propagada de geração em geração pelos cantos dos aedos, tornando os feitos heroicos memoráveis entre os homens, aquele se relaciona com uma dádiva concedida pelos deuses que dá destaque à ação do herói.

---

<sup>48</sup> πολύαινος “de muitos elogios” (cf. *Il.* IX, v. 673; X, v. 544; XI, v. 430; *Od.* XII, v. 184)

Esses dois termos, na verdade, são pares complementares de um conceito que não é delineado pelo objeto memorável, isto é, a façanha heroica, e sim pelos agentes fomentadores da glória desejada pelos heróis. Se há necessidade de uma ordem para sistematizar essa noção, poderíamos dizer que uma ação heroica, realçada pelos deuses para trazer grandiosidade ao feito, merece ser memorada, cantada por aedos para obter *kléos*, mas de maneira alguma ter *kýdos* garante esse aspecto da “glória imorredoura”.

Um outro aspecto subjacente à noção de glória nos Poemas Homéricos está no fato de *kýdos* ser uma dádiva pontual e momentânea para uma situação específica, sendo obtida pelo herói ainda em vida. Por outro lado, o *kléos* é uma glória passada por gerações e memorável, sendo propagada em qualquer situação, estando o herói vivo ou morto.

Assim sendo, o sintagma μέγα κύδος Αχαιῶν, “grande glória dos Aqueus”, enfatiza a glória obtida por Odisseu por intervenção divina, capaz de gerar um brilho todo especial para suas proezas bélicas diante dos Aqueus. Odisseu, então, é πολύαινος “célebre” e “de muitos elogios”, em virtude de haver uma ligação entre sua ação humana e a cooperação divina para engrandecê-lo em vida.

O epíteto πολύτλας, “que muito sofreu”, cujos elementos mórficos lhe precisam o significado - o advérbio πολύ, “muito”, e o verbo τλάω, “sofrer” -, pode reportar-se ao estado físico (*Od.* VI, vv. 1-2 e 249) e emocional (*Od.* V, v. 171; *Il.* VIII, v. 96; XXIII, v. 729) de Odisseu, indicando o drama vivido pelo herói na guerra ou na volta a sua terra natal. Enquanto os primeiros dez anos, desde sua partida de Ítaca, estão associados aos eventos belicistas, aos esforços no campo de batalha, à luta constante para manter-se vivo e derrubar Troia, os últimos dez estão circunscritos a sua viagem de retorno, ao *nóstos* do herói, cheio de aventuras passadas em outros locais desconhecidos, inóspitos muitas vezes, exigindo-lhe uma preocupação constante para não sucumbir diante das adversidades.

Não devemos esquecer que o rei de Ítaca enfrenta uma série de dificuldades em sua volta a casa, porque Posêidon resolve atender aos pedidos do ciclope Polifemo, que, após ser ferido no olho pelo herói, roga ao deus para tornar o caminho de Odisseu penoso. Há, então, uma relação intrínseca entre o sofrimento do personagem e o castigo imposto por Posêidon, indicando uma das maiores qualidades humanas em momentos de grande dificuldade, a resiliência.

Ao atributo πολύτλας, que indica uma das maiores qualidades humanas em momentos de grande dificuldade, a resiliência, o narrador de *Iliada* e de *Odisseia* acrescenta a capacidade criativa do herói e sua astúcia, bem assinaladas pelo epíteto πολυμήχανος, “o de mil ardis”, encontrado sete vezes em *Iliada* e 15 em *Odisseia*. O sentido desse epíteto está ligado à engenhosidade de o herói arquitetar meticulosa e astuciosamente um plano para resolver quaisquer problemas. Essa facilidade em desvencilhar-se das armadilhas, seja pelo uso da palavra, seja por meio de suas ações, pode ser atestada quando, no palácio do rei Alcínoo, Odisseu passa a narrar suas próprias aventuras. O herói ressalta, em todos os momentos, essa sua qualidade nos episódios narrados, nos quais a inteligência é considerada o principal recurso para que ele pudesse se desembaraçar de todos os obstáculos que se lhe apresentassem.

Quanto ao epíteto *polytropos*, sua ocorrência restringe-se a duas passagens de *Odisseia*, a primeira no próêmio (v. 1) e a outra no verso 330 do canto X, na passagem em que o herói, protegido pelo deus Hermes, que lhe dá um antídoto contra os feitiços de Circe, consegue desvencilhar-se das artimanhas da deusa.

Embora esse epíteto se encontre no primeiro verso do próêmio da epopeia, numa posição privilegiada, não qualifica o nome do protagonista, Odisseu, mencionado apenas no verso 21, mas se refere ao substantivo ἄνδρα que abre o poema, uma indicação ainda não definida do próprio herói de Ítaca. Provavelmente, como propôs Pucci (1997, p. 22-9), essa

ausência seja um recurso empregado pelo poeta para provocar uma certa curiosidade no público, buscando a atenção do ouvinte para o momento da nomeação<sup>49</sup>. De acordo com o referido estudioso, o sentido desse epíteto pode aludir tanto às viagens realizadas pelo herói a sua capacidade de criar estratégias em sua mente. Na verdade, apesar de essas duas possibilidades existirem para a interpretação do adjetivo, a sequência dos versos posteriores - “que muito peregrinou desde que destruiu as muralhas de Troia/ muitas cidades dos homens viajou, conheceu seus costumes” - talvez seja uma forma usada pelo narrador do poema para restringir o significado do epíteto ao sentido “de muitas viagens”. Entretanto, Pucci (1997, p. 22-9) avança a hipótese de o epíteto apresentar um sentido metafórico “de muitos desvios de linguagem”, considerando que *trópos* indicaria a própria metáfora.

Vale assinalar que o qualificativo *polytropos* é também utilizado duas vezes no Hino Homérico como epíteto de Hermes (vv. 13 e 439), com o sentido de “astuto, industrial”. Estabelece-se assim a relação, por meio do qualificativo *polytropos*, entre Odisseu e Hermes, pois mortal e imortal compartilham do mesmo traço sugestivo de caráter, a astúcia e a engenhosidade. Na verdade, a relação Hermes/Odisseu é um elemento que enfatiza o epíteto distintivo do herói e delinea uma proposição hermenêutica.

Um outro vínculo entre Hermes e Odisseu circunscreve-se ao âmbito familiar, pois o Itacense é, na realidade, filho de Sísifo, tendo sido vendido a Laertes que o criou. Sendo Sísifo filho de Hermes e Quíone, Odisseu é neto desse deus, um descendente legítimo de uma família conhecida por sua esperteza e sagacidade. Se considerarmos o fato de Odisseu ser,

---

<sup>49</sup>O poeta deixa de mencionar o nome do herói no primeiro verso ao lado do epíteto *polytropos* em razão de toda a carga semântica contida no uso do epíteto para qualificar um ser humano. Assim, a atenção imediata do público recai na força do epíteto ligado a um *ántra*, causando uma situação proposital de expectativa, diante da curiosidade ainda não respondida: quem é esse homem merecedor de tal qualificação? A omissão do nome próprio é um artifício do poeta para colocar em destaque o epíteto e fazer lembrar às suas implicações conceituais, sendo uma delas a semelhança com um deus de ações tão significativas e descendentes de caráter tão questionável.

pelo lado materno, neto de Autólico (*Od.* XIX, v. 396, “ele que todos superava em furtos e perjúrios”), a natureza do herói está marcada por dois homens reconhecidos no passado mítico por suas artimanhas. Odisseu seria então um representante imediato, em seu mais alto grau, dessa potencialidade criativa do logro, do engano, da esperteza e, sobretudo, do convencimento. Deste modo, todas as dificuldades encontradas pelo herói para retornar à terra natal são superadas por sua capacidade inventiva, e sua natureza matreira, herdada de um homem reconhecidamente trapaceiro como Sísifo, ajuda-o em toda sua trajetória até Ítaca.

Em relação à participação de Autólico na construção do caráter de Odisseu, o episódio em que o herói é ferido na coxa por um animal é bastante significativo (*Od.* XIX, v. 388-507). De acordo com a narrativa, Odisseu estava na casa de seu avô materno, caçando no monte Parnaso com seus primos, quando um javali enfurecido o atacou, atingindo sua perna acima do joelho. Embora Odisseu tenha conseguido matar sua presa, a mordida do animal produziu uma cicatriz no local, bastante visível, uma marca que o distinguiu dos demais homens, tanto que Euricleia o reconheceu por esse sinal, quando estava disfarçado de mendigo em sua volta a Ítaca<sup>50</sup>.

Não se quer aqui de maneira alguma afirmar que o herói fora educado por Autólico, mas estabelecer uma ligação entre eles capaz de determinar o modo de agir de Odisseu, pois há uma contiguidade entre ambos, identificável por meio de duas marcas bem aparentes no herói: a cicatriz e o nome. Enquanto o último lembra um fato ocorrido no momento do nascimento de Odisseu, pois Autólico fora o responsável pela escolha de seu nome, o primeiro se liga a um incidente acontecido quando Odisseu ainda adolescente fora à casa de seu avô receber os presentes por ele prometidos.

---

<sup>50</sup>Esse episódio é descrito nos versos 388 a 507 do canto XIX de *Odisseia*, na passagem em que herói é reconhecido por Euricleia, quando ela lhe lava os pés. Essa questão do reconhecimento em *Odisseia* é muito importante, pois o herói constantemente tenta manter sua identidade oculta, principalmente quando chega a sua cidade natal Ítaca.

Assim, o caráter de Odisseu está associado à capacidade artilosa própria de dois personagens questionáveis que lhe são familiares, Sísifo e Autólico, os quais estão demasiadamente ligados ao deus Hermes.

Como já dissemos, a importância do epíteto *polýmetis* para Odisseu pode ser sugerida pela quantidade de vezes que é usado em Homero para se referir ao personagem: 16 vezes em *Ilíada* e 64 em *Odisseia*, totalizando 80 ocorrências. Porém, algumas passagens, em razão do contexto no qual o epíteto aparece, são realmente elucidativas para a compreensão do significado do qualificativo. Entre elas se podem citar os versos 200-2 do canto III de *Ilíada*, os versos 19-20 do canto IX e 290-9 do canto XIII de *Odisseia*, passagens nas quais é possível formar uma imagem de Odisseu e verificar também a notável relevância desse epíteto para o herói.

A escolha dessas passagens obedeceu a um critério teórico, pois, para analisá-las, consideramos os pressupostos acerca do conceito de *êthos* pré-discursivo e discursivo apresentado por Charraudeau (2006, p. 114-6), segundo o qual *êthos* discursivo consiste na imagem de si mesmo construída no discurso, e *êthos* pré-discursivo, na imagem já formada pelo público antes mesmo de o orador tomar a palavra.

Com base nessa hipótese teórica, os versos 19 e 20 do canto IX de *Odisseia* são relevantes para traçar a imagem do herói Odisseu, tendo em vista que, no contexto dos referidos versos, o rei de Ítaca é recebido no palácio de Alcínoo e, ouvindo o aedo cantar acerca do episódio do cavalo de madeira, começa a chorar. Percebendo a reação do rei itacense, Alcínoo pede ao vate para cessar o canto e a Odisseu para se identificar. O herói, então, faz sua própria apresentação, num pequeno discurso que deixa entrever seu *êthos* discursivo, da seguinte maneira:

εἴμ' Ὀδυσσεὺς Λαερτιάδης, ὃς πᾶσι δόλοισιν  
ἀνθρώποισι μέλω, καί μευ κλέος οὐρανὸν ἵκει.

20

Sou Odisseu, filho de Laertes, que por todos os ardis

sou conhecido entre os homens, e assim minha glória chega aos céus. 20

(*Od.* IX, v. 19-20)<sup>51</sup>

Na passagem em pauta, o próprio herói declara publicamente sua genealogia e diz ser conhecido por seu δόλος<sup>52</sup>, ou seja, sua capacidade de tramar ardis, característica assumida como um traço distintivo de seu caráter. Como se nota, na construção de seu *êthos* discursivo, o herói faz uso do substantivo κλέος - a glória imorredoura conquistada pelos heróis -, uma prova inconteste de que tal descrição devia ser reconhecida, em qualquer época, como parte da própria identidade de Odisseu. É importante observar que, embora nessa passagem o epíteto *polýmetis* não esteja presente, o δόλος pelo qual se faz conhecer evoca esse qualificativo.

Chama nossa atenção o fato de a palavra δόλος aparecer no plural, ligada ao pronome indefinido πασί, numa indicação do completo domínio do herói sobre todas as formas de ardis. A oração ὅς πᾶσι δόλοισιν ἀνθρώποισι μέλω “que por todos os ardis sou conhecido entre os homens” pode ser interpretada de duas maneiras diferentes: é admissível ter um indivíduo como atributo um tipo específico de δόλος ou mais; no entanto, ele nunca poderá ser comparado a Odisseu, que possui todos os tipos de δόλος. A outra possibilidade faz a

---

<sup>51</sup> Tradução nossa.

<sup>52</sup>A esse respeito vale mencionar o episódio do canto IV de *Iliada* em que Odisseu, por não ter percebido a movimentação do exército aqueu para voltar ao combate, é censurado por Agamêmnon, dizendo-lhe que, se nos banquetes ele era um dos primeiros a ser chamado, na guerra deveria também ocupar os primeiros lugares. Na repreensão proferida pelo filho de Atreu, em *Iliada*, v. 338-48, observamos uma referência pejorativa à facilidade de o herói forjar δόλος (δόλοισι, v. 339), habilidade caracterizada pelo termo κακός (κακῶσιν, v. 339), reforçado pelo participio κáινυμαι (κεκασμένη, v. 339) “ser superior”, “excelente” e pelo adjetivo κερδαλεόφρον (v. 339), “que tem a inteligência arditosa”. No contexto homérico, entretanto, esse atributo do herói geralmente não é questionado, como o fora no discurso de Agamêmnon.

frase ganhar uma conotação de experiência adquirida em provas, ou seja, ele é “conhecido por todos os ardis entre os homens”, porque demonstrou uma série de recursos para solucionar quaisquer dificuldades.

Considerando que se trata de uma declaração pública acerca de si mesmo, num ambiente palaciano, diante de um público seletivo, o δόλος recebe aqui uma conotação bastante positiva, pois o próprio Odisseu menciona-o como o atributo principal de seu caráter, a qualidade pela qual ele é ἀνθρώποισι μέλῳ “conhecido entre os homens”.

No que diz respeito aos versos 200-2 do canto III de *Ilíada*, a narrativa também é bastante significativa para a compreensão do epíteto *polýmetis*, pois nessa passagem os guerreiros estão no campo de batalha esperando o combate singular entre Páris e Menelau, enquanto Helena, Príamo e Antenor se encontram na torre das Portas Ceias, para observar o duelo. Príamo, por não reconhecer Odisseu, que tinha chamado sua atenção, dirigindo-se a Helena, solicita-lhe identificar o herói. É digna de nota, na indagação de Príamo, a comparação entre a estatura de Agamêmnon e a de Odisseu, que, embora fosse menor em sua compleição, tinha os ombros e o peito mais largos que os do Atrida. Ao que parece, as características físicas do herói de Ítaca destacam-no dos demais guerreiros aqueus e não oferecem dúvidas em relação a quem Príamo se referia ao solicitar informações a Helena. Odisseu é identificado do seguinte modo:

Οὗτος δ' αὖ Λαερτιάδης πολύμητις Ὀδυσσεύς, 200  
ὄς τράφη ἐν δήμῳ Ἰθάκης κραναῆς περ' εὐούσης  
εἰδὼς παντοίους τε δόλους καὶ μῆδεα πυκνά.

Este é o filho de Laertes, o muito astucioso Odisseu, 200  
que foi criado na terra de Ítaca, de solo rochoso,



perito em toda sorte de ardis e prudentes pensamentos.

(II. III, v. 200-2)<sup>53</sup>

Esse talvez seja, em nossa opinião, o excerto mais biográfico de Odisseu, numa forma bastante sintetizada. Para identificar o herói, Helena salienta sua genealogia, por meio do adjetivo “filho de Laertes”, sua naturalidade, ao mencionar sua terra natal Ítaca, e reconhece sua qualidade principal, ser πολύμητις. O próprio sentido do epíteto é enfatizado por Helena ao dizer que Odisseu é “perito em toda sorte de ardis (δόλος) e prudentes pensamentos”, um sintagma sobressalente, circunscrito aos campos da ação, da inteligência e do discurso. Na verdade, ela está salientando essa capacidade irrestrita de o herói resolver quaisquer problemas com base no δόλος porque ele é εἰδῶς, “conhecedor, perito”.

Numa comparação com a fala de Odisseu na já citada passagem do canto IX de *Odisseia*, ressalte-se que todas as características estão presentes para identificá-lo como πολύμητις; além do uso desse epíteto, tem-se o emprego do termo δόλος, o mesmo usado por Odisseu para qualificar-se, intrinsecamente ligado a seu κλέος. Levando em consideração o conceito de Charraudeau (2006, 114-6), a referida passagem aplica-se ao *êthos* pré-discursivo de Odisseu por resumir muito bem a forma como todos o reconhecem.

A última das três passagens alusivas ao epíteto πολύμητις, encontra-se nos versos 291-9 do canto XIII de *Odisseia*. Uma exposição do contexto novamente se faz necessária: quando Odisseu chega a Ítaca, trazido pelo navio feácio, ele não reconhece sua terra natal e lamenta o fato de os marinheiros do rei Alcínoo não cumprirem o prometido de levá-lo de volta a sua casa<sup>54</sup>. Nesse momento, ele percebe a aproximação de um pastor de ovelhas, que, na verdade, é Atena, pergunta-lhe o nome daquela localidade e recebe a informação de que

---

<sup>53</sup> Tradução nossa.

<sup>54</sup> Segundo AHL & Roisman (1996, p. 157), “Este episódio marca a transição entre a longa jornada num ambiente fantástico de deuses e povos e geografias dubitativamente reais; e o seu restabelecimento no que deveria ser a geografia familiar da sua terra natal”.

aquela terra é Ítaca. Após tomar conhecimento dessa notícia, Odisseu inventa uma história, explicando como ali chegou e fingindo ser natural de Creta. Ao final da falsa narrativa do herói, a deusa metamorfoseada diz o seguinte a Odisseu:

Simulador sem defeitos seria quem te superasse  
em qualquer sorte de astúcia, ainda mesmo que fosse um deus.  
Ó astucioso e matreiro incansável, nem mesmo na pátria  
resolverás pôr à margem, de vez, esta sorte de embustes  
e de artimanhas falazes, que tanto condizem com tua alma?  
Bem; mas deixemos de lado essas coisas, porque ambos na astúcia  
somos peritos. No meio dos homens salientas-te sempre  
pelos discursos e planos; no círculo dos deuses sou célebre  
por minha astúcia e saber.

(*Od.* XIII, v. 291-9)<sup>55</sup>

A declaração de Atena é um retrato fiel do comportamento do herói, pois o primeiro qualificativo utilizado pela deusa, κερδαλέος, “simulador”, faz jus à capacidade de Odisseu “inventar histórias”. Ele é sagaz em ludibriar as pessoas com um discurso falso, sustentado como verdadeiro, farto de elementos reais, existentes na prática, mas utilizados como base para conferir veracidade a uma narrativa essencialmente mentirosa. Para realçar o δόλος do herói, atributo no qual ninguém consegue superá-lo, a deusa diz que nenhum dos homens pode rivalizar com ele, nem mesmo um deus. Verificamos, ainda, na passagem citada, a identificação entre Atena e Odisseu<sup>56</sup>, indicada sobretudo nos versos 295-6 pelo sintagma εἰδότες ἄμφω / κέρδεα, “porque ambos na astúcia somos peritos”

---

<sup>55</sup>Tradução de Carlos Alberto Nunes.

<sup>56</sup>Cf. Dimock (1989, p. 185-6).

Os vocativos ποικιλομήτηα e σχέτλιε, empregados para invocar Odisseu, também destacam os atributos intelectuais do herói que favorecem a prática de seus planos. Com efeito, o termo ποικιλομήτης compõe-se do adjetivo ποικίλος, “variado”, e do substantivo μῆτις, “astúcia”, indicando a diversidade de recursos astuciosos do herói, de modo análogo ao epíteto πολύμητις, cujos elementos formadores se identificam simetricamente pelo sentido.

Aliás, o epíteto πολύμητις é composto do substantivo μῆτις<sup>57</sup> e do intensificador πολύ, que denota uma qualidade do personagem e o torna superior aos demais homens. Odisseu, portanto, não é só astucioso, ele é muito astucioso, com uma capacidade incomum de se valer da μῆτις para resolver as situações mais improváveis. Entendido como um intensificador, o termo πολύ, no vocábulo em questão, pode ser um indicador tanto de quantidade quanto de qualidade, ou seja, a μῆτις é usada em numerosas situações mas também se apresenta de várias formas.<sup>58</sup>

Odisseu, então, é flexível para se adequar às situações mais inusitadas, e sua μῆτις amplia seu campo de atuação, porque também se mostra numa pluralidade de formas e modos, capazes de desvencilhar o indivíduo que a possui dos problemas enfrentados. O traço da μῆτις do herói é fazê-lo escapar das armadilhas impostas e resolvê-las de forma prática.

Desta forma, sendo um epíteto distintivo aplicado somente ao filho de Laertes nas suas ações em *Ilíada* e em *Odisseia*, πολύμητις marca a natureza de Odisseu, seu modo de agir, pois diante das adversidades, ele pensa de modo elucidativo. A própria atuação do

---

<sup>57</sup>Definir o significado da palavra *mêtis* e, mais especificamente, seu emprego nos mais variados textos da literatura grega antiga parece ser uma tarefa difícil de ser realizada, em razão de seu campo semântico facultar diferentes interpretações com base no contexto em que o termo é usado.

<sup>58</sup>Após dezenas de anos estudando o tema, Detienne e Vernant (2008, p. 9) reconheceram que a *mêtis* grega, de modo geral, assume desdobramentos distintos, e uma explicação geral ou particular do termo não comporta seus inúmeros aspectos. Na verdade, os limites de sua atuação sempre serão vistos num horizonte distante, a que estudiosos tentam chegar, esforçando-se em investigar seu verdadeiro significado.

personagem nos dois poemas mostra constantemente seu pensamento em ação, elaborado de forma minuciosa, legitimando o epíteto que o consagra. O uso de δόλος em todas as suas formas e maneiras é natural a Odisseu, que pensa, fala e se move no impulso certo da μῆτις.

Apesar de existir uma significação restrita para o termo μῆτις, relacionando-o, como fizeram Vernant e Detienne (2008, p. 10-1), “a um tipo de inteligência comprometida com a prática”, qualquer definição ainda, segundo os referidos helenistas, é insuficiente para explicar o modo como ela pode apresentar-se:

---

*A mêtis é uma forma de pensamento, um modo de conhecer; ela implica um conjunto complexo, mas muito coerente, de atitudes mentais, de comportamentos intelectuais que combinam o faro, a sagacidade, a previsão, a sutileza de espírito, o fingimento, o desembaraço, a atenção vigilante, o senso de oportunidade, habilidades diversas, uma experiência longamente adquirida; ela se aplica a realidades fugazes, móveis, desconcertantes e ambíguas, que não se prestam nem à medida precisa, nem ao cálculo exato, nem ao raciocínio rigoroso. (grifos nossos)*

Por isso, a palavra μῆτις pode ser definida muito mais por suas manifestações do que por sua essência, e é nessa perspectiva que os dois classicistas procuram fazer suas abordagens. Na falta de um manual ou documento específico para explicar de forma sistemática o conceito, tentam sempre analisá-lo levando em conta o contexto literário em que é empregado. Assim, o significado do epíteto πολύμητις, ou melhor, da μῆτις de Odisseu pode ser constatado nas aventuras do herói circunscritas às proezas bélicas e diplomáticas, acentuando-lhe o uso da força e da habilidade discursiva, respectivamente.

No que diz respeito a essa capacidade artilosa do herói, uma manifestação precisa da μῆτις, significativo é o episódio descrito nos versos 221-440 do canto XIII de *Odisseia*. Ao chegar a Ítaca, Odisseu recebe conselhos de Atena sobre a melhor maneira de reconquistar o

poder, pois era extremamente perigoso aparecer diante dos habitantes sem nenhum disfarce. Havia um plano já decidido pelos pretendentes de impedir, punindo até mesmo com a morte, qualquer um que tentasse frustrar suas intenções de concorrer ao posto de marido de Penélope. Era um desejo insidioso, haja vista o projeto arquitetado por eles para matar Telêmaco, quando este voltasse de sua viagem em busca de informações sobre o seu pai.

Atena diz para Odisseu que o deixará incógnito, enrugando sua pele, mudando sua roupa e transformando-o em um homem desprezível para os pretendentes. Desta forma, ele, primeiramente, deveria dirigir-se à casa do porqueiro Eumeu, sendo recebido como hóspede<sup>59</sup>, e inteirar-se de tudo o que estava acontecendo em sua terra natal. As orientações tinham por objetivo salvar Odisseu da armadilha dos pretendentes e deixar o herói ciente das últimas notícias. Odisseu obedece e é como ξένος<sup>60</sup> “estrangeiro” que é recebido<sup>61</sup> por Eumeu.

---

<sup>59</sup>A hospitalidade é um rito característico e extremamente importante em Homero, de modo que o poeta não precisou dar uma explicação acerca de sua função e observância, porque sua prática era aceita como um princípio inegociável naquela sociedade. Era uma atitude intrinsicamente ligada ao pensamento do homem daquela época sobre a vontade divina, que exigia cuidados com um estrangeiro, mendigo ou suplicante. Era Zeus o protetor desses indivíduos, razão por que a prática da hospitalidade demonstrava a reverência devotada aos deuses. O cumprimento das obrigações do hospedeiro servia de apoio para o necessitado e constituía um sinal de piedade em relação aos preceitos religiosos.

<sup>60</sup>O ξένος era uma pessoa de outra localidade, que possuía a língua e os costumes dos habitantes da terra que o acolhia. Se um homem tivesse uma outra origem, não compartilhando da mesma língua e dos mesmos hábitos, era considerado um bárbaro. Para um grego antigo, o rito de hospitalidade devia ser praticado somente quando o homem era um ξένος, pois ao bárbaro estavam reservadas somente as relações de trocas comerciais.

<sup>61</sup>A hospitalidade resulta de uma cumplicidade entre as partes envolvidas e cria laços de amizade. O anfitrião deveria receber alguém da mesma forma que gostaria de ser recebido quando os papéis estivessem trocados e ele fosse o hóspede, honrando seu visitante com o melhor possível, desde a comida até os presentes. Era um compromisso diplomático importante, quando feito entre reis, e um gesto de cuidado quando o favorecido fosse um necessitado de provimentos. Era muito importante receber bem um visitante, oferecendo-lhe o melhor. Percebem-se comumente, em uma cena de hospitalidade, determinados procedimentos cumpridos pelo anfitrião e esperados por seu hóspede. Essas partes constitutivas do rito poderiam mudar conforme as condições do anfitrião. Entretanto, somente teríamos noção do que foi suprimido ou alterado numa cena de hospitalidade se levássemos em conta o padrão normativo que regula essa prática. Segundo Edwards (1992, pp. 284 e 303-8), numa simples recepção a um visitante, temos as seguintes partes: chegada, recepção, banho, refeição, reconhecimento e entretenimento, retirada para dormir e finalmente, partida e presentes. Uma ou outra parte

Para não revelar sua verdadeira identidade a Eumeu, Odisseu, então, cria uma pseudobiografia, declarando-se filho de uma escrava com um rei, participante da guerra de Troia e estrangeiro em terras longínquas, e, ainda, assegurando ter estado num lugar onde soubera notícias do herói ausente e de seu sofrimento. O modo como relatara essa falsa história foi convincente, como ilustram as palavras de Eumeu:

᾿Α δειλὲ ξείνων, ἦ μοι μάλα θυμὸν ὄρινας  
ταῦτα ἕκαστα λέγων, ὅσα δὴ πάθες ἠδ' ὅσ' ἀλήθης  
ἀλλὰ τά γ' οὐ κατὰ κόσμος οἴομαι, οὐδέ με πείσεις  
εἰπὼν ἄμφ' Ὀδυσῆι.

Ó infeliz estrangeiro, certamente, abalaste-me muito o peito  
dizendo cada uma dessas coisas, as que sofreste e as que viajaste.

Mas julgo algumas de modo inconveniente, e não me  
persuadirás falando a respeito de Odisseu.

(*Od.* XIV, v. 361-4)<sup>62</sup>

Apesar de o discurso de Odisseu ter despertado em Eumeu confiança em relação à maioria das coisas que foram ditas, o servo mostrou-se completamente incrédulo quanto às informações sobre Odisseu, porque estava inteiramente convencido de que seu patrão já

---

pode ser alterada, suprimida, mudada ou adaptada, mas estes elementos, em sua maioria, estão geralmente presentes numa cena de hospitalidade, demonstrando ser um mecanismo da própria poesia oral. O poeta sabe dessa convenção e a narra, muitas vezes na intenção de mostrar os laços estabelecidos e também os benefícios de tal comportamento. A *Odisseia* deixa entrever a relação de hospitalidade com as aventuras de Odisseu, enfatizando os princípios inseridos nesse rito e as várias formas de acolher um hóspede.

<sup>62</sup> Tradução nossa.

estava morto e de que qualquer estrangeiro poderia mentir acerca do herói para ser bem recebido e ganhar<sup>63</sup> presentes valiosos de Penélope.

É notória a tentativa de persuasão do herói que, para dar veracidade e credibilidade a seu pseudodiscurso, cria estratégias, citando lugares conhecidos, como Egito, Fenícia e Tesprótia, e mencionando a guerra de Troia. Quanto a esta menção, atesta-o Fasano (2004, p. 118), ao afirmar que “a geografia proposta” [por Odisseu-ξένος] “constitui um recurso a espaços reais, facilmente localizáveis no mundo antigo que funcionam como geradores de verossimilhança e como operadores de persuasão”.

Notemos que a exposição de Odisseu obedece a um critério muito utilizado em biografias heroicas que seduziam os ouvintes, já que o herói fala de seu nascimento, do episódio em que é vendido pelos irmãos, de sua participação na guerra de Troia, de sua amizade com Odisseu e, por fim, do modo como fora parar em Ítaca. Segundo Fasano (2004, p. 118):

Os relatos que Odisseu narra diante de Eumeu diferem entre si em extensão e conteúdo. O primeiro relato (XIV, 192-359) classificado como relato de κήδεα (XIV, 192-198), apresenta um sumário de episódios coincidentes com as experiências contidas nos apólogos. Por trás dos versos introdutórios podemos reconhecer quatro núcleos discursivos básicos: 1 - identidade (XIV, 199-215), 2 - belicismo (XIV, 216-245), 3 - aventuras com geografia múltipla (XIV, 246-315), 4 - notícias sobre Odisseu (XIV, 316-334) e 5 - escravatura e chegada a Ítaca (XIV, 336-359). O segundo relato (XIV, 461-506)

---

<sup>63</sup>As pessoas também usavam o rito para alcançar outros objetivos planejados antecipadamente, pois visitas programadas eram realizadas em determinadas cidades para fazer aliados. Além disso, era uma garantia de obter ajuda em situações difíceis, como seca, pestes e guerras. Muitos buscavam parceiros em quantidade para tirar proveito dos benefícios de tais relações, firmando compromissos comerciais e sociais entre povos e pessoas. A hospitalidade era uma atitude de reverência para com Zeus mas também uma grande fonte de negócios. Por isso, alguns homens eram mais bem vistos do que outros para receber a acolhida de um anfitrião. Era de se esperar uma certa disposição mais vibrante e pomposa quando o hóspede demonstrava ter uma condição privilegiada, pois juntamente com ele haveria presentes valiosos ou companheiros poderosos. Isso é sugerido pelas palavras de Eumeu em *Odisseia* XVII, 382-7 quando declara que os *demiourgoí* constituíam uma classe especial e bem vista na sociedade, dos quais faziam parte adivinhos, médicos, construtores de casas e aedos.

recorre a um marco bélico troiano, de modo a focalizar um episódio específico do sujeito-narrador.

Odisseu-ξένος, então, não satisfeito com a resposta de Eumeu, que duvidara da informação sobre o rei de Ítaca, começa a segunda parte de seu discurso enfatizando sua participação na guerra ao lado do genuíno Odisseu e contando como o mestre dos ardis o ajudara a retornar a sua cidade. Quando acabou de ouvir, Eumeu estava nesse momento tão convicto de que tal história era verdadeira que manifestou sua confiança, dizendo:

ᾠ γέρον, αἶνος μὲν τοι ἀμύμων, ὃν κατέλεξας.  
οὐδέ τί πω παρὰ μοῖραν ἔπον νηκερδες ἔειπες·

Ó velho, a história que contaste é irrepreensível,  
não disseste, ainda, de maneira inconveniente, nenhuma palavra inútil.  
(*Od.* XIV, v. 508-9)<sup>64</sup>

A *performance* persuasiva de Odisseu pode ser avaliada por meio da expressão αἶνος μὲν τοι ἀμύμων, “a história é irrepreensível”. Ora, o relato foi de tal forma organizado, e seu conteúdo harmoniosamente disposto que, de modo algum, poderia sugerir ao ouvinte a hipótese de conter mentira ou engano.

Não podemos esquecer que, quando Odisseu chega a Ítaca, é sob o disfarce de estrangeiro e mendigo que se movimenta pelos ambientes, construindo repetidas vezes histórias inventadas e portando-se como alguém inocente e frágil. Atena (XII, 256-286), Eumeu (XIV, 192-359; 462-506), Antínoo (XVII, 415-444), Melanto (XIX, 77-88), Penélope (XIX, 165-202) e Laertes (XXIV, 303-314) foram ludibriados por suas mentiras. Não é sem louvor que, para caracterizar o desempenho do herói em Ítaca e esclarecer o público/ouvinte da natureza do discurso de Odisseu, em estreita consonância com sua *areté*, o narrador deixa escapar sua opinião quanto aos discursos do herói:

ἴσκει ψεύδεα πολλὰ λέγων ἐτύμοισιν ὁμοῖα·

---

<sup>64</sup> Tradução nossa.



(Assim Odisseu) contava, dizendo muitas mentiras semelhantes a verdades.

(*Od.* XIX, v. 203)<sup>65</sup>

Recordemos, ainda, que, em sua chegada a Ítaca, Odisseu em nada podia parecer um homem de posses ou um rei em viagem, mas um forasteiro sem bens e sem condições para se manter. Na construção de uma outra personalidade assumida diante do porqueiro já conhecido, Odisseu deveria representar, nos gestos e nas falas, um perfil que se esperava de um ξένος. Notemos que o atributo πολύμητις de Odisseu está em sintonia com sua maneira sorrateira de criar uma imagem própria convincente e persuasiva. Por isso, Eumeu, desconhecendo a verdadeira identidade daquele homem à sua frente, oferece-lhe, em observância aos preceitos divinos, comida, bebida e um lugar para descansar e dormir.

Essa capacidade de o herói produzir um discurso ordenado e incisivo, por meio de uma argumentação prodigiosa, como este exemplo deixa bem claro, pode ser comumente explicado por Odisseu ser um orador perspicaz, e sua reputação nos Poemas Homéricos não deixa dúvida disso.

A oratória odisseica, frequentemente considerada uma sabedoria prática associada à astúcia, desdobra-se em diversas possibilidades de atuação, pois ela não é algo inflexível, mas se transforma em cada situação, em virtude de ser o herói *polytropos*. Logo, ela foge de uma sistematização absoluta ou simplória pelo fato de ser ela possível somente a partir da demonstração discursiva do herói.

Odisseu desvencilha-se das inúmeras agruras enfrentadas e é sempre escolhido para ser integrante de embaixadas de que participara, por sua capacidade de propor a melhor estratégia a seus pares para solucionar um problema. O herói é bem articulado, seu discurso é cuidadosamente elaborado, e sua imagem é a mais adequada para a situação porque ele sabe, muitas vezes, o que e quem vai persuadir. Sua prudência, no entanto, não é suficiente para

---

<sup>65</sup> Tradução nossa.

garantir o sucesso da missão, porque, apesar de saber antecipadamente de um fato e divulgá-lo por meio do discurso, o resultado depende de outrem. Isso fica bem patente no proêmio de *Odisseia*, nos versos 6 a 9, quando o narrador enfatiza que Odisseu tentara salvar a vida dos companheiros, que, por imprudência e desobediência, tinham comido as vacas consagradas a Hélios, apesar de terem sido avisados por Odisseu de que não deveriam matar e comer esses animais sagrados existentes na ilha. Esse relato no proêmio de *Odisseia* não descreve a sequência dos acontecimentos até a morte dos companheiros e também não mostra a argumentação utilizada por Odisseu para tentar convencê-los.

A indicação nos primeiros versos de *Odisseia* desse evento mostra sua importância para a caracterização do personagem, pois, apesar de o nome ainda não ter sido indicado, alude-se a Odisseu tanto pelo epíteto πολύτροπος quanto por sua atuação no episódio da matança das vacas sagradas. Sua relevância aumenta se considerarmos a posição desse atributo odisseico, exatamente após a invocação à Musa. Existe então no proêmio uma situação que caracteriza o herói em sua forma mais ativa, somando à sua ação, haja vista ter ele percorrido muitos lugares, seu discurso, em virtude de ter ele tentado persuadir seus companheiros a respeitar os animais sagrados, como lhe predissera Tirésias (*Od.* XI, vv. 98-114).

A μῆτις de Odisseu pode também ser associada a questões relativas ao poder de mando, ou, mais especificamente, à soberania plena. Da mesma forma que a divindade Mêtis, personificação da inteligência com astúcia, foi imprescindível na sucessão de poderes entre os deuses<sup>66</sup> logo no início do mundo e na organização do cosmos, a μῆτις de Odisseu serve para

---

<sup>66</sup> Convém, inicialmente, lembrar que Mêtis - antes de qualquer particularidade conceitual aventada pela simples menção do vocábulo - é uma potência divina. Filha de Tétis e Oceano e considerada a primeira esposa de Zeus, ela é a própria representação da inteligência com astúcia. Sua relação com Zeus e as consequências dessa ligação estão no centro das ações de conquista entre os imortais e são o principal motivo de Zeus ter conseguido solidificar seu poder, sua primazia e o ordenamento de uma sociedade divina, com deuses de personalidades variadas e modo de pensar singular. Após Zeus engolir a deusa Mêtis ainda grávida, para manter seu poder

confirmar sua realeza e reorganizar seu reino. A reconquista de seus bens, servos, suas propriedades e seu encontro com Telêmaco e sua esposa Penélope torna-se o objetivo central da trama desenvolvida em *Odisseia*, que está intrinsicamente ligado à μῆτις do herói.

Nessa empresa, Odisseu e Atena - representação máxima da μῆτις divina, por ser ela filha de Zeus, qualificado entre outros atributos como μητίετα<sup>67</sup>, “prudente, sábio”, e de Mêtis -, protetora do herói, ligam-se de forma emblemática para alcançar o objetivo final do herói, qual seja, restabelecer o poder em Ítaca. De fato, a deusa dá ciência ao herói de forma antecipada sobre os sofrimentos que enfrentará em Ítaca e revela como deve apresentar-se para não ser reconhecido por seus familiares e servos, como já comentamos anteriormente acerca de Eumeu. Isso não significa conhecer o futuro, mas ter uma noção precisa das possibilidades existentes, pois nada deve fugir do controle do herói.

Odisseu, Atena e *mêtis* são elementos constitutivos da narrativa, presentes nos Poemas Homéricos, especialmente em *Odisseia*. Atena é a responsável pela partida do herói da ilha de Calipso e pelo questionamento a Zeus acerca do tempo em que Odisseu esteve amargando longe de sua terra e de seus queridos familiares. Ela também o guia em sua chegada a Ítaca, desvendando as situações adversas e os sofrimentos que o afligirão, incitando-o a não desistir de seu objetivo e fornecendo-lhe estratégias para desvencilhar-se das vicissitudes. Logo, Atena é a sua maior fiadora.

Como já comentamos, assim como Mêtis participara da sucessão do poder divino e, por conseguinte, da organização do universo, na retomada do poder em Ítaca, também a deusa

---

soberano, ele passou a conhecer previamente qualquer ação, propondo soluções práticas para qualquer problema vindouro. O pensamento dos homens e as orquestrações dos deuses seriam sempre desvendados por um deus capaz de perscrutar as intenções mais dissimuladas ou as projeções friamente calculadas, que se valem de um outro aspecto para não levantar suspeitas. Assim, a Mêtis deixa de ser uma divindade com vida própria, que pode ajudar aos que buscam auxílio nas suas realizações, para se tornar uma entidade a serviço de apenas um único deus, o astucioso Zeus. Mêtis tem o poder de não só prever e planejar o que virá mas também de executar o plano traçado com as medidas exatas para resolver qualquer incidente. (DETIENNE; VERNANT E, p. 97-117)

<sup>67</sup> Cf. *Il.* I, v. 175; *Od.* XIV, v. 243; *Teogonia*, v. 457; *Trabalhos e Dias*, v. 51.

Atena compartilha com o herói sua μήτις, possibilitando-lhe a reconquista da soberania e a organização de seu reino. Assim, as ações de Odisseu, permeadas pela atuação de sua própria *mêtis*, fazem dele a projeção, no plano humano, de Atena.

### 3. ODISSEU HOMÉRICO: UMA RELEITURA EM *FILOCTETES* DE SÓFOCLES

Estudar o mito na tradição grega antiga - especificamente o de Odisseu na tragédia -, não faz parte do escopo dessa pesquisa, embora reconheçamos ser uma empreitada das mais cativantes por causa dos inúmeros caminhos aonde podemos chegar. Burkert (1979, p. 23), por exemplo, considerou o mito em si algo feito com uma certa intencionalidade, ou melhor, uma história com um objetivo social bem demarcado, capaz de influenciar as pessoas sobre temas presentes na sociedade. Segundo o helenista, “O mito é uma narração tradicional com uma referência secundária, parcial, a algo que tem importância coletiva”<sup>68</sup>. Daí podermos associá-lo, muitas vezes, a algum evento histórico de grande importância, entendendo-o como uma linguagem simbólica de aplicação geral, para servir de exemplo no lugar onde foi criado ou, pelo menos, utilizado.

Como sabemos, os vários mitos gregos presentes na tragédia possuem uma funcionalidade política e, por isso, está inserido em atividades cívicas do povo helênico. Assim, o mito, transposto para o teatro grego, é essencialmente intencional e, seguindo a afirmação de Burkert anteriormente citada, inferimos também que não há problema algum em

---

<sup>68</sup>“Myth is a traditional tale with a secondary, partial reference to something of collective importance”.

Burkert ainda acrescenta: “A referência é secundária, tal como o significado do conto não é para ser derivada dela - em contraste com a fábula, que é inventado por causa da sua aplicação; e é parcial, uma vez que conto e realidade nunca serão bastante isomórficas nestas aplicações. E ainda o conto muitas vezes é o primeiro e fundamental verbalização de uma realidade complexa, a principal maneira de falar de muitas faces problemas, assim como contar um conto foi visto como uma forma bastante elementar de comunicação. A linguagem é linear e a narrativa linear é, portanto, uma forma prescrita pela linguagem para mapear a realidade.” [The reference is secondary, as the meaning of the tale is not to be derived from it - in contrast to the fable, which is invented for the sake of its application; and it is partial, since tale and reality will never be quite isomorphic in these applications. And still the tale often is the first and fundamental verbalization of a complex reality, the primary way to speak about many-sided problems, just as telling a tale was seen to be quite an elementary way of communication. Language is linear, and linear narrative is thus a way prescribed by language to map reality".]

considerar *Filoctetes* uma peça ficcional com pontos de intersecção com a realidade social.<sup>69</sup> Com base nessa afirmação, o cenário, as indumentárias, os personagens, as falas e a trama eram criados para fazer os espectadores pensar sobre os problemas da *pólis* ateniense do séc. V a. C. Margeada por assuntos díspares apresentados com alguma notificação particular, a ponto de o público reconhecê-los, a tragédia mostra a utilização de um mito do passado com uma roupagem nova no presente. A esse respeito, vale citar Vernant (1999, p. 8):

...a tragédia, enquanto gênero literário, aparece como a expressão de um tipo particular de experiência humana ligada a condições sociais e psicológicas definidas. Esse aspecto de momento histórico, localizado com precisão no espaço e no tempo, impõe certas regras de método na interpretação das obras trágicas. Cada peça constitui uma mensagem encerrada num texto, inscrita nas estruturas de um discurso que, em todos os níveis, deve constituir o objeto de análises filológicas, estilísticas e literárias adequadas. Mas esse texto não pode ser compreendido plenamente sem que se leve em conta um contexto. É em função deste contexto que se estabelece a comunicação entre autor e seu público do século V e que a obra pode reencontrar, para o leitor de hoje, sua autenticidade e todo seu peso de significações.

Na tragédia *Filoctetes*, peça representada em 409 a.C., período conturbado em Atenas e marcado por profunda divisão interna, crise de valores e oportunismo político, Sófocles apresenta da saga de Odisseu o episódio em que devia reconduzir Filoctetes ao campo de batalha. Nessa passagem do mito, a derrota de Troia só se concretizaria se contasse com a

---

<sup>69</sup>Por isso, concordamos com a opinião de Burket, segundo o qual o mito serve para apontar, de forma implícita, questões sociais. Assim, o enredo trágico torna-se um mecanismo de propulsão para colocar em questão, conflitos, problemas, discussões e conceitos, primordialmente ligados aos sofistas.

participação do tessálio, detentor das armas de Hércules. Nessa missão, o herói de Ítaca está na companhia de Neoptólemo, filho de Aquiles, um guerreiro escolhido por sua origem (*Fil.* v. 56) e capacidade discursiva (*Od.* XI, vv. 510-1). Entretanto, o cumprimento do objetivo não seria facilmente realizado, pois Filoctetes nutria um ódio mortal pelos Atridas e também por Odisseu, responsáveis por seu abandono<sup>70</sup> na ilha de Lemnos, após ter sido mordido no pé por uma serpente, guardiã do templo de Crises. Filoctetes comprometia, em consequência de sua moléstia, a segurança de toda a tropa (*Fil.* vv. 1-11). É interessante notar, entretanto, que o narrador de *Ilíada* já anunciara a futura reintegração do herói maliense ao exército aqueu, como referem os versos 716-25 do canto II:<sup>71</sup>

Os que lavravam Metone, bem como os heróis de Taumácia,  
por Filoctetes trazidos chegaram, arqueiro famoso,  
em sete naves, contendo cada uma cinquenta remeiros,  
todos dotados de força e habituados ao tiro com o arco.  
Ele, entretanto, ficara a sofrer indizíveis tormentos  
na ilha de Lemnos divina, onde o haviam deixado os Acaios  
vítima de úlcera feita por dente de serpe nociva.

720

Lá se encontrava, a gemer; mas em breve, ao redor de seus barcos,  
de Filoctetes haviam lembrar-se os Aquivos guerreiros.<sup>72</sup>

Percebe-se, numa simples comparação com os citados versos homéricos, que Sófocles manteve o mesmo tema aludido na epopeia e não lhe alterou o enredo central, compondo sua

---

<sup>70</sup>Segundo Snell (2001, p. 112), era uma característica de Sófocles representar em suas peças homens solitários, que possuíam uma posição quase irredutível acerca dos assuntos vigentes. Essa particularidade encontra-se na personagem Filoctetes, um homem abandonado, ciente de que aos Aqueus não prestaria nenhum tipo de ajuda, ao contrário, desejaria a morte de muitos deles por causa do mal que lhe tinham feito.

<sup>71</sup>Vernant (1999, p. 127) esclarece que o mito de Filoctetes foi mencionado de forma sucinta na *Ilíada* (II, vv. 716-25) e esboçado na *Pequena Ilíada* e nos *Cantos Cíprios*. Há, de acordo com o estudioso, um resumo da *Pequena Ilíada* em A. Severyns, *Recherches sur la Chestomathie de Proclo*, IV, Paris, 1963, p. 83, l. 217-8, bem como para os *Cantos Cíprios*, ver *idem*, na p. 89, l. 144-146.

<sup>72</sup> Tradução de Carlos Alberto Nunes.

peça sobre o abandono de Filoctetes na ilha de Lemnos e sua futura reintegração ao exército. Alguns estudiosos, como Romilly (1997, p. 22), acreditam que a breve menção ao tema em Homero facultou ao tragediógrafo ampliar as possibilidades artísticas na elaboração do enredo, o que lhe proporcionou uma adaptação da composição teatral sobre o mito de Filoctetes, do qual destacou aspectos considerados mais relevantes para a situação que se lhe apresentava. Nessa perspectiva, a escolha do tema não foi casual, mas se tornou conveniente na medida em que favoreceu Sófocles em sua abordagem, não restringindo sua capacidade criativa<sup>73</sup>.

E os elementos existentes na peça, não encontrados no relato homérico, obedecem a critérios de verossimilhança para satisfazer as expectativas da audiência e montar uma obra sem objeções ao conteúdo. Deve-se ter em mente que o poeta tinha um espaço considerável para apresentar suas ideias, mas ele não o faz de qualquer forma, pelo contrário, todo o arranjo incorporado à trama deve parecer uma história verdadeira, sem desproporcionalidades em relação ao que o espectador já conhecia. Por isso, Sófocles, com base nos referidos versos 716-25 do canto II de *Ilíada*, elaborou a estrutura temática da tragédia que apresenta, ao que parece, em vários aspectos, pontos convergentes com o proêmio de *Odisseia* (vv. 1-10) no qual a amizade ocupa um lugar primordial, já que o herói Odisseu tenta de todas as formas salvar a vida de seus companheiros, contrariamente ao que se observa em *Filoctetes* em que o rei de Ítaca é responsabilizado por abandonar um companheiro, Filoctetes, num momento de dificuldades, como já comentamos. Acrescente-se que, em *Filoctetes*, Sófocles retoma assuntos aludidos no proêmio, tais como o conhecimento de muitos costumes por parte do protagonista de *Odisseia*, sua linhagem e sua *phýsis*.

---

<sup>73</sup> Segundo Romilly (1997, p. 22), “desenvolveu-se uma espécie de distância, de recuo em relação ao tema que parece ter ainda contribuído para aumentar a majestade da tragédia e para lhe conferir uma dimensão particular, pois ela apenas utiliza uma determinada ação como uma espécie de linguagem por meio da qual o poeta pode dizer tudo aquilo que o toca ou fere”.



Além disso, os personagens, o cenário e as falas são elaborados pelo tragediógrafo para suscitar aquilo que poderia ter acontecido. A esse respeito, Aristóteles, em *Poética* (IX, 1451b), estabelecendo uma distinção entre o poeta e o historiador a fim de esclarecer a posição do primeiro, evidencia que o tragediógrafo não registra um fato, mas formula uma história possível de acordo com suas convicções:

Também é claro, a partir do que foi dito, que a função do poeta não é dizer aquilo que aconteceu, mas aquilo que poderia acontecer, aquilo que é possível segundo o provável ou o necessário. Pois não diferem o historiador e o poeta por fazer uso, ou não, da metrificação (seria o caso de metrificar os relatos de Heródoto; nem por isso deixariam de ser, com ou sem metro, algum tipo de história), mas diferem por isto, por dizer, um, o que aconteceu, outro, o que poderia acontecer. Por isso a poesia é mais filosófica e também mais virtuosa que a história. Pois a poesia diz antes o que é geral, enquanto a história, o que é particular. Geral é que tipo de coisa cabe a uma pessoa de determinada qualidade dizer ou fazer segundo o provável ou o necessário, o que visa a poesia na maneira como atribui os nomes. O particular é aquilo que Alcibíades fez ou sofreu.

A estrutura da peça estava em grande parte associada a uma lógica na concatenação de ideias, na maneira de reproduzir a ação, afastando qualquer sensação de estranheza por causa de um elemento improcedente, desconhecido ou não aceito. O poeta devia produzir um espetáculo mais próximo da realidade, com base no conhecimento das crenças e do

imaginário do povo.<sup>74</sup> Assim, ao compor a tragédia, o poeta poderia inserir certas alusões, impressões ou mesmo indícios do que pensava.

O público devia, então, entrever, nos elementos constitutivos da cena, a arte do poeta, seu talento em tratar de algo tão distante, e, ao mesmo tempo, propor uma mensagem atual. Isso porque a cena e o desenvolvimento da trama não serviam somente para divulgar a saga dos heróis do passado e fazê-los ainda mais conhecidos do grande público, mas possibilitavam uma reflexão sobre usos, costumes, práticas e comportamentos do presente, tudo isso feito de forma indireta, com base numa narrativa mítica: em Sófocles, o mito de Filoctetes na peça homônima. Isso somente seria possível se o poeta deixasse sinais ou algum tipo de orientação que buscassem direcionar o entendimento do público. Havia, então, uma intenção do poeta, e o público era o principal receptor e devia assistir à encenação buscando descobrir sua finalidade.

Assim, para a leitura e análise de passos da peça *Filoctetes*, visando compreender a apropriação do herói homérico por Sófocles na peça referida, podemos utilizar a teoria de “arte alusiva”, proposta por Pasquali e citada por Vasconcelos (1999, p. 82): “a criação de sentidos que o diálogo com o(s) texto(s) evocados(s) provoca”. Deste modo, com a “arte alusiva”, o poeta relaciona determinados pontos da obra com um referente externo, localizado em outra obra ou citação ou em texto de outros autores. A interpretação mais adequada da obra do poeta pelo público deve passar por um conhecimento de algo que está fora daquilo que o próprio poeta fez. Corrobora-o Vasconcelos (1999, p. 84):

Essa "arte" consiste em evocar outros textos através de citação (que pode ser feita de formas tão sutis e diversas que julgamos impossível

---

<sup>74</sup>Essa questão é muito importante, pois a representação em cena se refere a um mito utilizado para educar gerações de pessoas na Grécia. É algo quase solene, em razão de sua conotação religiosa e social, tentar entrever as particularidades imprescindíveis daquela história contada pela tradição através da ação de personagens nas mesmas proporções. O poeta deveria reconhecer na sua função uma natureza sacerdotal, na medida em que recebe algo divino para comunicar ao povo, conferindo à representação uma esfera de revelação.

enumerar objetivamente todos os seus tipos) - e tecer com eles diálogo criador da mais vasta gama de sentidos. Portanto, interessamo-nos, sobretudo, por indícios concretos de evocação textual, tanto mais comprobatórios quanto mais extensos e próximos da "fonte".

Em *Filoctetes*, a “arte alusiva” estabelece-se na relação intrínseca de partes da peça com as epopeias homéricas, como já comentamos, pois o fator relevante na tragédia citada se dá na construção de sentidos com base em referências da guerra de Troia. Assim, o tragediógrafo não precisa dizer explicitamente, mas é capaz de sugerir ao público o sentido mais conveniente de entender sua mensagem por meio de um conjunto de sinais disponíveis.

Lembramos que a análise da obra sofocliana em nossos dias encontra certas dificuldades, considerando a falta de informações do próprio autor acerca do espetáculo em si, de indícios do contexto político-social da época de apresentação da peça entre outros aspectos. O que ficou para a posteridade foi a mensagem quase cifrada sobre questões da época da apresentação da peça incorporadas na obra que o leitor deve decodificar. Compartilhamos com Brandão (1991, p. 162), ao afirmar que: “Na verdade, tudo que temos nas mãos, quando trabalhamos com um texto trágico, é o próprio texto e tudo o que se afirma a seu respeito, se não estiver ancorado nele, são apenas conjecturas”. Essa “arte alusiva”, produzida por sinais diversos, acaba restringindo-se a pequenas marcas do texto, e certamente sofre uma diminuição de alcance, pelo menos em relação àquilo que poderia ter acontecido<sup>75</sup> no momento de sua encenação para o público presente na ocasião.

---

<sup>75</sup>Acerca disso, é importante considerar os pressupostos teóricos de Maingueneau (1996, p. 1), que apoiando-se no conceito de *êthos* proposto por Aristóteles em sua *Arte Retórica*, desenvolve um organizado meio de entrever a leitura como uma interação viva entre leitor e texto. Na verdade, apesar das diferenças, existe um vínculo essencial entre as duas teorias do *êthos*, pois se o conceito aristotélico contempla somente o discurso oral, a reelaboração moderna da noção antiga estende seu significado ao nível do texto, independentemente do gênero, já que toda obra possui, para ele, uma “vocalidade”. Segundo o estudioso “o texto está sempre relacionado com alguém, uma origem enunciativa, uma voz que atesta o que é dito” (MAINGUENEAU, 2001, p. 138-9). Desta

Ao sabor de sua capacidade criativa, Sófocles, na releitura<sup>76</sup> do personagem Odisseu, destacou-lhe características marcantes e burilou-as de acordo com o tema central da narrativa mítica, para dar contornos trágicos à peça e mostrar traços sofisticados de Odisseu, que evocam seus principais epítetos homéricos. Acerca da reconstrução de uma figura mitológica, o poeta legitimava o personagem por meio de traços oferecidos pelas fontes, para que o público o aceitasse como real e verossímil.

---

forma, a compreensão da cenografia, da situação de enunciação é imprescindível para reconhecer a vocalidade da obra. Quando lemos um texto, silenciosamente ou em voz alta, imaginamos determinados tons para a voz de cada personagem com base nas pistas deixadas pelo próprio texto. Acrescenta, ainda, que o termo tom é adequado, uma vez que pode ser utilizado tanto em discursos orais quanto escritos. O vínculo existente entre cenografia e tom é exemplificado da seguinte maneira por Maingueneau (MAINGUENEAU, 2006, p. 266):

Como evocar, por exemplo, uma cenografia profética, um código linguístico popular e deixar de lado o tom profético ou áspero, as maneiras de proferir e gesticular que são inseparáveis desses tipos de enunciação? Sequer podemos conceber o didatismo de Júlio Verne sem o tom professoral, nem um gênero mundano sem a expressão policiada dos frequentadores habituais dos salões.

Seguindo essa linha de raciocínio, o coenunciador, com base nessa vocalidade, cria uma representação do enunciador. Essa representação, continua Maingueneau (2001, p. 139), “desempenha o papel de um fiador que se encarrega da responsabilidade do enunciado”. Isto é, a figura do sujeito falante - projetada pela sua maneira de se movimentar no espaço social, suas vestes, bem como suas construções sintáticas - associa-se ao que está sendo dito. Por uma série de fatores de ordem psicológica e social, o coenunciador associa ao fiador um caráter e uma corporalidade. Segundo o linguista francês (2006, p. 271-2), o caráter é “um conjunto de características psicológicas” e “corporalidade, por sua vez, associa-se a uma compleição física e uma maneira de se vestir”. Essas operações cognitivas são realizadas pelo leitor de acordo com seu conhecimento de mundo e enciclopédico. Se ele ignorar o tempo, o espaço e a situação, ou seja, o mundo ético em que está sendo elaborada a obra e do qual participam os personagens, estará também ignorando o *êthos* pelo qual se justifica o enunciado e colocando em risco a compreensão das inúmeras situações de comunicação expressas em uma obra. Maingueneau chama de incorporação o modo como o leitor ou ouvinte interpreta esse *êthos*.

O *êthos* do texto é responsável pela interpretação (incorporação) do leitor que se orienta pelas pistas deixadas pelo enunciador e aceita os fatos e as versões por estarem de acordo com um mundo (“mundo ético”) criado na obra. O leitor tanto atribui um caráter quanto uma corporalidade, construindo uma representação (fiador) do enunciador.

<sup>76</sup>Concordamos com Easterling (1984, p. 1) quando propôs que Sófocles, na composição de sua obra, foi profundamente influenciado pelos heróis dos Poemas Homéricos e manifestou grande interesse em retratar o comportamento desses personagens.

Com efeito, na referida peça, em contexto semelhante ao apresentado no célebre episódio da embaixada enviada a Aquiles, narrado no canto IX de *Ilíada* (vv. 185-657), Odisseu, também compondo uma embaixada e participando de um episódio referente à guerra de Troia, devia reconduzir Filoctetes ao exército aqueu, pois Troia só seria vencida se os Aqueus possuísem as armas de Hércules, das quais o tessálio Filoctetes tinha a posse. O fato de Odisseu ser destacado para missões diplomáticas a serviço da comunidade aqueia e, em situações difíceis, intermediar decisões justifica-se por sua capacidade de convencimento, fundamento da *práxis* sofística.

O mesmo podemos dizer de Neoptólemo, o jovem filho de Aquiles, que foi escolhido para acompanhar Odisseu e participar efetivamente da missão na ilha de Lemnos. Sua presença está associada ao fato de também ser um homem habilidoso no uso da palavra, como evidenciam os versos 505-16 do canto XI de *Odisseia*<sup>77</sup>, além de ser filho de Aquiles, que não admitia mentiras, como fica evidente no discurso do Pelida, ao dirigir-se a Odisseu, no episódio da embaixada:

‘διογενὲς Λαερτιάδη πολυμήχαν’ Ὀδυσσεῦ  
χρὴ μὲν δὴ τὸν μῦθον ἀπηλεγέως ἀποειπεῖν,  
ἧ̃ περ δὴ φρονέω τε καὶ ὡς τετελεσμένον ἔσται, 310  
ὡς μὴ μοι τρύζητε παρήμενοι ἄλλοθεν ἄλλος.  
ἐχθρὸς γάρ μοι κεῖνος ὁμῶς Αἴδαο πύλησιν  
ὅς χ’ ἕτερον μὲν κεύθη ἐνὶ φρεσίν, ἄλλο δὲ εἶπη.

Divino filho de Laertes, Odisseu de mil ardis,

---

<sup>77</sup>Nos versos 505-16 do canto XI da *Odisseia*, encontramos o registro de uma cena bastante importante para ratificar o que estamos falando acerca de Neoptólemo. No Hades, Odisseu diz a Aquiles que o filho na assembleia procura falar entre os primeiros e somente ele mesmo, Odisseu, e Nestor o venciam na argumentação. Assim, podemos concluir que Neoptólemo possui uma característica preponderante na arte do discurso, notada pelos guerreiros e utilizada nessa ação contra Filoctetes.

é preciso revelar-te minha intenção francamente,  
do modo como penso e como será realizado,  
para que não murmureis, cada um de seu lado, ficando perto de mim.  
Tal como as portas do Hades, é odioso para mim aquele  
que esconde no coração uma coisa, mas fala outra.

310

(*Il. IX*, vv. 308-13)<sup>78</sup>

Entretanto, diferentemente do Odisseu épico, em *Filoctetes*, revela-se o herói com um perfil questionável, um homem destinado apenas a cumprir sua missão, sem levar em conta os meios ilícitos para atingir seu objetivo, apoderar-se do arco de Hércules (*Fil.* 54-134). É evidente que o sucesso da empresa, dirigida por Odisseu, não traria benefícios somente para ele, mas para todo o exército aqueu. Muito provavelmente, o tragediógrafo, utilizando-se desse personagem homérico, tencionou fazê-lo representar figuras de seu tempo, associadas ao discurso lógico e ao poder de sedução, próprios dos sofistas, como já comentamos. Compartilhamos do ponto de vista de Ferreira (SÓFOCLES, 2005, p. 22), segundo o qual o discurso de Odisseu representa, em muitos momentos, a atitude dos sofistas da época de Sófocles, mestres de retórica que ensinavam seus discípulos a tornar argumentos fracos e falsos em verdadeiros e persuasivos. Nas palavras do helenista, Odisseu “é a corporização e a incarnação de certas práticas políticas em voga à data da representação do *Filoctetes*”.

Para além dessa customização autoral, que também é original, uma das perguntas mais dramáticas que simbolizam o teatro grego, de acordo com Snell (1969, p. 35), fundamenta-se na expressão “o que devo fazer”<sup>79</sup>, carregada de interpretações variadas e que marca, de

---

<sup>78</sup> Tradução nossa.

<sup>79</sup> Snell (1969, p. 35) reconheceu que uma das características do gênero trágico, que o faz diferente dos outros, é que tudo se encaminha para o momento da decisão do herói. Assim, a novidade, a síntese se tem quando surge a consciência de ter diante de si a ação, de se encontrar no momento da decisão. E essa síntese se exprime em sua forma própria, no drama. Em Ésquilo o problema *tí dráso*; (“que devo fazer?”) é posto no ápice de sua última e máxima tragédia com toda a angústia de um homem encurralado; e, com isso, o agir é compreendido em seu

maneira incontestada, o conflito do herói grego e seu destino final, como bem observamos sobretudo no personagem Neoptólamo que, em diversas passagens, demonstra indecisão acerca de suas atitudes em relação a Odisseu e a Filoctetes. Neoptólamo representa na peça o homem educado segundo os princípios da sociedade retratada nos Poemas Homéricos e que diante das novas concepções presentes no século V a. C., deixa levar-se, adotando um comportamento contrário a sua natureza aristocrática. A crise de valores, pela qual o jovem passa, pode ser verificada no próprio modo de agir do personagem: primeiramente, decide agir conforme as ordens de Odisseu, mas, depois, arrepende-se, mudando sua opinião e seu procedimento diante de Filoctetes. Esse comportamento é bem marcado na primeira parte da peça, no diálogo entre Neoptólamo e Odisseu, que tenta convencer o inexperiente jovem a reintegrar Filoctetes ao exército aqueu por meio da astúcia (vv. 1-134), e, ainda, no diálogo do jovem filho de Aquiles com o solitário maliense quando aquele questiona se deve revelar todo o plano de Odisseu para enganar Filoctetes e, por conseguinte, levá-lo junto com o arco para Troia, como exemplificam os versos seguintes, nos quais se observa a expressão “o que devo fazer”:

**Νεοπτόλεμος**

παπαῖ· τί δῆτ' ἄν δρῶμ' ἐγὼ τοῦνθένδε γε;

895

**Φιλοκτήτης**

τί δ' ἔστιν, ὦ παῖ; ποῖ ποτ' ἐξέβης λόγῳ;

**Νεοπτόλεμος**

οὐκ οἶδ' ὅποι χρῆ τᾶπορον τρέπειν ἔπος.

---

ponto mais profundo e problemático. Somente com esse olhar no próprio futuro, o homem capta o seu Eu como interioridade real, não como simples Ele ou Tu, ao modo do *épos* ou da lírica”.

**Neoptólemo**

Ai, ai! O que devo eu fazer daqui em diante?

895

**Filoctetes**

O que há filho? Por qual discurso te desvias?

**Neoptólemo**

Não sei para onde preciso dirigir uma fala duvidosa.

De modo análogo, nos versos 969-76, verifica-se a hesitação de Neoptólemo: devolver as armas a Filoctetes ou dar cumprimento ao plano de Odisseu:

**Neoptólemo**

οἴμοι, τί δράσω; μή ποτ' ὄφελον λιπεῖν  
τὴν Σκῦρον· οὕτω τοῖς παροῦσιν ἄχθομαι.

970

**Filoctetes**

οὐκ εἶ κακὸς σύ, πρὸς κακῶν δ' ἀνδρῶν μαθὼν  
ἔοικας ἤκειν αἰσχρά· νῦν δ' ἄλλοισι δοῦς  
οἷς εἰκὸς ἔκπλει, τὰμὰ μοι μεθεῖς ὄπλα.

**Neoptólemo**

Ai de mim, o que devo falar? Prouvera os deuses que eu nunca tivesse deixado  
Ciros; tão oprimido estou com a situação presente.

970

**Filoctetes**

Tu não és mau, mas, tendo aprendido com homens vis,  
pareces concordar com atos vis; e agora tendo devolvido aos demais o que  
convém, levanta a âncora, depois de ter-me deixado as armas.



Filoctetes, por sua vez, é a projeção do cidadão grego regido por normas de conduta aristocráticas e que não muda diante das dificuldades nem mesmo para obter vantagens pessoais. O maliense critica, de forma veemente, Odisseu que, na peça, representa a mentalidade vigente no século V a.C., em que se questionava a tradição e se acreditava na volatilidade das opiniões, que desencadeavam constantes discussões sobre os princípios tidos como verdadeiros e incontestáveis. Filoctetes retrata o cidadão ligado à moralidade política, como afirmou Kitto (1960, p. 106), que não se deixa conduzir pelas artimanhas de um discurso sedutor, como, por exemplo, o de Neoptólemo nos versos 1263 a 1286, nos quais este último tenta persuadir o maliense a embarcar para Troia. Desse passo, destacamos os versos 1283-8:

πάντα γὰρ φράσεις μάτην.

οὐ γὰρ ποτ' εὖνουν τὴν ἐμὴν κτήσει φρένα,

ὅστις γ' ἐμοῦ δόλοισι τὸν βίον λαβῶν

ἀπεστέρηκας, κᾶτα νουθετεῖς ἐμέ

1285

ἐλθῶν, ἀρίστου πατρὸς αἴσχιστος γεγώς.

ὄλοισθ', Ἀτρεΐδαι μὲν μάλιστ', ἔπειτα δὲ

ὁ Λαρτίου παῖς καὶ σύ.

Na verdade, dirás tudo em vão,

pois jamais terás benevolente meu coração,

tu que, depois de teres tomado a minha vida com enganoso,

dela me despojaste; e, em seguida, ao chegares,

1285

me advertes, filho odiosíssimo de um nobre pai.

Que pereçais, sobretudo os Atridas, e depois

tu também, filho de Laertes!

Embora a atitude destemida e irreconciliável de Filoctetes revele sua posição de não voltar para Troia - contrariando, assim, a vontade de Odisseu e dos Atridas -, observamos algumas vezes que as falas do maliense deixam transparecer certa variação numa decisão ou

mesmo um questionamento próprio de uma pessoa insegura, principalmente em relação a sua vida sem o arco, tomado de suas mãos por uma ação orquestrada pelo mais vil dos homens. A opinião de Ferreira (2005, p. 17) corrobora esse tipo de comportamento de Filoctetes:

Notemos ainda que sua recusa é categórica, mas não isenta de hesitações. Que fazer? - pergunta ele (vv. 1063-4), quando Ulisses se apresta para partir com o arco e abandoná-lo à morte inevitável. Uns versos mais adiante (vv. 1181-2), numa contradição interior, suplica ao coro que não parta, quando pouco antes lhe dera ordem contrária (v. 1177). Depois, após o pedido de Neoptólemo reabilitado, não sabe o que fazer. Sente asco pela vida que o fez descrer de tudo e deseja morrer (vv. 1348-9).

Em contrapartida, Odisseu faz da pergunta “o que devo fazer”, proposta por Snell como característica do conflito interno vivido por um personagem trágico, parecer uma formulação comum, em razão de o herói saber sempre “o que deve fazer”. Em outras palavras, Odisseu age na firmeza de seus pensamentos, não hesita em proceder conforme já havia previsto; suas ações não apresentam nenhuma indecisão. Motivado por pensamentos avaliados por ele mesmo como os mais adequados, ensina a Neoptólemo o discurso para convencer Filoctetes a retornar com as armas de Hércules para o exército aqueu.

Um exemplo dessa característica odisseica pode ser encontrado no episódio em que Neoptólemo - depois de falar a verdade e ouvir o lamento de Filoctetes, angustiado por ter sido enganado -, arrepende-se de ter agido conforme as instruções de Odisseu e decide consertar seu erro, falando a verdade e devolvendo o arco. Essa cena é significativa, pois, se, no início da peça, Odisseu disse que se manteria oculto para o plano não ser descoberto, nesse

momento, ele aparece pela primeira vez diante de Filoctetes, repreendendo o jovem por sua mudança de atitude a julgar pelo verso 975:

ὦ κάκιστ' ἀνδρῶν, τί δρᾷς;

Ó mais vil dos homens, o que estás fazendo?

975

Nesse contexto, a expressão τί δρᾷς; “O que estás fazendo?”, variação morfológica da proposta por Snell (τί δρώσω ; “que devo fazer?”), é utilizada para repreender Neoptólemo e caracterizar toda a forma inflexível de Odisseu para o que se propôs fazer na ilha. Odisseu questiona o jovem porque sua atitude está prejudicando todo um sofisma bem urdido e trazendo a ruína do exército. Ele se posiciona a favor de uma ação sem mudanças repentinas, exatamente conforme haviam planejado: levar Filoctetes para Troia. Odisseu mostra ao jovem uma postura firme, independe das consequências imediatas. O que está em jogo é a vitória sobre Troia e, por sua vez, a salvação de todo um exército.

Nessa perspectiva, *Filoctetes* propõe uma resposta à indagação “o que devo fazer”, manifestada nas ações dos três personagens principais: Odisseu, Neoptólemo e Filoctetes. Essas figuras teatrais refletem, de maneira clara, pensamentos e condutas sociais presentes no século V a. C. e, ainda uma nítida crise entre a ideologia do passado, pautada na honra e na verdade e representada pelos personagens Filoctetes e Neoptólemo, e a nova ordem social e política, estabelecida em Atenas e representada por Odisseu, na qual o poder de argumentação e a persuasão se tornaram meios seguros para a obtenção de sucesso na *pólis*.

### 3.1 A sofística e Odisseu: algumas semelhanças

Em *Filoctetes*, o personagem Odisseu guarda características já apresentadas nos Poemas Homéricos, sobretudo no tocante a sua capacidade de proferir discursos persuasivos,

pois representa nessa peça determinadas figuras da época de sua encenação, ligadas ao discurso político e à capacidade oratória, os sofistas. Desta forma, por meio das ações e da argumentação discursiva de Odisseu, podem-se entrever, na peça em questão, traços de Odisseu relacionados com aquele grupo específico de mestres do saber. Assim, associar Odisseu com a sofística é perfeitamente possível em virtude de no contexto social da Atenas da segunda metade do século V a. C., caracterizado pelo regime democrático, o diálogo e o debate terem se tornado poderosos meios de comunicação na exposição do pensamento.

A *ágora*, praça pública, era o lugar eminentemente das disputas políticas e das decisões que influenciavam a organização das *póleis*. Além de funcionar como ponto de encontro de cidadãos, atraía o interesse dos que tinham aspirações aos cargos públicos, dos admiradores na arte do discurso persuasivo e dos que apenas queriam fazer prevalecer sua causa, fosse ela justa ou não.

Apresentar um discurso eloquente, na época clássica grega, com uma argumentação lógica e persuasiva acerca de um determinado assunto, era bastante preponderante. Expor uma ideia de forma clara e defendê-la com justificativas bem fundamentadas tornaram-se o objetivo proeminente para uma parcela da população, principalmente àqueles homens desejosos de receber funções e cargos públicos. Por conseguinte, os que tinham habilidade no falar e carisma pessoal podiam conquistar um número considerável de seguidores, entre eles políticos e jovens descendentes da antiga aristocracia. Nesse contexto social da Atenas democrática, encontravam-se os sofistas, um grupo distinto dos retores gregos.

O intuito inicial então era oferecer aos cidadãos estratégias para se comunicar bem em público. A elocução recebeu evidentemente uma atenção especial, pois percebeu-se que a tarefa de convencer não dependia somente do enunciado, mas do modo de pronunciá-lo. Assim, as formas de expressão, os gestos e a postura corporal foram estudados para servir de sustentação ao discurso. Isso proporcionou o aparecimento posterior de escolas especializadas

na Grécia, nas quais a arte do discurso era estudada em diferentes cursos, compostos por matérias complementares.

Houve, então, uma sistematização das técnicas oratórias, uma divisão organizada das matérias relacionadas com a arte de convencer e uma dignificação dos melhores mestres por meio dos elogios dos alunos. Essa exposição magistral - com exemplos demonstráveis, facilitando assim o aprendizado -, rendeu posteriormente um salário meritório aos professores como forma de compensação pelos esforços de passar boa parte do tempo adquirindo conhecimento sobre a matéria que lecionavam. Na verdade, os estudos mais aprofundados contribuíram consideravelmente para uma melhor compreensão dos meios de convencimento e produziram uma gama de pequenos manuais acerca daquilo que convencionalmente se chama retórica, a arte de persuadir pelo discurso, conforme sugere Reboul (2004, p. XIV).

Assim, colocar em cena um personagem como Odisseu na peça *Filoctetes*, cuja qualidade mais proeminente está associada ao discurso persuasivo, revestido em muitos aspectos da forma e do modo de agir dos mestres da retórica do século Va. C., possibilitou fazer um elo quase direto com esses profissionais do discurso. Além disso, o fato de o herói ter conhecido muitas cidades e suas leis - o epíteto *polytropos*, “o que muito peregrinou”, condensa essa ideia, como se pode depreender do próêmio de *Odisseia* - contribuiu para reforçar a comparação de Odisseu com os sofistas, pois estes eram conhecidos por andarem por várias cidades propagando suas doutrinas. Um outro ponto de interseção entre eles - relacionado com esse mesmo epíteto, que pode ser entendido como “de muitos desvios da linguagem, - é a capacidade de pensar de várias maneiras para escolher a melhor solução, mesmo que o meio utilizado seja o engano. Para o rei de Ítaca e para os sofistas, utilizar a astúcia para enganar era um artifício justificável, se o objetivo fosse convencer, e os argumentos utilizados não precisavam necessariamente ser verdadeiros, mas verossímeis, devendo estar associados principalmente a sua força de persuasão. Logo, essas semelhanças

fazem de Odisseu um personagem singular e ideal para representar um grupo específico de mestres gregos, os sofistas.

O uso do termo *sophistés*, substantivo derivado do σοφίζω, “tornar sábio ou hábil”, e este do adjetivo σοφός, projeta-nos a um período anterior ao V século a. C.,<sup>80</sup> referindo-se prioritariamente a pessoas hábeis ou sábias em alguma ocupação, como um médico, um poeta ou um adivinho, um estadista. Contudo, no século V a. C., segundo Luce (1994, p. 82), na Grécia, o vocábulo passou a vincular-se a uma classe específica de homens que viajavam pelas cidades, ensinando suas doutrinas em palestras públicas e conversas particulares, a julgar pelo que se lê em *Hípias Maior* 282a.<sup>81</sup> Esses professores, ao ministrarem uma gama de disciplinas (gramática, dialética, aritmética, geometria, astronomia, música), entre as quais a retórica, cobravam<sup>82</sup> por suas aulas e propagavam suas habilidades em instruir os jovens a ser excelentes cidadãos e a desempenhar qualquer cargo na *pólis* com desenvoltura e presteza. Fato curioso é que desempenhar um ofício e ser pago por isso era normal. Onde, então, estaria

---

<sup>80</sup>Para a evolução do termo *sofía*, *sofós* e *sofistés* conferir Rocha Pereira (2006, p. 241-8).

<sup>81</sup> O sentido de *sophós* no século V a. C. consistia em ter um conhecimento útil para cooperar com a vida em sociedade, e a validade do saber estava ligada à sua conveniência e presteza para os indivíduos da Atenas clássica. Com base nessa acepção, Guthrie (1995, p. 32) faz uma citação de Ésquilo, quando disse “não é aquele que sabe muitas coisas que é *sophós*, mas aquele cujo conhecimento é útil”. Os sofistas, por isso, eram realmente sábios segundo essa nova concepção, pois o que ensinavam servia para moldar os discursos dos homens nas *pólis*, tornando-os vencedores em qualquer discussão conceitual, principalmente na política, no ambiente da *ágora*.

<sup>82</sup>Há consenso de terem sido os sofistas homens interessados somente em ganhar dinheiro com suas aulas e não em ensinar verdades aos seus alunos. Sobre essa questão vale conferir: Platão (*Apologia*, 20a; *Górgias*, 519d; *Hípias Maior*, 282b-e; *Laques*, 186c; *Crátilo*, 384b, 391b-c; *República*, I. 337d; *Ménon*, 91d; *Protágoras*, 312d); Aristóteles (*Ética a Nicômaco*, 1164a 25-33); Isócrates (*Contra os sofistas*, 3) [apud Rocha Pereira, 2006, pp. 451-2, nota 7]. Segundo Lesky (1995, p. 371): “Não há outro movimento que se possa comparar com a Sofística quanto à duração das suas consequências. Não que, de um golpe, tenha modificado a vida cultural grega; antes, já vimos que os círculos afetados por ela ao princípio eram de certa maneira restritos. Mas o mundo de ideias que ela fez desintegrar nunca mais voltou a formar uma verdadeira unidade, e as perguntas que formulava, as dúvidas que suscitava, não puderam ser silenciadas [...]”.

o problema de os sofistas serem remunerados por seu ofício? A questão principal consistia, pelo menos, no objetivo de sua função.

Acerca dessa questão, a julgar pelo que diz Platão, temos uma resposta bem direta dada por Protágoras (*Prot.* 318e), no diálogo homônimo: “O cuidado adequado de seus próprios negócios, para que possa administrar melhor sua casa e família, e também o cuidado dos negócios do Estado, para se tornar poder real na cidade quer como orador, quer como homem de ação”. Na verdade, essa resposta de Protágoras - à pergunta feita por Sócrates sobre o que Hipócrates poderia aprender com ele que é um sofista - reflete não só o objetivo mas também a natureza dos ensinamentos sofísticos. E Hipócrates, ao ser inquirido sobre o que pensava de um sofista, diz: “Mestre na arte de fazer oradores hábeis” (*Prot.* 312d). Protágoras enaltecia as qualidades da retórica, pois, segundo ele, todas as outras artes estavam a ela subordinadas. Sua finalidade era “ensinar a arte da política e empreender fazer dos homens bons cidadãos” (*Prot.* 319a). (GUTHRIE, 1995, pp. 41 e 46)

O sofista Górgias, em seu *Elogio a Helena*, registrou a célebre frase: “O *logos* é um grande senhor”<sup>83</sup>. Para ele, seus ensinamentos ofereciam aquilo que um homem de sua época pensava ser necessário: um discurso eficiente capaz de convencer um auditório sobre determinado assunto, independente de ser este verdadeiro ou falso<sup>84</sup>.

De acordo com LUCE (1994, p. 83), um ponto de vista negativo acerca dos sofistas aparece, por exemplo, em *Nuvens* de Aristófanes, quando Sócrates identifica os sofistas<sup>85</sup>

---

<sup>83</sup>Acerca dessa frase de Górgias, Marcondes (2008, p. 44 ) afirma que “de certa maneira o *logos* é sempre visto como enganoso, já que não podemos ter acesso à natureza das coisas, mas tudo de que dispomos é o discurso [...] O *logos*, contudo, pode ser persuasivo, e Górgias chega mesmo a sustentar que mais importante do que o verdadeiro é o que pode ser provado ou defendido”.

<sup>84</sup>Cf. nossa dissertação de mestrado, p. 65, indicada na bibliografia.

<sup>85</sup>Os sofistas não eram caracterizados como integrantes de uma escola homogênea em torno de elementos comuns, nem se afiguravam um grupo de homens, defendendo interesses universais, concordantes em todas as matérias, como fica bem explícito nesse diálogo, pois, enquanto Hípias dedicava-se a treinar a memória e

como hábeis na tarefa de “fazer a causa pior parecer a melhor”, sendo por isso, duramente criticados<sup>86</sup>. Outro fator que contribuía para uma visão negativa dos sofistas era a falta de nexos entre seus ensinamentos e sua condição social: como alguns poderiam ministrar aulas sobre como ser um político virtuoso ou um excelente cidadão, se eles mesmos não ocupavam um cargo público e eram considerados estrangeiros? O sofista Górgias, por exemplo, antes de instalar-se em Atenas, era tido como um homem que cuidava dos interesses da cidade de Leontinos, sua terra natal. Foi para esse fim que ele se dirigiu à cidade de Atenas e aproveitou para divulgar sua doutrina, ganhando uma soma razoável de dinheiro (*Hípias Maior* 282b-c)<sup>87</sup>. Em apologia 19a, Sócrates expressa sua depreciação por tais homens, porque eram itinerantes e não tinham casa própria, embora não fossem essas as únicas razões pelas quais os sofistas eram criticados. Para evitar ser incipiente nessa questão das doutrinas sofísticas rejeitadas, pensamos ser bastante conveniente citar Reboul (2004, p. 9) sobre o fundamento sofístico retórico:

Deve-se a eles a ideia de que a verdade nunca passa de acordo entre interlocutores, acordo final que resulta da discussão, acordo inicial também, sem o qual a discussão não seria possível. A eles se deve a insistência no *kairós*, momento oportuno, ocasião que se deve agarrar na fuga incessante das coisas, ao que se dá o nome de espírito da oportunidade ou da réplica vivaz, e que é a alma de qualquer retórica viva.

O estudioso acrescenta ainda:

---

Górgias a retórica, Pródico ensinava gramática e linguagem. É claro que essas diversas disciplinas ministradas a um jovem seriam instrumentos poderosos para torná-lo um orador perspicaz.

<sup>86</sup>É importante salientar que não há nenhuma obra de um sofista e seus métodos, razão por que nossa fonte primaz para entrever suas práticas e seus ensinamentos são os escritos de seus maiores adversários, sobretudo Platão.

<sup>87</sup>Cf. GUTHRIE 1995, 42-3



[...] o mundo do sofista é um mundo sem verdade, um mundo sem realidade objetiva capaz de criar o consenso de todos os espíritos [...] privado de uma realidade objetiva, o *logos*, o discurso humano fica sem referente e não tem outro critério senão o próprio sucesso: sua aptidão para convencer pela aparência de lógica e pelo encanto de estilo. A única ciência possível é, portanto, a do discurso, a retórica.

## **3.2 O discurso inicial do Odisseu *polytropos***

### **3.2.1 A defesa da obediência**

A maneira de agir de Odisseu na peça traz consigo marcas caricaturais dos sofistas que assolavam Atenas, tendo como mecanismo o discurso e, como objetivo, o convencimento a qualquer custo. E essa é uma característica presente na peça desde sua abertura: do mesmo modo que os sofistas apregoavam ser capazes de munir qualquer cidadão de argumentos persuasórios em qualquer situação, o itacense tenta orientar Neoptólemo sobre a melhor maneira de agir, propondo um discurso de convencimento eficiente.

Com efeito, o primeiro recurso sofístico presente no discurso de Odisseu, para justificar ao jovem filho de Aquiles o abandono de Filoctetes na ilha de Lemnos, está ligado ao conceito de obediência, que - para o itacense, nesse caso específico exposto na peça -, se sobrepõe ao de amizade<sup>88</sup>, visto ser esta tratada do ponto de vista da conveniência dada a crise de valores da cidade de Atenas. A argumentação do herói opera de maneira lógica, a ponto de

---

<sup>88</sup>Provavelmente, em razão da crise de valores que assolava a Atenas Clássica, ao descrever o abandono de Filoctetes por Odisseu, o poeta trouxe uma reflexão: a amizade deve ser tratada do ponto de vista da conveniência, considerando os acordos que podem ser estabelecidos na área militar, política ou econômica; ou deve ser entendida como um vínculo essencialmente afetivo, com base no sentimento devotado aos seus pares. Cf. Segal (1976, pp. 81-3), que, em seu artigo, dedica uma parte de seu estudo para analisar a questão da *philia* em *Filoctetes*.

seu raciocínio insidioso antecipar uma resposta a qualquer inquirição de Neoptólemo a esse respeito. Exemplificam-no os versos de 1-6 da peça em pauta:

ἀκτὴ μὲν ἦδε τῆς περιρρύτου χθονὸς  
Λήμνου, βροτοῖς ἄστιπτος οὐδ' οἰκουμένη,  
ἔνθ', ὃ κρατίστου πατρὸς Ἑλλήνων τραφεῖς  
Ἀχιλλέως παῖ Νεοπτόλεμε, τὸν Μηλιᾶ  
Ἰοίαντος υἱὸν ἐξέθηκ' ἐγὼ ποτε,  
ταχθεὶς τόδ' ἔρδειν τῶν ἀνασσόντων ὕπο,

Esta é a costa da terra de Lemnos, cercada pelo mar,  
nunca pisada nem habitada por mortais.  
Aqui, ó filho de Aquiles, Neoptólemo - educado pelo mais valente  
pai dos helenos -, um dia  
eu abandonei o maliense, filho de Péas,  
quando recebi ordens dos meus chefes para fazer isso.

(*Fil.* 1-6)

Essa maneira de expor o assunto para o jovem filho de Aquiles demonstra a capacidade de o herói ajustar seu discurso de acordo com seu interlocutor, caracterizando sua *polytropia* retórica. A história contada deveria reproduzir um evento sem possibilidades de reprovação e, por isso, o discurso é ajustado para parecer a Neoptólemo um fato considerado honroso também pelo exército. Embora a decisão de abandonar tenha sido tomada somente por alguns do exército grego, a ação, ao que parece, recebeu de todos os integrantes do exército a devida anuência.

O fato de Odisseu, no início de seu discurso, mencionar o nome de Aquiles<sup>89</sup>, numa referência direta à filiação<sup>90</sup> de Neoptólemo (v. 3), deve ser levada em consideração por ser o

---

<sup>89</sup> De acordo com Dolon (2007, p. 33), “a descendência entre os gregos é contada através da linhagem paterna”. [descent among the Greeks is reckoned patrilineally].

jovem a representação do mais alto ideal aristocrático na sociedade grega retratada nos Poemas Homéricos. Todos sabem de sua intrepidez, ousadia, força e conduta no campo de batalha e, certamente, a imagem do melhor dos Aqueus traz consigo principalmente os valores aristocráticos desejáveis por qualquer guerreiro, ainda mais sendo esse guerreiro seu filho. Nessa argumentação, cuja base reside na genealogia, está implícita uma arma de convencimento capaz de gerar uma atitude semelhante no filho de Aquiles, integrante, pela primeira vez, de uma expedição da qual participara seu pai:

### **Νεοπτόλεμος**

ὦ παῖ Ποίαντος, ἐξερῶ, μόλις δ' ἐρῶ,  
ἄγωγ' ὑπ' αὐτῶν ἐξελωβήθην μολῶν.  
ἐπεὶ γὰρ ἔσχε μοῖρ' Ἀχιλλέα θανεῖν,

330

### **Φιλοκτῆτης**

οἴμοι· φράσης μοι μὴ πέρα, πρὶν ἂν μάθω  
πρῶτον τόδ', ἧ τέθνηχ' ὁ Πηλέως γόνος;

### **Νεοπτόλεμος**

τέθνηκεν, ἀνδρὸς οὐδενός, θεοῦ δ' ὕπο,  
τοξευτός, ὡς λέγουσιν, ἐκ Φοίβου δαμείς.

### **Neoptólemo**

Ó filho de Péas, eu explicarei, mas falarei com dificuldade,  
a que injúrias fui submetido por eles quando cheguei.  
De fato, logo depois o destino levou Aquiles à morte.

330

### **Filoctetes**

Ai de mim! Não me contes mais nada, antes de eu saber

---

<sup>90</sup>Segundo Strauss (1993, p. 25), “referir-se a alguém simplesmente pelo nome de seu pai pode indicar formalidade ou a sua juventude ou a obscuridade pela fama de seu pai ...” [to refer to someone simply by his father's name might indicate formality or the subject's youth or obscurity to his father's fame...”]

primeiramente isto: o filho de Peleu realmente morreu?

### **Neoptólemo**

Está morto, não por homem algum, mas por um deus,  
Como dizem, ferido por uma flecha, vencido por Febo.

O sofisma de Odisseu é tentar justificar o ato de abandono como sinal de obediência às ordens dadas pelos chefes aqueus (v. 5), muito embora estivesse ciente de que, com base no código heroico, deixar um companheiro em apuros era um ato reprovável por todos em qualquer situação.

O tema da amizade pode ter suscitado discussões na época da apresentação da peça, haja vista estarem os gregos vivenciando os últimos anos da guerra do Peloponeso. Essa nossa opinião tem como referência Ferreira (2005, p. 29) que discute o posicionamento de Neoptólemo diante da obediência/desobediência e amizade:

Um outro aspecto que se encontra corporizado na figura de Neoptólemo e que talvez derive mesmo da realidade da época, profundamente marcada pela guerra do Peloponeso, é o de saber até que ponto um soldado deve seguir as ordens injustas do chefe, as ordens que a sua consciência desaprova. Deve obedecer, sabendo que são injustas, ou desobedecer, incorrendo, por isso, numa falta militar? É o velho problema da disciplina do exército: na opinião de Ulisses, o soldado, para maior eficiência, deve obedecer cegamente às ordens dos seus chefes. Esse devia ser com certeza um problema cadente naquela época como podemos imaginar por uma leitura de Tucídides. No *Filotectes*, Sófocles toma nitidamente partido pela desobediência, pela autonomia da consciência individual e pela transcendência de valores: Neoptólemo, embora tema ser considerado um traidor, se desobedecer (v. 93-4), e apesar de Ulisses lhe lembrar que está sob as suas ordens (v. 53), acaba realmente por desobedecer, por considerar injusto e desonroso o plano de que o Cefalênio o incumbe.

Desta forma, nesse caso concreto, não está em voga a inobservância de uma atitude em relação à amizade, mas se discute a predominância de uma ordem dada pelos Atridas sobre uma situação. Para Odisseu, o correto era apenas obedecer sem questionar, pois as palavras dos superiores deviam ser acatadas. É importante entender que, no discurso odisseico, está implícita, de maneira latente, a ideia de que um preceito pode prevalecer sobre outro, ou seja, uma lei, se não anula, pode sobrepor-se a outra, independente das consequências ou implicações advindas de uma decisão pautada nesse princípio.

É claro que essa forma de conduzir a discussão, enfatizando a obediência ao chefe, não faz o ato de abandonar o companheiro parecer contraditório às normas estabelecidas sobre a amizade e, além disso, esclarece o ocorrido, isto é, o abandono. Assim, uma acusação de antinomia por parte de Neoptólemo não teria lugar diante da fala de Odisseu, e qualquer suspeição também perderia a força de antítese. Engrandecer o ato de obediência aos superiores foi um expediente retórico sofisticado muito bem aplicado por Odisseu para comprovar sua ação e ratificar sua *polytropia*.

A obediência irrestrita proposta pelo rei de Ítaca a Neoptólemo, sem oportunidade para uma reflexão sobre a situação, conduziria o jovem a cumprir suas ordens, ou seja, convencer Filoctetes a entregar o arco, utilizando astúcia (v. 107). Essa forma de argumentação de Odisseu apela para a consciência de Neoptólemo, pois, embora este pudesse considerar sua atitude injusta diante de Filoctetes, sua lealdade ao exército deve prevalecer sobre qualquer sentimento. Como destacado na citação de Ferreira, o dilema se estabelece quando Neoptólemo não é capaz de imediato de “saber até que ponto um soldado deve seguir as ordens injustas do chefe, as ordens que a sua consciência desaprova”.

Odisseu sabe das consequências da insubordinação, ou pelo menos, deixa entrever ao jovem filho de Aquiles as repreensões e dificuldades enfrentadas por aqueles que são

desobedientes, num discurso posterior (vv. 1241-58), ou seja, no episódio em que o jovem age de maneira contrária ao que havia combinado com o rei de Ítaca.<sup>91</sup> Desde o início, quando explica ao jovem sobre o abandono (vv. 1-11) e até mesmo quando responde as ponderações do jovem acerca do emprego da força como a melhor maneira de reconduzir o filho de Péas a Troia (vv. 86-99), a base da argumentação de Odisseu consiste em exigir de Neoptólemo uma atitude de soldado que respeita seus superiores (vv. 50-3 / 93). Assim, a consciência do ato diante de Filoctetes não deve induzir Neoptólemo à rebeldia, mas provocar nele um juízo especial, no qual a fidelidade às ordens dos chefes devia sempre prevalecer sobre qualquer situação (vv. 120-2).

Podemos entrever, com base nesse discurso inicial, o sofisma engendrado por Odisseu para explicar sua ação de abandono da seguinte maneira: agir sempre de acordo com os chefes, independente da situação. Essa é o posicionamento do rei de Ítaca para requerer a ajuda do filho de Aquiles (v. 53). Assim, a habilidade em propor uma discussão na qual a obediência é enfatizada como atitude honrável garante a participação de Neoptólemo.

Ressalta-se aqui o poder de jogar com a duplicidade do discurso organizado de forma bastante sutil. A culpa, se existe, é dos chefes aqueus, mas nem mesmo eles podem ser acusados ou condenados porque estão agindo em prol do exército e visando à tomada de poder, ou seja, à conquista de Troia. O abandono foi por obediência, mas a ordem é

---

<sup>91</sup>O estigma de traidor não era do agrado de Neoptólemo (v. 94), mas o jovem, ao não se submeter integralmente às ordens de Odisseu, descumprindo-as no final (1247-8), foi considerado pelo rei de Ítaca inimigo dos Aqueus e sofreria as consequências de seu ato (v. 1257-8). Odisseu, para impedir que o jovem procedesse da forma como estava pensando, ameaça até mesmo puxar a espada (1255-6), mas julga melhor contar o ocorrido para todo o exército, confiando numa punição. Entendemos dessa maneira que existe uma reação à insubordinação, e Odisseu estava ciente disso. Embora o texto sofocliano não registre as repreensões, podemos imaginar a decepção até mesmo para o jovem, pois em vez de ganhar uma fama sobremodo excelente seria reconhecido como um filho sem a arte do pai e um motivo de vergonha para o exército. Para realçar a gravidade da condição de Neoptólemo, naquele momento, consideramos a opinião de Dodds (2002, p. 26): “O sumo bem do homem homérico não é a fruição de uma consciência tranquila, mas sim a fruição de *timé* (estima pública). (...) A mais potente força moral que conhece não é o medo de deus, mas o respeito à opinião pública, *aidôs*.”

fundamentada numa causa nobre: a salvação de todo o exército aqueu, pois o estado debilitado de Filoctetes atrapalhava qualquer manobra dos guerreiros, e seus gritos podiam chamar a atenção do inimigo. O elemento surpresa estava em xeque, e o abandono fora ordenado visando ao bem-estar de todos, como explicitam os versos 7-11:

νόσω καταστάζοντα διαβόρω πόδα·  
ὄτ' οὔτε λειβῆς ἡμῖν οὔτε θυμάτων  
παρῆν ἐκήλοισ προσθιγεῖν, ἀλλ' ἀγρίαις  
κατεῖχ' ἀεὶ πᾶν στρατόπεδον δυσφημίαις,  
βοῶν, στενάζων. 10

já que ele sofria, por causa de uma doença terrível no pé,  
quando nem libações nem sacrifícios  
era-nos possível fazer tranquilamente, mas, com cruéis  
injúrias, ele sempre detinha todo exército,  
gritando e gemendo. 10

A esperteza do herói é notória: enquanto expõe seus argumentos, atrela o ato de abandono à impossibilidade de se fazerem libações e sacrifícios, ou seja, a ação assume contornos dramáticos, pois essas duas práticas trazem benefícios incomensuráveis aos suplicantes.<sup>92</sup> Ora, para um homem grego antigo, libações e sacrifícios eram meios importantes para obter o favor dos deuses e o sucesso em suas empreitadas, fossem elas em tempos de paz ou fossem de guerra. Ao dizer, então, que a ferida de Filoctetes atrapalhava o exército, Odisseu tenta justificar seu comportamento ligando-o aos princípios da religião tradicional. E essa consciência da primazia da divindade sobre tudo e todos é um fator capital na sociedade helênica antiga, conservada por gerações, pois os deuses são responsáveis pela

---

<sup>92</sup>Segundo Atena e Zeus (*Od.* I, vv, 60-7), Odisseu é um homem piedoso, que nunca se esquece de oferecer sacrifícios aos deuses.

vida de todos os mortais. Eles favorecem seus protegidos, têm o poder de dificultar a trajetória de alguém, são capazes de interferir na ação heroica, a ponto de realçar-lhes os feitos.

A libação e os sacrifícios, ou melhor, a relação com os deuses está acima de qualquer imposição, preceito ou ser humano. O homem deve estar pronto a renunciar a tudo em favor dos deuses, e isso passa pelos bens materiais, entes queridos e sua própria vida. Mais uma vez, Odisseu, de maneira lógica, não anula uma conduta, apenas deixa implícita, na sua argumentação, a prevalência de uma sobre a outra. Obedecer aos chefes é mais importante do que qualquer outra lei, exceto aquela que está relacionada com os deuses. Os chefes aqueus, por assim dizer, não são culpados efetivamente; na verdade, querem ter a oportunidade de manter um vínculo insubstituível com as divindades e a reverência necessária para salvação do exército. Assim, deixar Filoctetes é um ato de renúncia da própria vontade, uma medida de abnegação, e não de renegar os valores aristocráticos.

Nessa perspectiva, não existe um dano intencional que caracteriza a maldade de alguns integrantes da tropa grega, mas uma conjugação de fatores relativos à vida militar e religiosa helênica, transmitidos continuamente por gerações e inseridos na comunidade como primordiais. Percebe-se, então, que o argumento sofisticado, associado a *polytropa* do herói, ganha força numa discussão dessa natureza, pois o conceito de amizade é superado para atender às ordens dos chefes, que, por sua vez, pensam primeiramente no favor garantido pelos deuses.

A *polytropa* de Odisseu para o sucesso da missão em *Filoctetes* se revela, em nossa opinião, em três momentos do discurso indireto ou direto do herói de Ítaca, a saber, convencer Neoptólemo a ir para Troia (vv. 343-53), fazer o jovem obedecer-lhe às ordens (vv. 55-120) e, em consequência, obrigar o jovem filho de Aquiles convencer Filoctetes a reintegrar-se ao exército aqueu (vv. 343-90), todos associados a uma argumentação, meticulosamente organizada para atingir o convencimento. Assim, este atributo do herói na peça mostra-se em



sua capacidade de adequar seu discurso segundo o ouvinte e a ocasião, no qual a verdade não aparece de forma plena, mas dissimulada, havendo sempre a possibilidade de distorção da realidade. Essa forma de entrever a *polytropía* de Odisseu pode ser percebida por meio de um olhar mais apurado na disposição de seu discurso.

Desde o início, quando chega à ilha, Neoptólemo toma conhecimento de que a presença de Odisseu traria sérios problemas à realização do plano com o qual o itacense desejava trazer Filoctetes de volta ao exército, com as armas de Hércules, razão por que não deveria aparecer diante do maliense. Uma análise mais detalhada da situação pode servir de ponto de referência para entrever um discurso concatenado para evitar fornecer informações prejudiciais ao primeiro objetivo: convencer o próprio Neoptólemo. Apesar de explicar o motivo do abandono, em nenhum momento Odisseu disse que sua atitude tinha sido errada, descabida ou inadequada, pelo contrário, ele deixa implícito que sua ação foi aprovada por todos em razão das próprias circunstâncias adversas e do perigo de serem derrotados por causa de Filoctetes.

Odisseu expõe de forma organizada um discurso capaz de levar o jovem filho de Aquiles a inferir os transtornos causados pelo maliense ao exército aqueu. A *polytropia* do herói consiste em desviar toda a atenção de Neoptólemo para um aspecto insidioso e capaz de fomentar uma certeza aparente de que todo o processo transcorreu sem obscurantismos ou enganos. Desta forma, a decisão de abandono, diante daquela situação exposta por Odisseu, fora a mais sensata, e qualquer outra senão esta poderia selar a destruição de todo um exército, compostos de homens que dariam a própria vida por muitos.

Essa proposta apresentada implicitamente pelo herói de Ítaca não foi censurada por Neoptólemo, provavelmente por conter um elemento dissimulatório poderoso: um guerreiro deve dar a vida em favor de muitos. Se isso realmente faz parte de um código seguido por todos os membros da comunidade aqueia, a vida de Filoctetes seria um exemplo dos mais

recorrentes para mostrar a abnegação de um homem não necessariamente no campo batalha mas no curso da guerra. Entretanto, o discurso de Odisseu não sugere a imagem de um Filoctetes resignado, depois de tanto tempo solitário, sabendo que seu destino foi selado pelos deuses. Isso se reflete na própria conclusão de Odisseu, ao dizer que:

μη καὶ μάθη μ' ἤκοντα κάκχέω τὸ πᾶν  
σόφισμα, τῷ νιν αὐτίχ' αἰρήσειν δοκῶ.

Não perceba ele que cheguei, e desfaça todo  
o plano com o qual penso em breve capturá-lo.

(vv. 13-4)

τὸν οὖν παρόντα πέμψον εἰς κατασκοπήν,  
μη καὶ λάθη με προσπεσόν· ὡς μᾶλλον ἂν  
ἔλοιτό μ' ἢ τοὺς πάντας Ἀργείους λαβεῖν.

Então, envia este homem aqui presente para uma observação,  
para que ele não caia sobre mim sem que eu perceba. De fato, ele preferiria  
agarrar mais a mim que a todos os Argivos juntos.

(vv. 45-7)

Como se pode perceber, a sagacidade do rei de Ítaca não encobre os fatos em sua totalidade, embora sua agudeza de espírito tente transformar um incidente vergonhoso numa atitude nobre. As colocações se prestam nesse momento para interferir não no evento em si, mas na maneira como Neoptólemo entenderá a situação. Essa forma de encontrar as palavras exatas para confundir sem oferecer uma prova real de suas verdadeiras intenções faz de Odisseu um verdadeiro prodígio na arte de enganar, falseando os elementos que poderiam trazer aversão a ele mesmo e as suas palavras, pois é isso que caracteriza sua *polytropa* em *Filoctetes*.

### 3.2.2 O lugar da amizade no discurso sofístico de Odisseu

Antes de examinar o tema da amizade no discurso sofístico de Odisseu e suas implicações na ação teatral, é importante frisar que o primeiro registro encontrado na literatura grega da palavra *philía* encontra-se no *Corpus Theognideum*, como bem frisou Rocha Pereira (1993, p. 3-4)<sup>93</sup>. Isso não quer dizer que o conceito propriamente dito não existisse até a menção do substantivo na obra de Teógnis de Mégara<sup>94</sup>, pelo contrário, a concepção de amizade já se apresenta nos Poemas Homéricos, e sua prática, uma condição requerida aos possuidores de *areté*, ou seja, aos aristocratas. Na verdade, as motivações e os objetivos da *philía* entre os coparticipantes deste tipo de relação foram esboçados em *Ilíada* e em *Odisseia*<sup>95</sup>, o que comprova um respeito ancestral dos Helenos às normas regentes do conceito.

A amizade, então, não é um conceito vago na sociedade grega antiga, ou uma relação sem propósitos ou uma prática sem uma finalidade própria. Apesar de existir, como assinala Oliveira (1974, p. 220), o aspecto afetivo e emocional, a *philía*, no contexto aristocrático, congrega uma série de intenções capazes de formar uma classe de homens cooperantes entre

---

<sup>93</sup>Apesar de Rocha Pereira (1993, p. 3-4) reconhecer que o termo *philía* aparece pela primeira vez no *Corpus Theognideum*, especificamente nos versos 306, 600, 1101-2, o assunto é abordado pelo poeta dos *Theognidea* de maneira intermitente para fundamentar questionamentos ou afirmações acerca da aristocracia grega, razão por que não existe nele um tratado sobre *philía*. Porém, é na *Ética a Nicômaco* de Aristóteles, lembra a helenista, que encontramos um estudo dirigido integralmente ao tema da amizade, nos livros VIII e IX, nos quais o filósofo tenta definir a amizade e classificar suas expressões.

<sup>94</sup>Para um estudo acerca de amizade no âmbito aristocrático, cf. *A ideologia aristocrática nos Theognidea*, de Glória Braga Onelley, citada na bibliografia.

<sup>95</sup>A inexistência nos Poemas Homéricos do substantivo *philía*, traduzido constantemente para a língua portuguesa como amizade, já foi atestado, e os críticos, entre eles Rocha Pereira (1993, p. 3-4), já afirmaram que essa noção está contida no termo *philótes*, que tanto pode significar a amizade propriamente dita como também o amor. A restrição de sentido depende do contexto.

si. Uma definição do termo proposta por Várzeas (2009, p. 21), talvez ajude a buscar uma explicação mais concisa e esclarecedora sem interpretações variadas:

*Philoí* eram, antes de mais, os membros de uma mesma família de sangue, pais, filhos, irmãos, irmãs. Para além do afecto que naturalmente os devia unir, todos eles estavam ligados pelo dever de ajuda mútua, dever que, no caso dos filhos para com os pais, estava até consignado nas leis atenienses. *Philoí* eram, ainda, os aliados políticos, os companheiros de armas, os cidadãos de uma mesma pólis; e, pelas normas ancestrais da hospitalidade, os hóspedes e os hospedeiros, que ficavam unidos por laços tão fortes que se prolongavam pelas gerações seguintes e se sobrepunham até aos deveres militares, como o conhecido episódio de Glauco e Diomedes na *Ilíada* mostra bem.

Em *Filoctetes*, enfatizam-se justamente implicações, responsabilidades e consequências relacionadas com o fato de considerar-se uma pessoa amiga, como aponta o próprio nome Filoctetes, título da peça e nome de um dos personagens envolvidos na trama. O nome Filoctetes, formado do adjetivo φίλος “amigo” e da raiz do verbo κτάομαι “ganhar para si, possuir”, indica que a amizade é um assunto significativo na peça. Com efeito, o enredo da peça não deixa dúvidas, como já referimos, de que Odisseu e os chefes aqueus foram os responsáveis pelo abandono de Filoctetes, um companheiro de armada, numa ilha deserta por causa de seus gritos que atrapalhavam o exército.

Como notou Várzeas (2009, p. 19) no teatro sofocliano, a dramatização de conflitos sociais é recorrente, em especial os valores ainda considerados tradicionais, porém questionáveis em razão das novas ideias surgidas no século V a.C. Embora nenhum dos personagens sofoclianos mencione o termo grego *philia*, a amizade, reitera a autora, ocupa um espaço bastante privilegiado na obra de Sófocles, ao afirmar que “podemos dizer que aquele tema é, com maior ou menor centralidade, quase omnipresente”.

No entanto, o problema da amizade no discurso sofístico de Odisseu deve ser examinado com bastante cautela, pois sua argumentação é elaborada de modo tão convincente que, a princípio, podemos considerar a decisão de Odisseu justificável por preferir seguir as ordens dos chefes aqueus a socorrer Filoctetes. Desta forma, para identificar as falhas na tese fundamentada do herói de que a obediência aos chefes prevalece sobre o princípio da amizade, mesmo que essa inclua deixar um amigo em apuros, julgamos adequado analisar o argumento de Odisseu com base nos preceitos aristocráticos relativos à *philia*. Provavelmente, esse caminho servirá para esclarecer a atitude de Filoctetes, representante dos princípios aristocráticos e defensor da *philia*, diante do plano orquestrado pelo herói de Ítaca que foi levado a cabo até as últimas consequências em favor do exército.

Com efeito, partindo desse pressuposto, a gravidade da tese de Odisseu talvez seja ampliada se tivermos em mente que a palavra amigo aplicada a um indivíduo se relaciona com determinadas obrigações morais como ajudar, se necessário, e mostrar-se inteiramente disposto a cooperar, independentemente da retribuição futura. Na verdade, as responsabilidades advindas dessa relação de amizade estariam intrinsecamente relacionadas com o dever de manter-se leal às parcerias estabelecidas em qualquer situação, coincidindo, às vezes, com um vínculo essencialmente afetivo baseado no sentimento. Não é uma questão de ajudar para ser ajudado, como se o intercâmbio fosse um produto da amizade, fundamentado no interesse da troca de favores. Na sociedade aristocrática, o amigo deveria pensar nos benefícios futuros de sua ação, observando apenas os preceitos da *philia* para agir em favor de outrem.

Vale lembrar a observação de Oliveira (1974, p. 220) de que a amizade nos Poemas Homéricos acontece também por questões relativas à afeição, sugestivas da importância da convivência para o desenvolvimento de um sentimento afetivo. Na verdade, procuramos de fato aqueles que apresentam os mesmos gostos e interesses, e a amizade pode se aperfeiçoar

de tal maneira que determinadas pessoas se tornam mais queridas que outras, como o caso de Aquiles e Pátroclo, considerado por Rocha Pereira (1993, p. 8-9) “o valor supremo da amizade”, que decide dar a vida para vingar a morte do amigo, *Il. XVIII*, vv. 98-9: “Que eu morra de imediato, já que não me era dado / defender da morte o companheiro!”. Porém, a ênfase em *Filoctetes*, segundo Oliveira (1974, p. 222), recaía na amizade estabelecida somente por critérios de utilidade, ou seja, quando os laços sociais se pautavam naquilo que o outro podia oferecer de vantagem material ou pessoal.

Se levarmos em conta que o contexto no qual se desenvolve a peça é o da guerra, toda análise deveria ser pensada considerando a relação entre guerreiros, que estabeleceram um vínculo para lutar em Troia. Esse seria um caso legítimo de cooperação incitado por um dever - o juramento<sup>96</sup> feito por todos os pretendentes à mão de Helena<sup>97</sup> - e não por questões afetivas ou simplesmente por um grau elevado de amizade, e isso foi muito bem exposto pelo próprio Aquiles num violento momento de fúria contra Agamêmnon:

É que eu não vim lutar para aqui por causa dos Troianos  
belicosos, pois eles nada me fizeram.  
Jamais me tiraram bois ou cavalos,  
nem destruíram as colheitas na Ftia de solo fértil,  
criadora de heróis, pois muitos são os acidentes que ficam de permeio,  
as montanhas umbrosas e o marulhante mar.  
Mas seguimos-te, grande descarado, para teu prazer,

---

<sup>96</sup>Situação distinta é a participação de Neoptólemo no resgate de Filoctetes, como se infere das palavras de Odisseu destinadas ao jovem: “Tu não navegaste comprometido por juramento a ninguém,/nem por coação, nem eras da primeira expedição” (vv. 72-3).

<sup>97</sup>Aquiles expõe o motivo da guerra, ao enfatizar que “em terra estrangeira, por caucsa da abominável Helena combate os guerreiros Troianos”. ( *Il. XIX*, 315-337) [Tradução Carlos Alberto Nunes]. Existe um comprometimento dos guerreiros para lutar e vencer por causa de um acordo feito antecipadamente, ou seja, todos estão em Troia por um dever.

para vos granjear honra, a Menelau e a ti, ó cara de cão,  
junto dos Troianos. Disso não curas nem pensas tu!

(*Il.* I, 152-60)

Para o Odisseu sofocliano o dever supremo, repetimos, é obedecer, e, por isso, a ação de abandonar Filoctetes na ilha de Lemnos restringe-se à lealdade aos chefes, comportamento que o herói exige seja cumprido por Neoptólemo, como evidencia a preposição ὑπό, presente no infinitivo ὑπουργεῖν, com valor de imperativo “presta serviço”, traduzido por “obedece”, e no substantivo ὑπηρέτης “qualquer homem que está sob as ordens de outro”, donde “subordinado”, inseridos no verso 53:

Ἀχιλλέως παῖ, δεῖ σ' ἐφ' οἷς ἐλήλυθας 50  
γενναῖον εἶναι, μὴ μόνον τῷ σώματι,  
ἀλλ' ἦν τι καινὸν ὧν πρὶν οὐκ ἀκήκοας  
κλύης, ὑπουργεῖν, ὡς ὑπηρέτης πάρει.

Filho de Aquiles, é preciso, para o que vieste, que 50  
sejas nobre não apenas de corpo,  
mas, mesmo que ouças algo novo do que antes não  
escutaste, obedece já que estás presente como um subordinado.

A obediência parece ser um requisito tão importante para Odisseu e para a sociedade grega antiga que, no próêmio de *Odisseia* (vv.1-10) há a menção de um caso bastante particular da gesta de Odisseu, isto é, a morte de todos os seus companheiros, quando tentavam voltar para casa. Lembremo-nos de que eles morreram por terem sido desobedientes às ordens do rei de Ítaca para que não comessem os bois de Hélio. Se o princípio da obediência aos chefes tivesse sido seguido - o que talvez Odisseu esperasse - nada de mal teria sucedido a seus subordinados, companheiros de armas. Esse episódio, sem dúvida

alguma, demonstra uma atitude ilibada de Odisseu em relação a seus pares, pois revela uma preocupação do herói em salvá-los de uma situação de perigo<sup>98</sup>.

Esse relato homérico faz-nos entender o proêmio de *Odisseia* como salvo-conduto para Odisseu na questão da amizade. Em *Filoctetes*, porém, seria, então, certo acreditar nas palavras de Odisseu de que o abandono do maliense não foi de sua responsabilidade, mas dos chefes aqueus, pois ele somente cumpria ordens dos comandantes.

Destarte, se levarmos em consideração esse episódio mencionado no proêmio de *Odisseia* e a forma de agir de Odisseu em relação a Filoctetes na peça, todos os questionamentos sobre a conduta do herói seriam respondidos, com base num código militar totalmente favorável a quem acima de qualquer coisa obedecesse a seus superiores. É esse código aceito por todos que foi lembrado por Odisseu a Neoptólemo (vv. 50-3), que, a princípio, se recusou a cumprir-lhe a determinação, evidente nos versos 86-95, em razão de sua *phýsis*, como assinala sobremaneira o verso 88 e sua herança paterna, bem marcada no verso 89. De fato, como comenta Ferreira (1977-1998, p. 22), a noção inata de *phýsis*, vinculada à de hereditariedade, é de extrema relevância para a compreensão da figura dessa personagem, que, ao contrapor honestidade (καλός δρῶν “agindo de modo nobre”, vv. 94-5) à vileza (κακός, subtendendo-se o particípio δρῶν, “agindo desonestamente”, v. 95), corrobora seus valores aristocráticos e sua *phýsis*:

ἐγὼ μὲν οὐς ἄν τῶν λόγων ἀλγῶ κλύων,  
Λαερτίου παῖ, τούσδε καὶ πράσσειν στυγῶ·  
ἔφυν γὰρ οὐδὲν ἐκ τέχνης πράσσειν κακῆς,  
οὔτ' αὐτὸς οὔθ', ὡς φασιν, οὐκφύσας ἐμέ.  
ἄλλ' εἴμ' ἑτοῖμος πρὸς βίαν τὸν ἄνδρ' ἄγειν  
καὶ μὴ δόλοισιν· οὐ γὰρ ἐξ ἐνὸς ποδὸς  
ἤμᾶς τοσοῦσδε πρὸς βίαν χειρώσεται.  
πεμφθεῖς γε μέντοι σοὶ ξυνεργάτης ὀκνῶ

90

<sup>98</sup> Cf. também a esse respeito *Odisseia* IV, vv. 277-89.



προδότης καλεῖσθαι· βούλομαι δ', ἄναξ, καλῶς  
δρῶν ἐξαμαρτεῖν μᾶλλον ἢ νικᾶν κακῶς.

Eu, filho de Laertes, sofro por ouvir as palavras que  
também detesto praticar!

De fato, eu não tenho a natureza de praticar nenhum artifício vil  
nem eu mesmo, nem, como dizem, aquele que me gerou.

Mas eu estou pronto para levar este homem à força  
e não pela astúcia. Com um pé somente  
não vencerá à força tantos de nós.

Tendo sido enviado por ti como ajudante, eu temo  
ser chamado traidor. Eu prefiro, senhor,  
errar agindo de modo nobre a vencer desonestamente.

90

Um outro aspecto da questão da amizade no discurso sofístico de Odisseu está relacionado com as orientações do rei de Ítaca a Neoptólemo e com o comportamento do jovem diante de Filoctetes. Todo o discurso de Odisseu foi planejado de modo a convencer Neoptólemo a mostrar-se um amigo em potencial de Filoctetes (vv. 54-67), pois o jovem deveria agir como alguém solidário aos problemas decorrentes do ferimento do maliense e de seu abandono numa ilha desabitada, colocando-se à disposição para ajudar no que fosse preciso e dizendo que era inimigo não só de Odisseu mas também dos Aqueus:

τὴν Φιλοκτῆτου σε δεῖ  
ψυχὴν ὅπως δόλοισιν ἐκκλέψεις λέγων.  
ὅταν σ' ἐρωτᾷ τίς τε καὶ πόθεν πάρει,  
λέγειν, Ἀχιλλέως παῖς· τόδ' οὐχὶ κλεπτέον·  
πλεῖς δ' ὡς πρὸς οἶκον, ἐκλιπὼν τὸ ναυτικὸν  
στράτευμα Ἀχαιῶν, ἔχθος ἐχθήρας μέγα,  
οἱ σ' ἐν λιταῖς στείλαντες ἐξ οἴκων μολεῖν,  
μόνην ἔχοντες τήνδ' ἄλωσιν Ἰλίου,  
οὐκ ἠξίωσαν τῶν Ἀχιλλείων ὄπλων

60

97

ἐλθόντι δοῦναι κυρίως αἰτουμένω,  
ἀλλ' αὖτ' Ὀδυσσεῖ παρέδοσαν· λέγων ὅσ' ἄν  
θέλης καθ' ἡμῶν ἔσχατ' ἐσχάτων κακά.  
τούτω γὰρ οὐδέν μ' ἀλγυνεῖς· εἰ δ' ἐργάσει  
μὴ ταῦτα, λύπην πᾶσιν Ἀργείοις βαλεῖς.

É preciso que tu enganes

o espírito de Filoctetes com palavras.

Quando ele te perguntar quem és e de onde vens,  
dize que és filho de Aquiles. Isto não deve ficar oculto!

E que navegas para casa, depois de teres abandonado  
a frota dos Aqueus, por teres nutrido grande ódio por eles.

Eles que, em súplicas, depois de te terem convidado a sair de casa,

60

tendo eles este único meio de conquistar Ílion,

recusaram dar-te as armas de Aquiles,

após teres chegado, pedindo legitimamente.

Ao contrário, deram-nas a Odisseu, proferindo tu

os últimos dos últimos males que desejavas contra nós.

De fato, não me afligirás com nada disso. Se não fizeres

essas coisas, lançarás aflição a todos os Argivos.

Cria-se, no discurso odisseico inicial, uma maneira de abordar a *philia* sob a perspectiva do engano, no qual os laços de amizade deviam ser estabelecidos com base no *dólos*, para se alcançar um fim. Assim, ao ouvir as primeiras palavras de Neoptólemo, principalmente acerca de seu grau de parentesco com um amigo tão querido como Aquiles, Filoctetes seria ludibriado por Neoptólemo que, na verdade, não é um amigo legítimo, mas um simulacro bem montado por um artífice das palavras e da aparência, como Odisseu, capaz de metamorfosear-se nas mais diferentes figuras e de incorporar características da imagem que deseja produzir.

A proposta odisseica de o jovem filho de Aquiles fingir ser amigo de Filoctetes é uma simulação, certamente imaginada e executada com base em características semelhantes ao verdadeiro modelo aristocrático. Nesse caso, o falso no discurso sofístico aparenta ser autêntico, pois as marcas ou os sinais necessários para comprovar sua autenticidade estão tão bem maquiados que uma análise incipiente não é capaz de mostrar o que foi feito para enganar. A uma conclusão podemos chegar em relação às orientações de Odisseu a Neoptólemo: isso só seria possível se Odisseu conhecesse os fundamentos basilares da *philía*, o modo como se vivencia de acordo com o ambiente social em que se está inserido e o comportamento ideal de um amigo.

Essa compreensão de Odisseu acerca da *philía* pode ser explicada pela experiência adquirida pelo herói em inúmeras viagens realizadas para lugares com costumes diferentes e muitas vezes desconhecidos dos homens. Essa noção fez do herói um especialista na arte de se fazer parecer qualquer pessoa e se comportar da maneira exigida ou prevista antecipadamente numa dada situação. Esse conhecimento faz dele um mestre na tarefa de indicar o melhor disfarce, as ações alusivas de um bom caráter, as palavras mais persuasivas e seu modo de dizer. Os conselhos de Odisseu para Neoptólemo fingir-se amigo de Filoctetes estão pautados nessa experiência tão bem apreendida e são capazes de transformar o jovem na imagem do amigo perfeito e confiável, como exemplificam os versos 343-84:

ἦλθόν με νηὶ ποικιλοστόλῳ μέτα  
δῖός τ' Ὀδυσσεὺς χῶ τροφεὺς τοῦμοῦ πατρός,  
λέγοντες, εἴτ' ἀληθὲς εἴτ' ἄρ' οὖν μάτην,  
ὡς οὐ θέμις γίγνοιτ', ἐπεὶ κατέφθιτο  
πατὴρ ἐμός, τὰ πέργαμ' ἄλλον ἢ μ' ἐλεῖν.  
ταῦτ', ὦ ξέν', οὕτως ἐννέποντες οὐ πολὺν  
χρόνον μ' ἐπέσχον μὴ με ναυστολεῖν ταχύ,  
μάλιστα μὲν δὴ τοῦ θανόντος ἡμέρω,

350

ὄπως ἴδοιμ' ἄθαπτον· οὐ γὰρ εἰδόμην·  
ἔπειτα μέντοι χά' λόγος καλὸς προσῆν,  
εἰ τὰπὶ Τροίᾳ πέργαμ' αἰρήσοιμ' ἰών.  
ἦν δ' ἡμᾶρ ἤδη δεύτερον πλέοντί μοι,  
κάγῳ πικρὸν Σίγειον οὐρίῳ πλάτη  
κατηγόμην· καί μ' εὐθύς ἐν κύκλῳ στρατὸς  
ἐκβάντα πᾶς ἠσπάζετ', ὁμνύντες βλέπειν  
τὸν οὐκέτ' ὄντα ζῶντ' Ἀχιλλέα πάλιν.  
κεῖνος μὲν οὖν ἔκειτ'· ἐγὼ δ' ὁ δύσμορος  
ἐπεὶ δ' ἄκρυσσα κείνον, οὐ μακρῷ χρόνῳ  
ἐλθὼν Ἀτρεΐδας πρὸς φίλους, ὡς εἰκὸς ἦν,  
τά θ' ὄπλ' ἀπήτουν τοῦ πατρὸς τά τ' ἄλλ' ὅσ' ἦν.  
οἱ δ' εἶπον, οἴμοι, τλημονέστατον λόγον·  
ὣ σπέρμ' Ἀχιλλέως, τᾶλλα μὲν πάρεστί σοι  
πατρῷ' ἐλέσθαι, τῶν δ' ὄπλων κείνων ἀνήρ  
ἄλλος κρατύνει νῦν, ὁ Λαέρτου γόνος.  
κάγῳ δακρύσας εὐθύς ἐξανίσταμαι  
ὄργῃ βαρεία, καὶ καταλήσας λέγω·  
ὣ σχέτλι', ἣ' τολμήσατ' ἀντ' ἐμοῦ τι  
δοῦναι τὰ τεύχη τὰμά, πρὶν μαθεῖν ἐμοῦ;  
ὁ δ' εἶπ' Ὀδυσσεύς, πλησίον γὰρ ὢν κυρεῖ,  
ναί, παῖ, δεδώκασ' ἐνδίκῳσ οὔτοι τάδε·  
ἐγὼ γὰρ αὐτ' ἔσωσα κάκεῖνον παρών.  
κάγῳ χολῳθεὶς εὐθύς ἤρασσον κακοῖς  
τοῖς πᾶσιν, οὐδὲν ἐνδεὲς ποιούμενος,  
εἰ τὰμά κείνος ὄπλ' ἀφαιρήσοιτό με.  
ὁ δ' ἐνθάδ' ἦκων, καίπερ οὐ δύσοργος ὢν,  
δηχθεὶς πρὸς ἀξήκουσεν ὣδ' ἡμείψατο·  
οὐκ ἦσθ' ἴν' ἡμεῖς, ἀλλ' ἀπῆσθ' ἴν' οὐ σ' ἔδει·  
καὶ ταῦτ', ἐπειδὴ καὶ λέγεις θραυστομῶν,  
οὐ μήποτ' ἐς τὴν Σκυῖρον ἐκπλεύσης ἔχων.  
τοιαῦτ' ἀκούσας κάξονειδισθεὶς κακὰ

360

370

380

πλέω πρὸς οἴκους, τῶν ἐμῶν τηρώμενος  
πρὸς τοῦ κακίστου κάκ κακῶν Ὀδυσσέως.

### **Neoptólemo**

Vieram até mim, usando uma nau colorida,  
o divino Odisseu e o preceptor de meu pai (Fênix)  
dizendo, ou de modo verdadeiro ou realmente enganoso,  
que não seria permitido, depois que meu pai  
tinha morrido, que nenhum outro tomasse as fortalezas, exceto eu.  
Falando essas coisas desta maneira, ó estrangeiro, não  
me fizeram esperar por muito tempo, para que eu embarcasse rapidamente,  
principalmente por causa de meu amor ao morto, 350  
a fim de que pudesse vê-lo insepulto, pois eu não o conhecia!  
Certamente, havia depois também o belo discurso,  
de que, se eu fosse para Troia, destruiria a cidadela.  
E eu tinha navegado já havia dois dias,  
e no odioso Sigeu com vento favorável  
eu aportei; imediatamente, quando desembarquei, todo o exército ao meu redor  
me cumprimentava, jurando ver  
de novo Aquiles, que já não estava vivo.  
Ele realmente estava morto. Eu, desgraçado,  
após chorar sobre ele, não por muito tempo, 360  
tendo ido aos Atridas, amigavelmente, como era conveniente,  
pedi as armas de meu pai e outras coisas que havia.  
Eles proferiram - ai de mim! – um discurso muito audacioso:  
“Ó semente de Aquiles, é possível a ti tomar todos os outros bens  
do teu pai, mas daquelas armas um outro  
homem tem a posse, o filho de Laertes.  
E eu, depois de chorar, imediatamente levantei  
com ira intolerável, e, sentindo dores, digo:  
“Ó desgraçado, tiveste coragem de dar a um outro em vez de mim  
as minhas armas, antes de me ouvirdes?” 370  
E Odisseu disse, pois se encontrava perto:

“Sim, rapaz, eles as entregaram para mim com justiça;  
de fato, eu as salvei e também a ele, Aquiles, porque eu estava presente”.

E eu, irado, imediatamente o agredi com todas as ofensas,  
não deixando nada incompleto,  
se ele podia me tirar as armas.

E ele, ao chegar aqui, embora não seja irascível,  
incomodado com o que ouviu, retrucou assim:

“Não estavas onde nós estávamos, mas estavas longe onde não te era preciso,

E com elas, já que também falas com arrogância,  
jamais navegarás para Ciro”.

380

Depois de ter ouvido tais ofensas e tendo sido injuriado,  
naveguei para casa, pois fui destituído de minhas armas  
pelo mais vil, nascido dos vis, Odisseu.

Percebemos uma agudeza de espírito das mais penetrantes do rei de Ítaca, porque este leva em sua companhia o preceptor de Aquiles, Fênix, o mesmo homem que educara seu pai e fora o responsável pelo desenvolvimento intelectual e físico do Pelida. Aquele que conhecera seu pai como ninguém ainda novo agora estava a sua frente pedindo para socorrer o exército aqueu que estava em perigo. Essa talvez tenha sido uma situação embaraçosa para um jovem que ainda carecia da esperteza necessária, mas tinha o espírito ávido de alcançar a glória.

A própria figura de Odisseu também não deve ser esquecida. No momento em que os guerreiros estavam sendo convocados para a guerra, Odisseu foi o responsável imediato para ir à casa de Peleu e chamar seu filho para o combate. Se considerarmos Aquiles o ideal de homem grego e o mais temido de todos, por sua vivacidade, intrepidez e ousadia, sendo chamado como sinal de reconhecimento “O melhor dos Aqueus”, podemos concluir que Odisseu tinha uma posição das mais relevantes no exército e cumpria sua tarefa com desenvoltura e destreza para convencer as pessoas com as quais tinha de dialogar e convencer. Ele sempre levava membros em sua comitiva com os quais poderia contar com o apoio emocional, para o convencimento. Assim, aconteceu com a embaixada dirigida a Aquiles

(Canto IX de *Ilíada*), Neoptólemo e Filoctetes, nas quais um dos participantes tinha uma forte associação com aquele que se queria persuadir.

A escolha então de Odisseu e de Fênix para chamar Neoptólemo para ir a Troia não foi de maneira alguma despreziosa, pelo contrário, a presença desses dois homens representava uma conjugação de fatores bem precisos para trazer à memória do jovem a imagem de seu pai bem como suas proezas em combate e evitar uma resposta negativa à chamada.

De acordo com Neoptólemo, os argumentos utilizados para convencê-lo a ir para Troia estavam balizados em duas proposições: ver o pai ainda insepulto e ser o responsável por destruir Troia. A primeira certamente apelava para a questão familiar, um aspecto de foro íntimo, tendo em vista que ele mesmo nunca tinha visto o pai. A segunda tinha a intenção provavelmente de produzir no jovem um sentimento de realização pelas possíveis honrarias recebidas por sua posição conquistada de destruidor de cidades.

Diante de Filoctetes, Neoptólemo a todo momento enfatiza seu ódio contra os Atridas e Odisseu, uma estratégia muito bem pensada e orientada pelo rei de Ítaca para o jovem ganhar a confiança de Filoctetes. Podemos perceber que as ideias foram sugeridas por Odisseu, mas ele deixou a cargo do jovem a elaboração do discurso, sabendo que ele tinha condições suficientes para escolher as melhores palavras e, até mesmo, trabalhar a sequência do quealaria a Filoctetes, de modo a causar certa comoção no maliense. Dizer os maiores impropérios contra Odisseu e criar uma história na qual o rei de Ítaca seria o personagem principal de uma trama bem articulada para o mal justificaria o ódio de Neptólemo pelo itacense e daria a Filoctetes indícios concretos de uma história verdadeira.

Revela-se, então, Odisseu um homem arguto ao dissuadir o filho de Aquiles, dada sua juventude e inexperiência, a cooperar com o exército aqueu, induzindo-o a evocar os antigos valores éticos da tradição homérica em que se pautava a amizade a fim de convencer

Filoctetes a entregar o arco. Nesse contexto, a habilidade discursiva leva à realização de atos injustos, tendo em vista que, Odisseu, ao persuadir, momentaneamente, Neoptólemo a enganar o maliense, leva o jovem a violentar sua própria *phýsis* e, por conseguinte, a cometer atos fraudulentos, análogos aos seus próprios como inferimos da passagem citada, relativa ao discurso pautado no *dólos*, cujo clímax reside na pseudoempatia de Neoptólemo em relação a Filoctetes, já que compartilha falsamente o primeiro dos mesmos sentimentos de ódio contra os Atridas e Odisseu.

No entanto, esse artifício enganoso de Neoptólemo, próprio da educação sofisticada, não se impõe diante da primazia de sua natureza aristocrática, pois, se a princípio o jovem é influenciado pela argumentação e pela ética relativista do sofista Odisseu, o seu contato com Filoctetes - representante da ideologia aristocrática - faz emergir seus valores congênitos, dignos de um γενναίος, “nobre”, (τοῖσι γενναίοισι, v. 475), como ressaltou Ferreira (1978, p. 21).

### **3.3 A crítica sofocliana ao poder do *lógos*: Odisseu *polýmetis***

O sofisma - engendrado no discurso inicial de Odisseu em defesa de uma obediência irrestrita por parte dos subordinados, que devem agir de maneira incondicional diante das ordens dos chefes -, é usado como um argumento fundamentado num código regido por uma tradição venerada pelos guerreiros homéricos. Certamente, não faria sentido algum o rei de Ítaca elaborar um discurso sem a mínima possibilidade de existir certa veracidade na apresentação do assunto. A esse respeito, o herói deixa em evidência aspectos verdadeiros na justificativa apresentada para convencer Neoptólemo a agir em seu favor e busca esconder, de forma sorrateira, os problemas na sua alegação de que obedecer aos chefes é um princípio superior a qualquer questão relativa à amizade.



A explicação de Odisseu sobre a submissão dos chefes em detrimento da amizade, no entanto, se não levou o jovem a acreditar na necessidade de deixar Filoctetes numa ilha deserta, pelo menos teve o intuito de fazer o filho de Aquiles entender o motivo do abandono. A compreensão do assunto talvez pudesse mostrar ao jovem o dilema enfrentado pelos líderes numa situação bastante delicada, na qual uma decisão poderia acarretar a morte de todo o exército por causa de um único homem. Poderíamos supor que fosse também uma maneira bem dissimulada de Odisseu preparar o jovem para o dilema, no qual teria de decidir obedecer ou não às ordens dadas, quaisquer que fossem, mesmo que não estivessem de acordo com suas convicções, como se observa nesses versos:

Ἀχιλλέως παῖ, δεῖ σ' ἐφ' οἷς ἐλήλυθας  
γενναῖον εἶναι, μὴ μόνον τῷ σώματι,  
ἀλλ' ἦν τι καινὸν ὧν πρὶν οὐκ ἀκήκοας  
κλύης, ὑπουργεῖν, ὡς ὑπηρέτης πάρει. 50

Filho de Aquiles, é preciso, para o que vieste, que  
sejas nobre não apenas de corpo, 50  
mas, mesmo que ouças algo novo do que antes não  
escutaste, obedece já que estás presente como um subordinado.

Essa fala de Odisseu não é uma assertiva qualquer ou uma constatação de um evento ocorrido no passado ou uma ideia para ser cumprida no futuro. As palavras ditas dessa maneira transformam todo o discurso numa ordem elaborada com o máximo cuidado e preveem a anuência de Neoptólemo por ser um subordinado. A decisão do jovem deve ser tomada observando esse fator que estabelece uma hierarquia no exército, sendo extremamente necessária para a organização dos homens por escalão. Odisseu evidentemente estava numa posição de superioridade e exigia de Neoptólemo obediência irrestrita.

É importante salientar que todo o plano de Odisseu tem um objetivo bem evidente, qual seja, fazer Filoctetes entrar no navio, porque, se assim o fizesse, os Aqueus poderiam levá-lo para Troia, mesmo sem o consentimento do maliense. Entretanto, para que isso acontecesse, era preciso convencer Neoptólemo de que as condições naquele momento eram as melhores para agir, em razão da fragilidade de Filoctetes; que o meio mais adequado para cumprir a missão era o *dólos* e que, em algum momento do engano, eles deveriam tomar o arco das mãos de Filoctetes. O maliense só poderia saber que o verdadeiro intuito da missão era levá-lo para Troia quando já estivesse no navio sem suas armas.

O problema estava em fazer Neoptólemo comportar-se de acordo com as ordens de Odisseu. Se repararmos no desenvolvimento do enredo, o plano deu certo até o momento em que o jovem se arrependeu de usar o *dólos* e resolveu falar a verdade para Filoctetes, pensando que esse meio seria suficiente para convencer o maliense a seguir até Troia. Podemos perceber que mesmo Odisseu agindo de maneira imprópria, fazendo prevalecer sua natureza malfazeja e criando os piores engodos, sua maneira de realizar o plano era a mais adequada, porque conseguiria o objetivo final: levar Filoctetes até Troia. A astúcia nesse caso pode ser considerada um elemento de salvação de todo o exército e o meio indireto de conseguir a vitória em Troia.

Não queremos afirmar que não existe uma crítica ao poder do discurso *lógos* de Odisseu declarado nas falas de Neoptólemo e Filoctetes, mas enfatizar que somente por essa forma de conduzir a situação Filoctetes seria levado até o barco e chegaria a Troia. Embora as palavras de desaprovação dos dois personagens constituam uma engrenagem para qualificar o *dólos* como um meio indigno, toda a ação recebe apoio dos chefes e de todo o exército, ou seja, o uso do *dólos* parece, em determinados momentos, um recurso senão legítimo, pelo menos aceitável.

Por isso, toda a sequência de procedimentos estava seguindo um plano bem elaborado por Odisseu, e até mesmo os argumentos utilizados para fazer Neoptólemo participar da guerra, obedecer as suas ordens e enganar Filoctetes também eram pautados no *dólos*. Com base nos discursos enganosos proferidos por Odisseu, revela-se-nos o herói *polýmetis*, que alia a sua inteligência a capacidade de convencer seu interlocutor, como enfatizamos no item 2.1.3.

### **3.3.1 Odisseu convence Neoptólemo**

O itacense profere seu discurso inicial de forma eloquente e bem planejada, a ponto de não oferecer oportunidade para o jovem filho de Aquiles demonstrar qualquer dúvida em relação ao assunto. Essa questão deve ser analisada com bastante cuidado, porque as afirmações de Odisseu são colocadas de modo a enfatizar uma propensa constituição de valores relativizados, quando a realização plena de um preceito estiver interferindo ou mesmo anulando outro preceito. O herói sabe como proceder nesses casos e, em especial, no assunto em questão, o convencimento.

Ainda que exista o engano como a base de toda a argumentação, para Odisseu, não há dúvidas de que suas considerações sobre o ato de abandono estão perfeitamente harmonizadas com a vontade de todo o exército de guerreiros. Agir dessa maneira era uma atitude esperada pelos chefes e não haveria punição diante do feito, pois tudo parecia justificado e apoiado pelo exército.

#### **3.3.1.1 - As condições de Filoctetes**

A astúcia de Odisseu para convencer Neoptólemo se revela na utilização de elementos existentes na ilha de Lemnos. Para contar com a participação de Neoptólemo, o itacense

mostra as condições precárias de Filoctetes e elabora um dos discursos mais eloquentes e convincentes. Percebemos um enredo trabalhado pelo tragediógrafo para dar a imagem do cenário e, ao mesmo tempo, mostrar o tema da peça, projetando uma parte do teatro, com a qual podia direcionar o entendimento do público e esclarecer as marcas expressivas do espetáculo. É nessa perspectiva que o herói, num jogo de alusões artisticamente projetadas pelo autor, utiliza-se em seu discurso das condições vividas por Filoctetes para influenciar o jovem, como se infere dos primeiros versos da peça:

ἀκτὴ μὲν ἦδε τῆς περιρρύτου χθονὸς  
Λήμνου, βροτοῖς ἄστιπτος οὐδ' οἰκουμένη,  
ἔνθ', ὃ κρατίστου πατρὸς Ἑλλήνων τραφεῖς  
Ἀχιλλέως παῖ Νεοπτόλεμε, τὸν Μηλιᾶ  
Ποίαντος υἱὸν ἐξέθηκ' ἐγὼ ποτε,  
ταχθεὶς τόδ' ἔρδειν τῶν ἀνασσόντων ὕπο,  
νόσῳ καταστάζοντα διαβόρω πόδα·  
ὄτ' οὔτε λειβῆς ἡμῖν οὔτε θυμάτων  
παρῆν ἐκήλοισ προσθιγεῖν, ἀλλ' ἀγρίαις  
κατεῖχ' ἀεὶ πᾶν στρατόπεδον δυσσημίαις,  
βοῶν, στενάζων.

10

Esta é a costa da terra de Lemnos, cercada pelo mar,  
nunca pisada nem habitada por mortais.  
Aqui, ó filho de Aquiles, Neoptólemo - educado pelo mais valente  
pai dos helenos -, um dia  
eu abandonei o maliense, filho de Péas,  
quando recebi ordens dos meus chefes para fazer isso,  
já que ele sofria, por causa de uma doença terrível no pé,  
quandol nem libações nem sacrifícios  
era-nos possível fazer tranquilamente, mas, com cruéis  
injúrias, ele sempre detinha todo exército,  
gritando e gemendo.

10

As primeiras palavras de Odisseu, ao desembarcar na ilha, trazem uma informação capaz de transformar o mais covarde dos homens em alguém extremamente corajoso e fazem também o mais tímido perceber uma oportunidade para agir sem ser percebido pelos demais. Odisseu afirma a Neoptólemo que somente os dois estavam naquela local - “nunca pisado nem habitado por mortais (v.2)” -, além de Filoctetes, indicando assim uma situação bastante propícia para agir da maneira mais proveitosa possível, independente da natureza da ação. É o herói *polýmetis* utilizando o ambiente inóspito da ilha de Lemnos para convencer Neoptólemo.

O discurso de Odisseu é desenvolvido de forma a mostrar uma imagem frágil de Filoctetes e uma situação degradante para um ser humano viver. Certamente, a imagem projetada na mente de Neoptólemo por Odisseu tinha um objetivo bastante nítido na formulação de um argumento doloso, cuja base consistia no fato de os dois estarem em vantagem diante de um homem debilitado, sozinho e sem recursos. A desfaçatez de Odisseu na argumentação é tão imperiosa, que a falta de sustentação o faz interromper seu discurso de uma maneira bastante abrupta, dizendo o seguinte:

ἀλλὰ ταῦτα μὲν τί δεῖ  
λέγειν; ἀκμὴ γὰρ οὐ μακρῶν ἡμῖν λόγων,

Mas por que é preciso essas coisas  
dizer? De fato, para nós o momento não é de longos discursos!

v. 11-2

A caracterização da astúcia do herói, bem assinalada nos Poemas Homéricos, é marcada também nesse discurso pela rapidez na exposição de uma ideia contraditória em si mesma. Sem uma base definida para se apoiar, o herói se move para outro eixo do discurso inicial, pois não há um motivo razoável para se manter na mesma ideia por mais tempo ou

mesmo repetir, com mais firmeza, as proposições formuladas no momento do desembarque na ilha de Lemnos.

O engano implícito na argumentação é a razão principal para escolher outro assunto ou mudar pelo menos de tópico, mantendo a mesma linha de raciocínio para se chegar ao fim desejado: reintegrar Filoctetes ao exército. Odisseu, então, depois de explicar quem era Filoctetes e sua situação, mostra ao jovem as funções que cada um ocupará nessa missão e de quem será o plano e a responsabilidade pelo sucesso da empreitada:

μη καὶ μάθη μ' ἦκοντα κάκχέω τὸ πᾶν  
σόφισμα, τῷ νιν αὐτίχ' αἰρήσειν δοκῶ.  
ἀλλ' ἔργον ἤδη σὸν τὰ λοιφ' ὑπηρετεῖν

Não perceba ele que cheguei, e desfaça eu todo  
o plano com o qual penso em breve capturá-lo.  
Mas teu trabalho agora é ajudar no restante:

vv. 13-5

Como dissemos, as informações presentes no texto acerca da ilha, da caverna e de Filoctetes realçam as condições de vida enfrentadas pelo maliense e servem de pano de fundo para se acreditar numa vantagem física e psicológica de Neoptólemo para a realização do plano arquitetado por Odisseu, que enfatiza a responsabilidade do jovem no cumprimento de suas ordens, como explicita o diálogo seguinte:

### **Ὀδυσσεύς**

σκοπεῖν θ' ὅπου 'στ' ἐνταῦθα δίστομος πέτρα  
τοιιάδ', ἴν' ἐν ψύχει μὲν ἡλίου διπλῆ  
πάρεστιν ἐνθάκησις, ἐν θέρει δ' ὕπνον  
δι' ἀμφιτρῆτος αὐλίου πέμπει πνοή·  
βαιὸν δ' ἔνερθεν ἐξ ἀριστερᾶς τάχ' ἄν

ἴδοις ποτὸν κρηναῖον, εἴπερ ἐστὶ σῶν.  
ἅ μοι προσελθὼν σίγα σήμαιν' εἴτ' ἐκεῖ  
χῶρον τὸν αὐτὸν τόνδ' ἔτ' εἴτ' ἄλλη κυρεῖ,  
ὡς τὰπίλοιπα τῶν λόγων σὺ μὲν κλύης,  
ἐγὼ δὲ φράζω, κοινὰ δ' ἐξ ἀμφοῖν ἴη.

#### **Νεοπτόλεμος**

ἄναξ Ὀδυσσεῦ, τοῦργον οὐ μακρὰν λέγεις·  
δοκῶ γὰρ οἶον εἶπας ἄντρον εἰσορᾶν.

#### **Ὀδυσσεύς**

ἄνωθεν ἢ κάτωθεν; οὐ γὰρ ἐννοῶ.

#### **Νεοπτόλεμος**

τόδ' ἐξύπερθε· καὶ στίβου γ' οὐδεὶς κτύπος.

#### **Ὀδυσσεύς**

ὄρα καθ' ὕπνον μὴ καταυλισθεὶς κυρεῖ.

30

#### **Νεοπτόλεμος**

ὀρῶ κενὴν οἴκησιν ἀνθρώπων δίχα.

#### **Ὀδυσσεύς**

οὐδ' ἔνδον οἰκοποιός ἐστὶ τις τροφή;

#### **Νεοπτόλεμος**

στιπτή γε φυλλὰς ὡς ἐναυλίζοντί τω.

#### **Ὀδυσσεύς**

τὰ δ' ἄλλ' ἔρημα, κούδέν ἐσθ' ὑπόστεγον;

### **Νεοπτόλεμος**

αυτόξυλόν γ' ἔκπωμα, φλαυρουργοῦ τινος  
τεχνήματ' ἀνδρός, καὶ πυρεῖ' ὁμοῦ τάδε.

### **Ὀδυσσεύς**

κείνου τὸ θησαύρισμα σημαίνεις τόδε.

### **Νεοπτόλεμος**

ἰοῦ ἰοῦ· καὶ ταῦτά γ' ἄλλα θάλπεται  
ράκη, βαρείας του νοσηλείας πλέα.

### **Ὀδυσσεύς**

ἀνήρ κατοικεῖ τούσδε τοὺς τόπους σαφῶς, 40  
κάστ' οὐχ ἑκάς που· πῶς γὰρ ἂν νοσῶν ἀνήρ  
κῶλον παλαιᾶ κηρὶ προσβαίη μακράν;  
ἀλλ' ἢ πὶ φορβῆς νόστον ἐξελήλυθεν  
ἢ φύλλον εἴ τι νώδυνον κάτοιδέ που.  
τὸν οὔν παρόντα πέμψον εἰς κατασκοπήν,  
μὴ καὶ λάθη με προσπεσῶν· ὡς μᾶλλον ἂν  
ἔλοιτό μ' ἢ τοὺς πάντας Ἀργείους λαβεῖν.

### **Νεοπτόλεμος**

ἀλλ' ἔρχεται τε καὶ φυλάζεται στίβος.  
σὺ δ', εἴ τι χρήζεις, φράζε δευτέρῳ λόγῳ.

### **Odisseu**

observar onde há por ali tal rocha de duas entradas,  
de onde, no inverno, a dupla entrada do sol  
é possível; no verão, uma brisa leva o sono  
através da caverna de dupla entrada.

Um pouco abaixo, à esquerda, talvez tu possas facilmente 20  
ver uma fonte de água potável se é verdade que está conservada.  
Aproximando-te, mostra-me isso em silêncio: se ele mantém



esta terra para si ou se busca uma outra em outro lugar,  
a fim de que tu ouças o restante de minhas palavras,  
eu as explique, e as coisas comuns procedam de nós ambos.

**Neoptólemo**

Senhor Odisseu, falas de um trabalho não demorado!  
De fato, parece que estou vendo a caverna de que falaste.

**Odisseu**

Em cima ou embaixo? Na verdade, não a vejo!

**Neoptólemo**

Ela está em cima, e não há ruído algum de passos.

**Odisseu**

Vê se ele não se encontra dormindo.

30

**Neoptólemo**

Eu vejo uma habitação vazia, sem homens.

**Odisseu**

Não há dentro nenhum alimento que torne a caverna habitável?

**Neoptólemo**

Um monte de folhas calcadas para alguém dormir.

**Odisseu**

O resto está deserto, e não há nada sob o teto?

**Neoptólemo**

Um taça de madeira, instrumentos de um  
mau artesão e, no mesmo lugar, gravetos para fazer fogo.

### **Odisseu**

Esse tesouro que tu mostras é dele.

### **Neoptólemo**

Ui, ui! E queimam estes outros  
farrapos, cheios de pus nojento de alguém.

### **Odisseu**

Certamente, um homem habita estes lugares, 40  
e não está longe, em algum lugar. De que maneira um homem,  
estando doente na perna, poderia ir longe com uma chaga antiga?  
Ou saiu em busca de um caminho para procurar alimento  
ou se conhece em algum lugar uma erva que lhe acalme a dor.  
Então, envia este homem aqui presente para uma observação,  
para que ele não caia sobre mim sem que eu perceba. De fato, ele preferiria  
agarrar mais a mim a todos os Argivos juntos.

### **Neoptólemo**

Ele vai, e sua pegada será vigiada.  
Tu, se desejas algo, explica-me num segundo discurso.

A descrição de um local sem as mínimas condições serviria de elemento desencorajador para qualquer marinheiro que quisesse chegar ali, por se tratar de uma terra inóspita a qualquer ser humano. A ilha era um local tão difícil de habitar que Filoctetes, ao falar com Neoptólemo, se refere ao lugar como “*áoikon eisoíkesin*”, que traduzimos como “morada inabitável” (v. 534). A sequência da fala do herói maliense também é importante para caracterizar o lugar:

ἴωμεν, ὃ παῖ, προσκύσαντε τὴν ἔσω  
ἄοικον εἰσοίκησιν, ὥς με καὶ μάθης  
ἀφ’ ὧν διέζων ὥς τ’ ἔφυν εὐκάρδιος.

οἶμαι γὰρ οὐδ' ἂν ὄμμασιν μόνην θεάν  
ἄλλον λαβόντα πλὴν ἐμοῦ τλῆναι τάδε·  
ἐγὼ δ' ἀνάγκη προύμαθον στέργειν κακά.

Vamos, ó filho, depois de nós dois termos saudado o interior da inabitável moradia, para que também saibas de mim de que coisas eu sobrevivi e como eu sou forte de coração. Eu acredito que com os olhos nenhum outro viu este espetáculo único; somente eu suportaria estas coisas. Eu, por necessidade, aprendi a suportar estes males.

(vv. 533-8)

Ao comentar a função do cenário para a dramatização da peça e sua importância como alusão à situação vivida pelo próprio Filoctetes, Brandão (1991, p. 164) oferece uma lista de palavras referentes à moradia do maliense presente na tragédia em questão, que refletem as condições precárias da ilha para sobrevivência de qualquer pessoa. De acordo com o estudioso, a morada do maliense possui as seguintes designações:

[...] rocha de dupla boca (*dýstomos pétra* v. 16), gruta ambicavada (*amphitrêtosaulíou* v. 19), caverna (*ântron* v. 87) e também o nome de resistência (*mélathron* v. 147 e *aulas* v. 153). É chamada também de *oikos* (v. 159) e *stégê* (vv. 286, 298).

De fato, a probabilidade de Filoctetes ser encontrado, ou mesmo de fugir da ilha, quando estivesse completamente curado, era praticamente ínfima pela ausência de um lugar próprio para o desembarque de marinheiros aventureiros à procura de uma terra para explorar, buscando comida ou bebida, ou simplesmente um lugar para passar a noite ou habitar. Filoctetes expressa-se da seguinte maneira ao referir-se aos poucos marinheiros que chegam à ilha:

ταύτη πελάζει ναυβάτης οὐδεὶς ἐκόν·  
οὐ γάρ τις ὄρμος ἔστιν οὐδ' ὅποι πλέων

ἐξεμπολήσει κέρδος ἢ ξενώσεται.  
οὐκ ἐνθάδ' οἱ πλοῖ τοῖσι σώφροσιν βροτῶν.

Nenhum marinheiro voluntariamente se aproxima dela.  
Não há nenhum porto nem para onde navegar,  
para ganhar lucro no exterior ou hospedar-se.  
Não há aqui navios para eles, para os que são sensatos entre os mortais.

vv. 301-4

Então, não podemos dizer que os chefes aqueus, em especial Odisseu, decidiram abandonar Filoctetes na primeira ilha ou num local qualquer. Essa ação foi bem planejada e orquestrada, e isso, provavelmente, contou com a participação ativa de Odisseu, ao arquitetar o melhor lugar para a concretização de um plano, a julgar pelas palavras de Filoctetes referindo-se aos responsáveis por seu abandono na ilha de Lemnos:

τοιαῦτ' Ἀτρεΐδαί μ' ἢ τ' Ὀδυσσέως βία,  
ᾧ παῖ, δεδράκασ', οἷ' Ὀλύμπιοι θεοὶ  
δοῖέν ποτ' αὐτοῖς ἀντίποιν' ἔμοῦ παθεῖν.

Estas coisas os Atridas e a força de Odisseu  
me fizeram, ó filho. Tomara que os deuses olímpicos  
lhes deem a retribuição do meu sofrer.

vv. 314-6

Entretanto, uma informação imprescindível para a interpretação de *Filoctetes* reside, como assinala Brandão (1991, p. 165) em saber que Lemnos<sup>99</sup> na época clássica,

---

<sup>99</sup>Segundo a tradição mítica, citada por Dumézil (1924, p. 28), Lemnos foi habitada por piratas que não tinham um comportamento de um povo já desenvolvido, pelo contrário, suas ações mostravam uma maneira de ser selvagem, nada parecida com a Lemnos do séc. V a.C, com a qual o público do teatro estava acostumado. Era uma imagem trazida à mente dos espectadores, capazes de fazer relações com a situação posta em cena, na qual

especificamente no momento da apresentação da peça, era um lugar de bons portos, e o público do teatro tinha esse conhecimento<sup>100</sup>. Era então um traço bastante distintivo da realidade o lugar apresentado por Sófocles, mas acentuava, de modo incomensurável, o drama de Filoctetes e a ação dos chefes aqueus, causando consternação no público e uma certa compreensão daquela maneira rude de o herói se comportar. Vale citar a leitura que Brandão (1991, p. 165) faz de Jebb:

Se atentarmos para o fato de que Lemnos, como nos lembra Sir Richard C. Jebb, na época da primeira apresentação do *Filoctetes*, era uma possessão de Atenas e que era do conhecimento de todo o público presente no teatro que Lemnos tinha excelentes portos, entendemos que Sófocles cria um espaço especial para o seu Filoctetes.

---

um herói é deixado numa ilha inabitável e vive praticamente de maneira selvagem, da mesma forma que os antigos habitantes possivelmente viveram.

<sup>100</sup>Podemos notar a relação de Lemnos com o enredo desenvolvido em *Filoctetes* por Sófocles em *Odisseia* (VIII, vv. 293-4). Nesses versos, há o registro de que povos “Sítios de língua travada” habitaram essa ilha e isso realmente nos chama atenção, a julgar que a peça evidencia uma temática relacionada ao poder discurso, cujo principal representante é Odisseu. Acrescentamos ainda a associação entre a fétida ferida de Filoctetes, realçada pelo tragediógrafo na peça, e o mito de Lemnos, da qual muitos espectadores tinham a noção. Segundo Burkert (1970, p. 6-8), de acordo com o mito, a deusa Afrodite castigou as mulheres lemnianas com um cheiro terrível por não fazerem as devidas homenagens em sua honra. Em consequência, seus maridos decidiram abandoná-las e casar com mulheres trácias. Essa atitude provocou a ira das mulheres que resolvem então matar seus maridos. O único sobrevivente, segundo o mito, foi o rei de Toas, cuja filha chamada Hipsipila se tornou a líder dessas mulheres. Somente depois, com a chegada dos Argonautas, elas voltam a se casar. Outra informação de destaque: Péas, pai de Filoctetes, era um dos argonautas. Essa foi uma questão muito bem aproveitada pelo poeta para enfatizar o ocorrido em Lemnos e trazer uma identificação das mais privilegiadas para sua peça. Certamente, o público tinha noção dessa relação e a interpretou como um pano de fundo para dar um colorido especial ao enredo. Conforme Segal (199, p. 322), *nêsos*, “ilha”, e *nósos* “doença”, se transformaram, naquele contexto, em vocábulos inseridos na peça para mostrar um componente concebido para dramatizar ainda mais a situação do herói maliense, completamente abandonado por uma doença terrível, sem a presença de um único amigo ou quem quer que seja para ajudá-lo a viver numa terra com recursos mínimos de sobrevivência.

Provavelmente, o espaço foi analisado por Odisseu que, diante da solidão e da debilidade de Filoctetes, julgou que o jovem Neoptólemo não se deveria preocupar com mais nada, apenas aprender o que era preciso ser dito, ou seja, “ajudar no restante” (v. 15). Não haveria imprecisões ou oposição a qualquer atitude contrária ao estabelecido na sociedade em que os guerreiros estavam inseridos, mesmo que tivessem de se comportar de modo contrário a tudo que aprenderam, pois eles estavam agindo sozinhos e de comum acordo.

### 3.3.1.2 - O emprego do *dólos*

Com uma mensagem astuta muito bem urdida, Odisseu, em poucas palavras, faz uma constatação das mais simples: as condições de Filoctetes favoreciam a concretização do plano. Com o propósito imediato de deixar o jovem à vontade e prestes a cooperar na tarefa de reintegrar Filoctetes ao exército aqueu, ele ainda deixa implícito em sua argumentação de que não haveria problema em Neoptólemo agir por meio do *dólos* ou de modo contrário a sua *phýsis*, dizendo o seguinte:

τὴν Φιλοκτῆτου σε δεῖ  
ψυχὴν ὅπως δόλοισιν ἐκκλέψεις λέγων.  
ὅταν σ' ἐρωτᾷ τίς τε καὶ πόθεν πάρει,  
λέγειν, Ἀχιλλέως παῖς· τόδ' οὐχὶ κλεπτέον·  
πλεῖς δ' ὡς πρὸς οἶκον, ἐκλιπὼν τὸ ναυτικὸν  
στράτευμα Ἀχαιῶν, ἔχθος ἐχθήρας μέγα,  
οἷ σ' ἐν λιταῖς στείλαντες ἐξ οἴκων μολεῖν,  
μόνην ἔχοντες τήνδ' ἄλωσιν Ἰλίου,  
οὐκ ἠξίωσαν τῶν Ἀχιλλείων ὅπλων  
ἐλθόντι δοῦναι κυρίως αἰτουμένῳ,  
ἀλλ' αὐτ' Ὀδυσσεῖ παρέδοσαν· λέγων ὅσ' ἂν  
θέλης καθ' ἡμῶν ἔσχατ' ἐσχάτων κακά.  
τούτῳ γὰρ οὐδέν μ' ἀλγυνεῖς· εἰ δ' ἐργάσει

60

μη ταῦτα, λύπην πᾶσιν Ἀργείοις βαλεῖς.  
εἰ γὰρ τὰ τοῦδε τόξα μὴ ληφθήσεται,  
οὐκ ἔστι πέρσαι σοι τὸ Δαρδάνου πέδον.  
ὥς δ' ἔστ' ἔμοι μὲν οὐχί, σοὶ δ' ὀμιλία  
πρὸς τόνδε πιστὴ καὶ βέβαιος, ἔκμαθε.  
σὺ μὲν πέπλευκας οὔτ' ἔνορκος οὐδενὶ  
οὔτ' ἐξ ἀνάγκης οὔτε τοῦ πρώτου στόλου·  
ἔμοι δὲ τούτων οὐδέν ἐστ' ἀρνήσιμον.  
ὥστ' εἰ με τόξων ἐγκρατὴς αἰσθήσεται,  
ὄλωλα καὶ σὲ προσδιαφθερῶ ξυνών.  
ἀλλ' αὐτὸ τοῦτο δεῖ σοφισθῆναι, κλοπεὺς  
ὅπως γενήσῃ τῶν ἀνικῆτων ὅπλων.  
ἔξοιδα, παῖ, φύσει σε μὴ πεφυκότα  
τοιαῦτα φωνεῖν μηδὲ τεχνᾶσθαι κακά·  
ἀλλ' ἡδὺν γάρ τι κτῆμα τῆς νίκης λαβεῖν,  
τόλμα· δίκαιοι δ' αὖθις ἐκφανούμεθα.  
νῦν δ' εἰς ἀναιδῆς ἡμέρας μέρος βραχὺ  
δός μοι σεαυτόν, κᾶτα τὸν λοιπὸν χρόνον  
κέκλησο πάντων εὐσεβέστατος βροτῶν.

70

80

É preciso que tu enganes  
o espírito de Filoctetes com palavras.  
Quando ele te perguntar quem és e de onde vens,  
dize que é filho de Aquiles. Isto não deve ficar oculto!  
E que navegas para casa, depois de teres abandonado  
a frota dos Aqueus, por teres nutrido grande ódio por eles.  
Eles que, em súplicas, depois de te terem convidado a sair de casa,  
tendo eles este único meio de conquistar Ílion,  
recusaram dar-te as armas de Aquiles,  
após teres chegado, pedindo legitimamente.  
Ao contrário, deram-nas a Odisseu, proferindo tu  
os últimos dos últimos males que desejas contra nós.

60

De fato, não me afligirás com nada disso. Se não fizeres  
essas coisas, lançarás aflição a todos os Argivos.  
Na verdade, se os arcos não lhe forem retirados,  
não te será possível destruir a terra de Dárdano.  
Sabe que não me é possível, mas para ti uma convivência  
fiel e segura é possível com ele. 70  
Tu não navegaste comprometido por juramento a ninguém,  
nem por coação, nem eras da primeira expedição.  
Nada disso pode ser negado por mim,  
de sorte que, se ele que possui as armas me percebe,  
estou perdido e te farei perecer por estar contigo.  
Por isso, é preciso que sejas astucioso nisso mesmo,  
para te tornares ladrão das armas invencíveis.  
Eu sei também que não é de tua natureza  
dizer essas coisas nem maquinar o mal. 80  
Entretanto, é doce para ti tomar posse da vitória.  
Sê audaz: mais tarde, pareceremos justos.  
Mas agora, durante uma breve parte indecorosa do dia,  
entrega-te a mim e, durante o tempo restante,  
considera-te o mais piedoso de todos os mortais.

Entretanto, se as circunstâncias realmente eram tão adversas conforme descritas por Odisseu, não era preciso Neoptólemo preocupar-se demasiadamente com um homem naquele local inapropriado, adequado para um ato de abandono, causado por uma ferida fétida. Na esteira do raciocínio odisseico - no que diz respeito à necessária reintegração de Filoctetes ao exército aqueu, porém sem a utilização do engano (v. 91-*dólos*), repudiado por Neoptólemo ao ouvir o plano de Odisseu -, o jovem avança a opção de levar Filoctetes à força por fazer mais sentido em razão da descrição de Odisseu projetar a imagem do maliense como um



homem debilitado e vulnerável a qualquer tentativa de coerção. Reiteram-no os versos seguintes:

ἐγὼ μὲν οὐδ' ἂν τῶν λόγων ἀλγῶ κλύων,  
Λαερτίου παῖ, τούσδε καὶ πράσσειν στυγῶ·  
ἔφυν γὰρ οὐδὲν ἐκ τέχνης πράσσειν κακῆς,  
οὔτ' αὐτὸς οὔθ', ὥς φασιν, οὐκφύσας ἐμέ.  
ἀλλ' εἴμ' ἑτοῖμος πρὸς βίαν τὸν ἄνδρ' ἄγειν 90  
καὶ μὴ δόλοισιν· οὐ γὰρ ἐξ ἑνὸς ποδὸς  
ἡμᾶς τοσοῦσδε πρὸς βίαν χειρώσεται.  
πεμφθεὶς γε μέντοι σοὶ ξυνεργάτης ὀκνῶ  
προδότης καλεῖσθαι· βούλομαι δ', ἄναξ, καλῶς  
δρῶν ἐξαμαρτεῖν μᾶλλον ἢ νικᾶν κακῶς.

Eu, filho de Laertes, sofro por ouvir as palavras que também detesto praticar!

De fato, eu não tenho a natureza de praticar nenhum artifício vil nem eu mesmo, nem, como dizem, aquele que me gerou.

Mas eu estou pronto para levar este homem à força e não pela astúcia. Com um pé somente não vencerá à força tantos de nós. 90

Tendo sido enviado por ti como ajudante, eu temo ser chamado traidor. Eu prefiro, senhor, errar agindo de modo nobre a vencer desonestamente.

Odisseu, então, um mestre na arte do convencimento, um genuíno *sophistés*, propõe a Neoptólemo uma alternativa mais condizente com a sua natureza matreira e própria de um filho de Sísifo (*Fil.*, v. 417, v. 624-5 ) e neto de Autólico (*Od.* XIX, vv. 388 a 507). O rei de Ítaca indica ao jovem um caminho trilhado muitas vezes por ele mesmo em momentos de adversidade, por meio do qual já obtivera muito sucesso, o caminho da astúcia, própria de um

herói reconhecidamente *polýmetis*.<sup>101</sup> A mínima possibilidade de seu plano (*sóphisma*) não acontecer com base na astúcia faz Odisseu perceber um possível insucesso da missão. Daí, enfatizar, de modo veemente, que o discurso constitui o fundamento de toda a ação:

ἔσθλοῦ πατρὸς παῖ, καὐτὸς ὄν νέος ποτὲ  
γλῶσσαν μὲν ἀργόν, χεῖρα δ' εἶχον ἐργάτιν·  
νῦν δ' εἰς ἔλεγχον ἐξιῶν ὀρῶ βροτοῖς  
τὴν γλῶσσαν, οὐχὶ τάργα, πάνθ' ἡγουμένην.

Ó filho de nobre pai, eu mesmo, quando era jovem,  
tinha a língua preguiçosa, mas a mão ativa.  
Agora, ao chegar a uma prova, eu vejo que entre os mortais  
a língua, não as ações, tudo domina!

(vv. 96-9)

Contraopondo-se aos princípios aristocráticos de educação presentes em *Ilíada* (IX, vv. 442-3), cuja base reside no bom uso do discurso e em nobres feitos, o verso 99 sumariza a base da argumentação sofística, isto é, “a língua, não as ações, tudo domina!”, bem caracterizada na habilidade discursiva de Odisseu.

---

<sup>101</sup> O episódio de Odisseu na terra dos ciclopes, quando o herói escapou da morte por meio de sua astúcia, é um exemplo significativo para mostrar que a *métis* - diante de um oponente, cuja força é sua maior aliada - pode superar a *bía*. A *métis* se sobrepõe por criar estratégias dos mais variados para superar os obstáculos e o recurso utilizado consiste na elaboração de um plano, no qual todos os pontos fortes do seu oponente são levados em consideração, para não haver surpresas na execução da ação. Segundo Buxton (1982, p. 64), “*dólos* funciona como um tipo de imagem em espelho de *bía*: enquanto *bía* é usada por alguém que é superior em poder para subjugar um outro que é inferior, *dólos* possibilita um inferior subverter o poder prevaiente de um superior”. Podemos, então, supor que a situação na ilha de Lemnos era parecida com a de Polifemo, pois Filoctetes tinha grande poder em seu arco e, por isso, não poderia ser levado a força. O uso *dólos*, portanto, como produto da *métis*, se torna a solução mais adequada para superar o maliense.

[“*dólos* functions as a sort of mirror-image of *bía*: while *bía* is used by one who is superior in power to subdue one who is inferior, *dólos* enables an inferior to subvert the prevailing power of a superior”.]

Quanto ao uso da *bía* na reintegração de Filoctetes ao exército, entendemos que Neoptólemo se refere à força física, capaz de tornar realizável o objetivo proposto por Odisseu. Diante do quadro de fragilidade do maliense apresentado por Odisseu, fazer prevalecer sua vontade por meio da força se torna uma solução viável para cumprir a missão da qual participam. O emprego de *bía* era, então, uma das melhores escolhas, talvez a primeira opção, nessas circunstâncias de desvantagem física de Filoctetes.

Acrescentamos ainda que a proposta de Neoptólemo no uso da força pode ser também entendida como uma alusão à força de seu pai, uma característica das mais importantes quando lembramos de Aquiles, principalmente na guerra. Não existia ninguém capaz de vencer o Pelida por sua destreza, experiência em combate e força nos braços.

O canto IX de *Ilíada* pode ser usado também para ratificar o valor de Aquiles. Nele há o relato de uma embaixada enviada ao Pelida para fazê-lo retornar ao campo de combate, pois os Aqueus estavam sendo superados pelos Troianos e a iminente derrota do exército se configurava fortemente pela vantagem dos Troianos no campo de combate. Aquiles era naquele momento a solução para reverter o quadro caótico, e a quantidade de presentes que lhe foram oferecidos demonstra sua *timé*, que, por sua vez, serve de parâmetro para avaliar sua *areté*. E os três guerreiros escolhidos, Odisseu, Fênix e Ájax, para integrarem essa embaixada também testificam o grande valor dignificado ao Pelida. A situação era tão crítica e a importância de Aquiles era tão imprescindível que Odisseu chega a dizer:

ἐν δοιῇ δὲ σαωσέμεν ἢ ἀπολέσθαι  
νῆας εὐστέλμους, εἰ μὴ σύ γε δύσειαι ἀλκίην.

Há um dilema: salvar ou destruir

230

os navios de bancos sólidos, se não te vestires com a tua força.

(Il. IX, v. 230-1)<sup>102</sup>

ἀλλ' ἄνα εἰ μέμονάς γε καὶ ὀψέ περ υἷας Ἀχαιῶν  
τειρομένους ἐρύεσθαι ὑπὸ Τρώων ὀρυμαγδοῦ.

Vamos, levanta-te! Se desejas defender, ainda que tarde, os filhos dos Aqueus  
esgotados pelos ruídos estrondosos dos Troianos.

(Il. IX, v. 248-9)<sup>103</sup>

Desta forma, naquele momento, como filho e possivelmente herdeiro dessa característica física ligada à força, Neoptólemo queria provar seu valor, colocando em prática sua disposição em dominar alguém por meio da *bía*, justificando seu sangue e honrando seu progenitor. O que estava em jogo nessa sugestão de uso da força era a distinção entre os dois guerreiros: Odisseu, *polýmetis*, um mestre na arte da astúcia, e Neoptólemo, filho do mais valente dos aqueus, um representante da força aguerrida. É nessa perspectiva que devemos entender a rejeição de Odisseu pelo uso da força, e a aprovação pelo emprego da astúcia para levar Filoctetes. Evidenciam-no os versos seguintes:

#### **Νεοπτόλεμος**

τί μ' οὔν ἄνωγας ἄλλο πλὴν ψευδῆ λέγειν;

100

#### **Ὀδυσσεύς**

λέγω σ' ἐγὼ δόλω Φιλοκτῆτην λαβεῖν.

#### **Νεοπτόλεμος**

τί δ' ἐν δόλω δεῖ μᾶλλον ἢ πείσαντ' ἄγειν;

---

<sup>102</sup> Tradução nossa.

<sup>103</sup> Tradução nossa.

**Ὀδυσσεύς**

οὐ μὴ πίθηται· πρὸς βίαν δ' οὐκ ἂν λάβοις.

**Νεοπτόλεμος**

οὕτως ἔχει τι δεινὸν ἰσχύος θράσος;

**Ὀδυσσεύς**

ἥϊός γ' ἀφύκτους καὶ προπέμποντας φόνον.

**Νεοπτόλεμος**

οὐκ ἄρ' ἐκείνῳ γ' οὐδὲ προσμῖξαι θρασύ;

**Ὀδυσσεύς**

οὐ, μὴ δόλω λαβόντα γ', ὡς ἐγὼ λέγω.

**Νεοπτόλεμος**

οὐκ αἰσχρὸν ἡγεῖ δῆτα τὸ ψευδῆ λέγειν;

**Ὀδυσσεύς**

οὐκ, εἰ τὸ σωθῆναί γε τὸ ψεῦδος φέρει.

**Νεοπτόλεμος**

ἥπως οὖν βλέπων τις ταῦτα τολμήσει λακεῖν;

110

**Ὀδυσσεύς**

ὅταν τι δρᾷς εἰς κέρδος, οὐκ ὀκνεῖν πρέπει.

**Νεοπτόλεμος**

κέρδος δ' ἐμοὶ τί τοῦτον ἐς Τροίαν μολεῖν;

**Ὀδυσσεύς**

αἰρεῖ τὰ τόξα ταῦτα τὴν Τροίαν μόνα.

**Νεοπτόλεμος**

οὐκ ἄρ' ὁ πέρσων, ὡς ἐφάσκειτ', εἴμ' ἐγώ;

**Ὀδυσσεύς**

οὔτ' ἂν σὺ κείνων χωρὶς οὔτ' ἐκεῖνα σοῦ.

**Νεοπτόλεμος**

θηρατέ' οὖν γίγνοιτ' ἄν, εἴπερ ὧδ' ἔχει.

**Ὀδυσσεύς**

ὡς τοῦτό γ' ἔρξας δύο φέρει δωρήματα.

**Νεοπτόλεμος**

ποιῶ; μαθὼν γὰρ οὐκ ἂν ἀρνοίμην τὸ δρᾶν.

**Ὀδυσσεύς**

σοφός τ' ἂν αὐτὸς κάγαθὸς κεκλιῆ' ἅμα.

**Νεοπτόλεμος**

ἴτω· πῶσῳ, πᾶσαν αἰσχύνην ἀφείς.

120

**Ὀδυσσεύς**

ἦ μνημονεύεις οὖν ἅ σοι παρήνεσα;

**Νεοπτόλεμος**

σάφ' ἴσθ', ἐπεὶπερ εἰσάπαξ συνήνεσα.

**Neoptólemo**

Então, o que me ordenas senão dizer mentiras?

100

**Odisseu**

Eu te ordeno que captures Filoctetes pela astúcia.

126

**Neoptólemo**

Por que é preciso levá-lo pela astúcia a persuadi-lo?

**Odisseu**

Não é possível que ele seja persuadido; e pela força tu não podes capturá-lo.

**Neoptólemo**

Assim, ele tem uma extraordinária confiança em sua força?

**Odisseu**

Ele tem flechas infalíveis que levam à morte.

**Neoptólemo**

Será que não é arriscado aproximar-se dele?

**Odisseu**

Não. A não ser agarrando pela astúcia, como eu digo.

**Neoptólemo**

Não julgas vergonhoso dizer mentiras?

**Odisseu**

Não, se a mentira traz a salvação.

**Neoptólemo**

Então, observando essas coisas, como alguém ousará proclamá-las em voz alta?

110

**Odisseu**

Quando fazes algo para lucro, não convém hesitar.

**Neoptólemo**

Para mim qual é a vantagem que ele vá para Troia?

**Odisseu**

Somente este arco conquista Troia.

**Neoptólemo**

Será que o destruidor, como dizíeis, não sou eu?

**Odisseu**

Tu não podes sem o arco, nem o arco sem ti.

**Neoptólemo**

Deve-se, então, caçá-lo se é que é assim.

**Odisseu**

Se fizeres isso, obterás dois prêmios.

**Neoptólemo**

Devo fazer? Se soubesse, eu não me negaria a fazer isto.

**Odisseu**

Tu mesmo serias chamado de sábio e corajoso ao mesmo tempo.

**Neoptólemo**

Assim seja! Eu o farei, perdendo toda a vergonha!

120

**Odisseu**

Será que te lembras então do que te aconselhei?

**Neoptólemo**

Sabe tu, perfeitamente, já que, de vez por todas, concordei.

Pelo diálogo entre Neoptólemo e Odisseu, podemos perceber quatro possibilidades existentes para levar Filoctetes, quais sejam: a mentira, a astúcia, a persuasão e a força. Esses



meios parecem ter sentidos bem demarcados, e os dois guerreiros reconhecem a exata noção conceitual de cada um deles e de sua aplicação no plano elaborado por Odisseu. Ciente dessas questões, o jovem equipara a astúcia à mentira (v. 108), cotejo reiterado pelo rei de Ítaca que alega ser o uso da mentira justificável, tendo em vista ser um meio para atingir o objetivo da missão (v. 109).

De acordo com Nelli (2008, p. 96), o vocábulo ψεύδος apresenta um sentido oposto ao de ἀλήθεια e, nessa perspectiva, ao mencioná-lo, estava muito clara para Neoptólemo a intenção de se valer de um artifício dos mais indignos para um aristocrata homérico. Se havia realmente uma oposição tão definida entre essas duas palavras, bastava a Neoptólemo saber a verdade e falar exatamente o contrário para configurar a mentira.

Para Neoptólemo, a mentira, no entanto, não devia ter lugar nessa missão. Notemos que a possibilidade de Filoctetes descobrir a mentira num discurso referente à guerra e aos guerreiros era iminente e poderia pôr em risco toda a missão, tendo em vista ter o maliense participado na luta contra Troia e ter sido abandonado em Lemnos, como já comentamos, fato dos mais indignos na opinião de Filoctetes, como fica patente no seguinte discurso:

ὦ πόλλ' ἐγὼ μοχθηρός, ὦ πικρὸς θεοῖς,  
οὗ μηδὲ κληδὼν ὧδ' ἔχοντος οἴκαδε  
μηδ' Ἑλλάδος γῆς μηδαμοῦ διῆλθέ που.  
ἀλλ' οἱ μὲν ἐκβαλόντες ἀνοσίως ἐμὲ  
γελῶσι σῖγ' ἔχοντες, ἡ δ' ἐμὴ νόσος  
ἀεὶ τέθηλε κάπῃ μεῖζον ἔρχεται.  
ὦ τέκνον, ὦ παῖ πατρὸς ἐξ Ἀχιλλέως,  
ὄδ' εἴμ' ἐγὼ σοι κεῖνος, ὃν κλύεις ἴσως  
τῶν Ἡρακλείων ὄντα δεσπότην ὄπλων,  
ὁ τοῦ Ποίαντος παῖς Φιλοκτήτης, ὃν οἱ  
δισσοὶ στρατηγοὶ χῶ Κεφαλλήνων ἄναξ  
ἔρριψαν αἰσχυρῶς ὧδ' ἔρημον, ἀγρία

260

νόσῳ καταφθίνοντα, τῆς ἀνδροφθόρου  
πληγέντ' ἐχίδνης ἀγρίῳ χαράγματι·  
ξὺν ἧ μ' ἐκεῖνοι, παῖ, προθέντες ἐνθάδε  
ῥῶχοντ' ἔρημον, ἠνίκ' ἐκ τῆς ποντίας  
Χρύσης κατέσχον δεῦρο ναυβάτη στόλῳ.  
τότ' ἄσμενοί μ' ὡς εἶδον ἐκ πολλοῦ σάλου  
εὕδοντ' ἐπ' ἀκτῆς ἐν κατηρεφεῖ πέτρῳ,  
λιπόντες ῥῶχονθ', οἷα φωτὶ δυσμόρῳ  
ράκη προθέντες βαιὰ καὶ τι καὶ βορᾶς  
ἐπωφέλημα σμικρόν, οἷ' αὐτοῖς τύχοι.

270

Ó como eu sou um infeliz, ó como sou odiado pelos deuses!  
Mesmo estando assim, nenhuma notícia a minha casa chegou,  
nem a qualquer lugar da Hélide.

Mas os que me rejeitaram criminosamente  
riem-se silenciosamente, enquanto a minha doença  
sempre cresce e aumenta intensamente.

Ó filho, ó descendente do pai Aquiles,  
para ti eu sou este mesmo de quem talvez já ouviste falar,  
ser o dono das armas de Hércules,  
o filho de Péas, Filoctetes, a quem  
os dois generais e o chefe dos Cefalênios  
abandonaram assim vergonhosamente, solitário,  
definindo por causa de uma doença violenta neste lugar,  
desde que fui ferido por uma víbora, funesta aos homens, com uma picada violenta,  
com a qual, filho, depois de me terem abandonado aqui,  
solitário, partiram quando voltavam do mar  
de Crisa, com o exército de marinheiros.

260

270

Então, estando felizes, porque viam, após a agitação do mar,  
que eu dormia na costa numa pedra côncava.

Tendo-me abandonado, partiram, deixando-me poucos farrapos e alguma comida  
que, para um homem infeliz,  
de pouca utilidade são. Que eles tenham a mesma sorte!



σὺ δ' ἠγρίωσαι, κοῦτε σύμβουλον δέχει,  
ἐάν τε νουθετῆ τις εὐνοία λέγων,  
στυγεῖς, πολέμιον δυσμενῆ θ' ἠγούμενος.  
ὄμως δὲ λέξω· Ζῆνα δ' ὄρκιον καλῶ·  
καὶ ταῦτ' ἐπίστω καὶ γράφου φρενῶν ἔσω.  
σὺ γὰρ νοσεῖς τόδ' ἄλγος ἐκ θείας τύχης,  
Χρύσης πελασθεὶς φύλακος, ὃς τὸν ἀκαλυφῆ  
σηκὸν φυλάσσει κρύφιος οἰκουρῶν ὄφρις·  
καὶ παῦλαν ἴσθι τῆσδε μὴ ποτ' ἂν τυχεῖν  
νόσου βαρείας, ἕως ἂν αὐτὸς ἥλιος  
ταύτη μὲν αἶρη, τῆδε δ' αὖ δύνη πάλιν,  
πρὶν ἂν τὰ Τροίας πεδί' ἐκὼν αὐτὸς μόλης,  
καὶ τοῖν παρ' ἡμῖν ἐντυχὼν Ἀσκληπίδαι  
νόσου μαλαχθῆς τῆσδε, καὶ τὰ πέργαμα  
ξὺν τοῖσδε τόξοις ξύν τ' ἐμοὶ πέρσας φανῆς.  
ὡς δ' οἶδα ταῦτα τῆδ' ἔχοντ' ἐγὼ φράσω.  
ἀνήρ γὰρ ἡμῖν ἐστὶν ἐκ Τροίας ἀλούς,  
Ἔλενος ἀριστόμαντις, ὃς λέγει σαφῶς  
ὡς δεῖ γενέσθαι ταῦτα· καὶ πρὸς τοῖσδ' ἔτι  
ὡς ἔστ' ἀνάγκη τοῦ παρεστῶτος θέρους  
Τροίαν ἀλῶναι πᾶσαν· ἢ δίδωσ' ἐκὼν  
κτείνειν ἑαυτόν, ἣν τάδε ψευσθῆ λέγων.  
ταῦτ' οὖν ἐπεὶ κάτοισθα, συγχώρει θέλων.  
καλὴ γὰρ ἡ 'πίκτησις, Ἑλλήνων ἕνα  
κριθέντ' ἄριστον τοῦτο μὲν παιωνίας  
ἐς χεῖρας ἐλθεῖν, εἶτα τὴν πολύστονον  
Τροίαν ἐλόντα κλέος ὑπέρτατον λαβεῖν.

1330

1340

Tu és selvagem, também não admities um conselho,  
e se alguém te adverte falando com benevolência,  
tu odeias, considerando-o um inimigo e adversário.  
Entretanto, direi e invocarei Zeus, deus do juramento.  
Fica sabendo essas coisas e escreva-as no coração.

132

Tu sofres com essa dor de origem divina,  
por te teres aproximado da guardiã de Crisa,  
a serpente que, escondida, guarda como vigia o templo descoberto.  
E fica sabendo que nunca acharás o fim  
dessa grave doença, enquanto o mesmo sol 1330  
aqui nascer e ali se pôr novamente,  
antes de tu mesmo ires espontaneamente às planícies de Troia,  
e depois de te teres encontrado conosco os Asclepiádes,  
para te aliviarest desta doença, e as fortalezas  
destruíres, com tuas flechas e com a minha ajuda.  
Como eu sei que essas coisas acontecerão desta maneira, eu explicarei:  
há um homem conosco, prisioneiro de Troia,  
o excelente adivinho Heleno, que diz claramente  
como as coisas devem acontecer e, além disso ainda,  
que é necessário neste verão 1340  
destruir Troia inteira; ou ele se entrega espontaneamente  
para morrer, caso ele esteja mentindo nessas coisas que diz.  
Já que compreendeste essas coisas, cede de bom grado,  
pois bela é a nova aquisição: entre os Helenos,  
ser considerado o único excelente, depois de as curadoras  
mãos encontrarest, e Troia  
de muitas dores capturar a fim de alcançarest a glória mais elevada.

Neoptólemo talvez não tivesse pensado que para persuadir fosse necessário, no mínimo, que seu interlocutor tivesse disposição para ouvir os fatos no discurso. Sua argumentação tinha como finalidade levar seu ouvinte a crer em suas palavras. Entretanto, para atingir a persuasão, era preciso inserir na exposição do assunto elementos bem ordenados e concatenados de tal modo que o interlocutor os aceitasse como verdadeiros e dignos de credibilidade.

Com efeito, dizer a verdade pura e simplesmente na opinião de Odisseu era um desatino, pois a verdade seria o instrumento usado por Filoctetes para fazer exatamente o

contrário - não se reintegrar ao exército aqueu -, vingando-se desse modo dos Atridas e de Odisseu.

É pois uma questão de relacionar a persuasão com fatos verdadeiros e ações honestas, sem uma tentativa mínima de tentar ludibriar o interlocutor com um discurso com termos ambíguos, numa sequência de raciocínio lógico, mas formalizado numa elaboração discursiva enganosa. Nessa ligação de persuasão com a verdade, interessante é o comentário de Nelli (2008, p. 98) que afirma ter ἀλήθεια, “verdade”, um sentido oposto à mentira, relacionada a primeira com coisas reais e não aparentes. A estudiosa ainda analisa a formação do substantivo, dizendo que deriva do adjetivo ἀληθής e, acerca dele, dá a seguinte explicação:

O adjetivo constitui um composto do verbo λανθάνω / λήθω, precedido de um α privativo e implica o “não ocultar” ou dissimular, de onde deriva o significa verdadeiro por oposição a falso (ψευδής), enquanto “desvelamento”. O verbo λήθω significa tanto ocultar como esquecer, portanto o composto ἀληθής poderia significar também, desde certas perspectivas filosóficas, “não se esquecer”. A verdade é aquilo que não se pode ocultar nem se esquecer, e é também sinônimo do real.

Se entendermos persuadir como a arte de levar alguém a crer em alguma coisa, Neoptólemo estava tomando um caminho completamente avesso ao projetado dolosamente por Odisseu, pois o jovem se arrepende, reconhece seu erro e tenta repará-lo, falando a verdade e devolvendo o arco a Filoctetes. E a intenção de Neoptólemo era realmente proceder dessa forma, como deixa entrever a resposta do jovem à inquirição de Odisseu:

**Ὀδυσσεύς**

οὐκ ἂν φράσειας ἦντιν' αὐτὸν παλίντροπος  
κέλευθον ἔρπεις ὧδε σὺν σπουδῇ ταχύς;

**Νεοπτόλεμος**

λύσων ὅσ' ἐξήμαρτον ἐν τῷ πρὶν χρόνῳ.

**Ὀδυσσεύς**

δεινόν γε φωνεῖς· ἢ δ' ἄμαρτία τίς ἦν;

**Νεοπτόλεμος**

\* ἦν σοὶ πιθόμενος τῷ τε σύμπαντι στρατῷ

**Ὀδυσσεύς**

ἔπραξας ἔργον ποῖον ὧν οὐ σοὶ πρέπον;

**Νεοπτόλεμος**

ἀπάταισιν αἰσχροῖς ἄνδρα καὶ δόλοισι ἐλών.

**Ὀδυσσεύς**

τὸν ποῖον; ὧμοι· μῶν τι βουλεύει νέον;

**Νεοπτόλεμος**

νέον μὲν οὐδέν, τῷ δὲ Ποίαντος τόκῳ,

1230

**Ὀδυσσεύς**

τί χρῆμα δράσεις; ὧς μ' ὑπῆλθέ τις φόβος.

**Νεοπτόλεμος**

παρ' οὐπερ ἔλαβον τάδε τὰ τόξ', αὐθις πάλιν

**Ὀδυσσεύς**

ὦ Ζεῦ, τί λέξεις; οὐ τί που δοῦναι νοεῖς;

**Νεοπτόλεμος**

αἰσχρῶς γὰρ αὐτὰ κοῦ δίκη λαβὼν ἔχω.

**Odisseu**

Não poderias me dizer por qual caminho  
tu andas de volta?

**Neoptólemo**

Para reparar os erros que cometi antes.

**Odisseu**

Falas de modo estranho; e qual foi o erro?

**Neoptólemo**

Aquele de ter obedecido a ti e a todo o exército.

**Odisseu**

Que tipo de obra fizeste daquelas que não te convém?

**Neoptólemo**

Capturei um homem por meio de dolo e ardis vergonhosos.

**Odisseu**

O quê? Ai de mim! Será que decides algo novo?

**Neoptólemo**

Nada novo, mas ao filho de Péas ...

1230

**Odisseu**

Que coisa farás? Um temor me domina!

**Neoptólemo**



De quem tomei estas armas, de volta novamente ...

### **Odisseu**

Ó Zeus! O que dirás? Não pensas em devolvê-las?

### **Neoptólemo**

Detenho-as por tê-las tomado vergonhosa e injustamente.

Percebemos que Neoptólemo julga a obediência às ordens de Odisseu uma atitude desonrosa, em virtude de ter empregado meios ilícitos ou pouco nobres para tomar posse do arco de Filoctetes. Com efeito, os sintagmas ὅς ἐξήμαρτον (v. 1224), ἀπάταισιν αἰσχροῖς ... καὶ δόλος (v. 1228) e as expressões adverbiais ἀσχροῶς e οὐ δίκη (v. 1234) intensificam o sentimento de repulsa do filho de Aquiles pelo δόλος.

Até mesmo para um mestre na arte do convencimento, os mais sinceros argumentos e a mais eloquente explicação seriam totalmente descartadas por Filoctetes por reconhecer que nada de bom poderia sair de uma mente tão artificiosa como a de Odisseu, capaz de urdir as mais complexas armadilhas para vencer uma disputa. Persuadir, então, pelo menos nesse diálogo recebe uma conotação positiva ligada a um discurso verdadeiro, sem enganos.

Uma coisa que deve ser destacada nessa questão relativa à persuasão está no fato de o pretense persuadido não precisar necessariamente compreender os argumentos utilizados, mas simplesmente acreditar neles, como sustenta Reboul (2004, p. XV). Na esteira do estudioso, entendemos que muitas vezes não existem respostas para determinadas perguntas ou conhecimento suficiente para balizar um assunto de forma definitiva, mas o ouvinte tende a acreditar que essa lacuna pode ser preenchida por um conhecimento reservado aos deuses ou a seus escolhidos.

Notemos que, ao considerar o *dólos* o meio mais adequado para levar Filoctetes, Odisseu evoca a deusa Atena que o protege nas inúmeras aventuras, oferecendo sempre uma forma astuciosa de resolver os problemas que se lhe apresentam. Não devemos nos esquecer, como foi proposto no item 2.1.3, que a deusa Atena é filha de *Mêtis* e Zeus, o que a faz compartilhar características de ambos, qual seja, do poder soberano de Zeus e da esperteza insidiosa de *Mêtis*.

Nessa perspectiva, podemos entrever com muito mais clareza a necessidade de Odisseu agir utilizando a astúcia, porque a deusa que o auxilia em todos os momentos está associada a esse tipo de prática. É seguindo esse raciocínio lógico que entendemos o motivo pelo qual - no final de seu discurso de ensinamento a Neoptólemo acerca do que deve falar a Filoctetes - Odisseu roga a proteção da deusa Atena, sem se esquecer de Hermes, duas potências divinas, representantes em nossa opinião dos dois epítetos mais característicos do herói, *polýmetis* e *polýtropos*, respectivamente, como observamos nos versos 133-4:

Ἑρμῆς δ' ὁ πέμπων δόλιος ἠγήσαιο νῶν  
Νίκη τ' Ἀθάνα Πολιάς, ἧ σώζει μ' αἰεί.

Tomara que Hermes, o mensageiro Astucioso, conduza nós dois,  
bem como Atena *Níke*, protetora da cidade, que sempre me salva.

vv. 133-4

#### **4. FILOCTETES: UMA PROPOSTA DE TRADUÇÃO**

##### **Odisseu**

Esta é a costa da terra de Lemnos, cercada pelo mar,  
nunca pisada nem habitada por mortais.  
Aqui, ó filho de Aquiles, Neoptólemo - educado pelo mais valente  
pai dos helenos -, um dia  
eu abandonei o maliense, filho de Péas,  
quando recebi ordens dos meus chefes para fazer isso,  
já que ele sofria, por causa de uma doença terrível no pé,  
quando nem libações nem sacrifícios  
era-nos possível fazer tranquilamente, mas, com cruéis  
injúrias, ele sempre detinha todo exército, 10  
gritando e gemendo. Mas por que é preciso essas coisas  
dizer? De fato, para nós o momento não é de longos discursos!  
Não perceba ele que cheguei, e desfaça eu todo  
o plano com o qual penso em breve capturá-lo.  
Mas teu trabalho agora é ajudar no restante:  
observar onde há por ali tal rocha de duas entradas,  
de onde, no inverno, a dupla entrada do sol  
é possível; no verão, uma brisa leva o sono  
através da caverna de dupla entrada.  
Um pouco abaixo, à esquerda, talvez tu possas facilmente 20  
ver uma fonte de água potável se é verdade que está conservada.  
Aproximando-te, mostra-me isso em silêncio: se ele mantém  
esta terra para si ou se busca uma outra em outro lugar,  
a fim de que tu ouças o restante de minhas palavras,  
eu as explique, e as coisas comuns procedam de nós ambos.

##### **Neoptólemo**

Senhor Odisseu, falas de um trabalho não demorado!  
De fato, parece que estou vendo a caverna de que falaste.

**Odisseu**

Em cima ou embaixo? Na verdade, não a vejo!

**Neoptólemo**

Ela está em cima, e não há ruído algum de passos.

**Odisseu**

Vê se ele não se encontra dormindo.

30

**Neoptólemo**

Eu vejo uma habitação vazia, sem homens.

**Odisseu**

Não há dentro nenhum alimento que torne a caverna habitável?

**Neoptólemo**

Um monte de folhas calcadas para alguém dormir.

**Odisseu**

O resto está deserto, e não há nada sob o teto?

**Neoptólemo**

Um taça de madeira, instrumentos de um  
mau artesão e, no mesmo lugar, gravetos para fazer fogo.

**Odisseu**

Esse tesouro que tu mostras é dele.

**Neoptólemo**

Ui, ui! E queimam estes outros  
farrapos, cheios de pus nojento de alguém.

**Odisseu**

Certamente, um homem habita estes lugares,  
e não está longe, em algum lugar. De que maneira um homem,  
estando doente na perna, poderia ir longe com uma chaga antiga?  
Ou saiu em busca de um caminho para procurar alimento  
ou se conhece em algum lugar uma erva que lhe acalme a dor.  
Então, envia este homem aqui presente para uma observação,  
para que ele não caia sobre mim sem que eu perceba. De fato, ele preferiria  
agarrar mais a mim a todos os Argivos juntos.

40

### **Neoptólemo**

Ele vai, e sua pegada será vigiada.  
Tu, se desejas algo, explica-me num segundo discurso.

### **Odisseu**

Filho de Aquiles, é preciso, para o que vieste, que  
sejas nobre não apenas de corpo,  
mas, mesmo que ouças algo novo do que antes não  
escutaste, obedece já que estás presente como um subordinado.

50

### **Neoptólemo**

Então, o que ordenas?

### **Odisseu**

É preciso que tu enganes  
o espírito de Filoctetes com palavras.  
Quando ele te perguntar quem és e de onde vens,  
dize que é filho de Aquiles. Isto não deve ficar oculto!  
E que navegas para casa, depois de teres abandonado  
a frota dos Aqueus, por teres nutrido grande ódio por eles.  
Eles que, em súplicas, depois de te terem convidado a sair de casa,  
tendo eles este único meio de conquistar Ílion,  
recusaram dar-te as armas de Aquiles,  
após teres chegado, pedindo legitimamente.

60

Ao contrário, deram-nas a Odisseu, proferindo tu  
os últimos dos últimos males que desejas contra nós.  
De fato, não me afligirás com nada disso. Se não fizeres  
essas coisas, lançarás aflição a todos os Argivos.  
Na verdade, se os arcos não lhe forem retirados,  
não te será possível destruir a terra de Dárdano.  
Sabe que não me é possível, mas para ti uma convivência  
fiel e segura é possível com ele.

70

Tu não navegaste comprometido por juramento a ninguém,  
nem por coação, nem eras da primeira expedição.  
Nada disso pode ser negado por mim,  
de sorte que, se ele que possui as armas me percebe,  
estou perdido e te farei perecer por estar contigo.  
Por isso, é preciso que sejas astucioso nisso mesmo,  
para te tornares ladrão das armas invencíveis.

Eu sei também que não é de tua natureza  
dizer essas coisas nem maquinar o mal.

80

Entretanto, é doce para ti tomar posse da vitória.  
Sê audaz: mais tarde, pareceremos justos.  
Mas agora, durante uma breve parte indecorosa do dia,  
entrega-te a mim e, durante o tempo restante,  
considera-te o mais piedoso de todos os mortais.

### **Neoptólemo**

Eu, filho de Laertes, sofro por ouvir as palavras que  
também detesto praticar!

De fato, eu não tenho a natureza de praticar nenhum artifício vil  
nem eu mesmo, nem, como dizem, aquele que me gerou.

Mas eu estou pronto para levar este homem à força  
e não pela astúcia. Com um pé somente  
não vencerá à força tantos de nós.

90

Tendo sido enviado por ti como ajudante, eu temo  
ser chamado traidor. Eu prefiro, senhor,

errar agindo de modo nobre a vencer desonestamente.

**Odisseu**

Ó filho de nobre pai, eu mesmo, quando era jovem,  
tinha a língua preguiçosa, mas a mão ativa.

Agora, ao chegar a uma prova, eu vejo que entre os mortais  
a língua, não as ações, tudo domina!

**Neoptólemo**

Então, o que me ordenas senão dizer mentiras?

100

**Odisseu**

Eu te ordeno que captures Filoctetes pela astúcia.

**Neoptólemo**

Por que é preciso levá-lo pela astúcia a persuadi-lo?

**Odisseu**

Não é possível que ele seja persuadido; e pela força tu não podes capturá-lo.

**Neoptólemo**

Assim, ele tem uma extraordinária confiança em sua força?

**Odisseu**

Ele tem flechas infalíveis que levam à morte.

**Neoptólemo**

Será que não é arriscado aproximar-se dele?

**Odisseu**

Não. A não ser agarrando pela astúcia, como eu digo.

**Neoptólemo**

Não julgas vergonhoso dizer mentiras?

143

**Odisseu**

Não, se a mentira traz a salvação.

**Neoptólemo**

Então, observando essas coisas, como alguém ousará proclamá-las em voz alta?

110

**Odisseu**

Quando fazes algo para lucro, não convém hesitar.

**Neoptólemo**

Para mim qual é a vantagem que ele vá para Troia?

**Odisseu**

Somente este arco conquista Troia.

**Neoptólemo**

Será que o destruidor, como dizíeis, não sou eu?

**Odisseu**

Tu não podes sem o arco, nem o arco sem ti.

**Neoptólemo**

Deve-se, então, caçá-lo se é que é assim.

**Odisseu**

Se fizeres isso, obterás dois prêmios.

**Neoptólemo**

Devo fazer? Se soubesse, eu não me negaria a fazer isto.

**Odisseu**

Tu mesmo serias chamado de sábio e corajoso ao mesmo tempo.



**Neoptólemo**

Assim seja! Eu o farei, perdendo toda a vergonha!

120

**Odisseu**

Será que te lembras então do que te aconselhei?

**Neoptólemo**

Sabe tu, perfeitamente, já que, de vez por todas, concordei.

**Odisseu**

Então, permanecendo aqui tu o recebes.

Eu vou embora para não ser reconhecido, estando eu junto de ti;

enviarei o vigia de volta para a nau;

e para cá, se me parecer que vós perdeis muito tempo

outra vez enviarei esse mesmo homem disfarçado como capitão,

enganando na aparência, a fim de não ser reconhecido.

Então, filho, quando ele falar arditosamente,

recebe as coisas úteis das palavras.

Eu irei para a nau, depois de confiar estas coisas.

Tomara que Hermes, o mensageiro Astucioso, conduza nós dois,

bem como Atena *Nike*, protetora da cidade, que sempre me salva.

130

**Coro**

O que é preciso, o que é preciso, senhor, que eu, estrangeiro em terra estrangeira,

esconda, ou o que é preciso que eu diga a um homem desconfiado?

Dize-me!

De fato, uma arte e um pensamento

superam outras artes por quem

o cetro divino de Zeus é conduzido

a ti, ó filho, veio

todo este poder primitivo. Dize-me

no que devo te ajudar.

140

145

**Neoptólemo**

Agora, talvez,  
tu queiras ver o lugar nos extremos em que ele jaz!  
Olha, com coragem! Mas quando vier  
o terrível viajante, fora da caverna,  
aproximando-te de minha mão sempre,  
tenta ajudar-me no momento oportuno.

**Coro**

Chefe, estás me falando sobre o que tu tens cuidado desde antes:

150

manter o olho no momento mais oportuno para ti.

Agora,

dize-me em qual morada o habitante

mora e se domina algum lugar.

Saber isso para mim não é inapropriado,

para que ele não me pegue em algum lugar, se resolver me atacar.

Qual lugar ou qual assento, ele tem alguma pegada

dentro ou fora da caverna?

**Neoptólemo**

Vês esta casa de dupla entrada

com leito rochoso.

160

**Coro**

Para onde foi este infeliz?

**Neoptólemo**

É evidente para mim que por necessidade de alimento

ele deixa essa pegada em qualquer lugar inclusive por perto.

A informação é que ele mantém este

modo de vida: ele caça

com flechas voadoras, horrível, horrivelmente;

e nenhum  
curandeiro de males aproxima-se dele.

### **Coro**

Eu tenho compaixão dele, porque  
ninguém entre os mortais se preocupa (com ele) 170  
nem tem um olhar companheiro;  
Ó infeliz, sempre só  
sofre de uma doença selvagem.

Ele fica agitado com qualquer coisa  
que se coloque de pé, por necessidade. Como, como  
este desgraçado resiste?

Ó trabalho dos deuses,  
ó raça infeliz de mortais,  
para os quais não há vida moderada.

Este talvez não seja inferior 180  
a nenhuma dessas nobres casas,  
privado de todas as coisas na vida,  
encontra-se só, longe de todos,  
na companhia de feras malhadas ou  
peludas, em razão das dores e ao mesmo tempo  
da fome, este miserável sofre,  
pois tem terríveis aflições.

Este tagarela lamentavelmente  
seu eco perceptível de longe derrama  
gemidos penetrantes. 190

### **Neoptólemo**

Para mim nenhuma dessas coisas (ditas agora) é assombrosa.  
Divinas, se eu também penso algo,  
são estas aflições que contra ele  
da cruel Crisa vieram,  
como também estas que ele padece agora sem cuidados de ninguém.

Não há como não ser por obra de algum dos deuses,  
para que antes contra Troia este  
não estenda as invencíveis flechas dos deuses  
antes que este tempo chegue no qual se diz  
ser preciso que ela (a cidade) seja dominada por elas (flechas).

200

**Coro**

Contém a boca, filho (Silêncio, filho!)

**Neoptólemo**

O que é isto?

**Coro**

Um ruído surgiu  
(que é) familiar, quando um homem está sofrendo.  
Neste aqui ou naquele lugar.  
Machuca, machuca-me (este) real  
som de alguém que por necessidade uma pegada  
deixa, lentamente. Não me escapa  
ao longe (esta) voz profunda  
(e também) dolorosa. De fato, (a voz) distante lamenta.

**Coro**

Mas contém, filho!

**Neoptólemo**

Dize (-me), o quê.

**Coro**

Novas preocupações;  
porque não está fora da caverna, mas o homem se encontra dentro,  
não tendo o canto da flauta,  
como um pastor campesino,

210

mas, ou por estar caído em algum lugar por necessidade  
exprime uma voz que se percebe ao longe,  
ou por ver com barcos um porto  
inóspito, pois grita desoladamente.

### **Filoctetes**

Ai, estrangeiros!

Quem sois vós que chegastes de navio com remo

220

a esta terra sem bom porto e inabitada?

De qual pátria ou raça eu arriscaria dizer

que vós sois? A aparência da roupa é

a da Hélade, (o lugar) mais amado para mim.

Eu desejo ouvir vossa voz. E, por dúvida,

não vos assusteis, temendo-me, por causa da minha aparência selvagem,

mas compadecendo-me de um homem infeliz, solitário,

vazio, (e também) sem amigos, que (vos) chama,

respondei(-me), se como amigos viestes.

Vamos, falai(-me)! Não convém que eu

230

vos prive disso nem vós a mim.

### **Neoptólemo**

Tudo bem, ó estrangeiro! Sabe isto primeiro:

Nós somos gregos. Tu, certamente, queres saber isto.

### **Filoctetes**

Ó som amabilíssimo. Ah, como é bom ouvir

a voz de tal homem depois de tanto tempo!

Quem, ó filho, te orientou (até aqui), qual necessidade

te conduziu? Quem te impeliu? Qual dos ventos o mais querido?

Diga-me tudo isso para que eu saiba quem és.

### **Neoptólemo**

Eu sou natural de Ciro, (terra) banhada por todos

as partes. Eu navego para casa. Eu me chamo  
Neoptólemo, filho de Aquiles. Sabes agora de tudo.

240

**Filoctetes**

Ó filho, de pai muito querido, ó filho de terra querida (amada),  
ó cria, do velho Licomedes; com qual  
exército te aproximaste desta terra? De onde navegas?

**Neoptólemo**

Eu neste momento navego (venho) de Troia até ti.

**Filoctetes**

Como disseste? (Mas) Tu não eras marinheiro  
comigo desde o princípio da expedição contra Troia.

**Neoptólemo**

Porventura, tu também participaste deste trabalho (missão)?

**Filoctetes**

Ó filho, não conheces este que estás vendo?

**Neoptólemo**

Como reconhecer alguém que nunca vi?

250

**Filoctetes**

Nem (ao menos) o nome nem a notícia dos meus males,  
pelos quais eu tinha sido arruinado, tu nunca escutaste?

**Neoptólemo**

Entende que nada sei do que me perguntas.

**Filoctetes**

Ó como eu sou um infeliz, ó como sou odiado pelos deuses!

Mesmo estando assim, nenhuma notícia a minha casa chegou,  
nem a qualquer lugar da Hélade.

Mas os que me rejeitaram criminosamente  
riem-se silenciosamente, enquanto a minha doença  
sempre cresce e aumenta intensamente.

Ó filho, ó descendente do pai Aquiles, 260

para ti eu sou este mesmo de quem talvez já ouviste falar,  
ser o dono das armas de Héracles,  
o filho de Péas, Filoctetes, a quem  
os dois generais e o chefe dos Cefalênios  
abandonaram assim vergonhosamente, solitário,  
definindo por causa de uma doença violenta neste lugar,  
desde que fui ferido por uma víbora, funesta aos homens, com uma picada violenta,  
com a qual, filho, depois de me terem abandonado aqui,  
solitário, partiram quando voltavam do mar  
de Crisa, com o exército de marinheiros. 270

Então, estando felizes, porque viam, após a agitação do mar,  
que eu dormia na costa numa pedra côncava.

Tendo-me abandonado, partiram, deixando-me poucos farrapos e alguma comida  
que, para um homem infeliz,

de pouca utilidade são. Que eles tenham a mesma sorte!

Tu, filho, como achas que fiquei acordado,  
quando eles partiram, depois que eu despertei do sono?

Quantas lágrimas derramei, quantos males chorei?

Quando eu vi que os barcos, nos quais naveguei, 280

todos tinham partido, (e) nenhum homem no local,  
ninguém poderia ajudar, por causa da minha doença,  
nem quando cansado, prestar socorro. Observando tudo,  
eu não encontrei nada exceto um presente sofrer.

Havia grande quantidade disso, ó filho!

Para mim o tempo passava diariamente  
e era necessário, sozinho, sob esta pequena cobertura,  
procurar algo. As coisas apropriadas ao estômago

este arco encontrava, pombas  
aladas, atingindo. Depois disso, o que pudesse abater,  
a flecha esticada, eu mesmo desgraçado 290  
arrastava-me, rastejando o meu desvalido pé.

Se era preciso buscar alguma bebida,  
- embora, no inverno, a neve tivesse se espalhado por toda parte -  
ou cortar algum tronco, arrastando-me, infeliz, isso  
fazia. Depois, se não houvesse fogo,  
roçando uma pedra nas outras, com dificuldade,  
o fogo invisível aparecia que também me salvava sempre.

De fato, uma cobertura habitada com fogo  
tudo tinha, exceto o fato de eu estar doente.

Vamos, filho! (Eu quero que) conheças agora esta ilha. 300  
Nenhum marinheiro voluntariamente se aproxima dela.

Não há nenhum porto nem para onde navegar,  
para ganhar lucro no exterior ou hospedar-se.

Não há aqui navios para eles, para os que são sensatos entre os mortais.

Rapidamente, alguém forçado esteve aqui. Isso tudo  
aconteceu, durante a vida dos homens.

Estes, filho, quando chegavam, com palavras  
se compadeciam de mim; e em alguma parte um pouco de alimento  
me davam, tendo compaixão ou alguma roupa.

Ninguém quer, quando peço, 310  
me levar para casa, mas infeliz eu pereço

já estes dez anos com fome e também  
com males, nutrindo esta voraz doença.

Estas coisas os Atridas e a força de Odisseu  
me fizeram, ó filho. Tomara que os deuses olímpicos  
lhes deem a retribuição do meu sofrer.

### **Coro**

E eu igualmente sou semelhante aos estrangeiros



que chegaram, para ter compaixão de ti, filho de Poiante.

**Neoptólemo**

E eu mesmo sou testemunha destas palavras,  
porque eu sei que são verdadeiras, desde que conheci  
os perversos homens Atridas e a força de Odisseu.

320

**Filoctetes**

Tu também tens alguma acusação contra  
os perigosos Atridas, porque sofreu até te irritares?

**Neoptólemo**

Tomara que minha ira encha a mão alguma vez  
para que Micenas e Esparta saibam que  
Ciro também é mãe de homens valorosos.

**Filoctetes**

(Tudo) bem, filho. Mas por qual motivo a (este) grande  
ódio contra eles chegaste a ponto de acusá(-los)?

**Neoptólemo**

Ó filho de Péas, eu explicarei, mas falarei com dificuldade,  
a que injúrias fui submetido por eles quando cheguei.  
De fato, logo depois o destino levou Aquiles à morte.

330

**Filoctetes**

Ai de mim! Não me contes mais nada, antes de eu saber  
primeiramente isto: o filho de Peleu realmente morreu?

**Neoptólemo**

Está morto, não por homem algum, mas por um deus,  
Como dizem, ferido por uma flecha, vencido por Febo.

**Filoctetes**

Mas, meu nobre, quem matou e quem morreu?

Eu estou em dúvida, filho, se sobre a tua  
aflição pergunto primeiramente ou se devo lamentar por ele.

**Neoptólemo**

Penso, ó infeliz, que (já) te são suficientes as tuas  
aflições, para lamentares (as aflições) dos outros.

340

**Filoctetes**

Falaste corretamente. Por isso, diga-me  
de novo acerca da ação com a qual te afrontaram.

**Neoptólemo****Neoptólemo**

Vieram até mim, usando uma nau colorida,  
o divino Odisseu e o preceptor de meu pai (Fênix)  
dizendo, ou de modo verdadeiro ou realmente enganoso,  
que não seria permitido, depois que meu pai  
tinha morrido, que nenhum outro tomasse as fortalezas, exceto eu.

Falando essas coisas desta maneira, ó estrangeiro, não  
me fizeram esperar por muito tempo, para que eu embarcasse rapidamente,  
principalmente por causa de meu amor ao morto,

350

a fim de que pudesse vê-lo insepulto, pois eu não o conhecia!

Certamente, havia depois também o belo discurso,  
de que, se eu fosse para Troia, destruiria a cidadela.

E eu tinha navegado já havia dois dias,  
e no odioso Sigeu com vento favorável  
eu aportei; imediatamente, quando desembarquei, todo o exército ao meu redor  
me cumprimentava, jurando ver  
de novo Aquiles, que já não estava vivo.

Ele realmente estava morto. Eu, desgraçado,  
após chorar sobre ele, não por muito tempo,

360

tendo ido aos Atridas, amigavelmente, como era conveniente,  
pedi as armas de meu pai e outras coisas que havia.

Eles proferiram - ai de mim! – um discurso muito audacioso:

“Ó semente de Aquiles, é possível a ti tomar todos os outros bens  
do teu pai, mas daquelas armas um outro  
homem tem a posse, o filho de Laertes.

E eu, depois de chorar, imediatamente levantei  
com ira intolerável, e, sentindo dores, digo:

“Ó desgraçado, tiveste coragem de dar a um outro em vez de mim  
as minhas armas, antes de me ouvirdes?”

370

E Odisseu disse, pois se encontrava perto:

“Sim, rapaz, eles as entregaram para mim com justiça;  
de fato, eu as salvei e também a ele, Aquiles, porque eu estava presente”.

E eu, irado, imediatamente o agredi com todas as ofensas,  
não deixando nada incompleto,  
se ele podia me tirar as armas.

E ele, ao chegar aqui, embora não seja irascível,  
incomodado com o que ouviu, retrucou assim:

“Não estavas onde nós estávamos, mas estavas longe onde não te era preciso,

E com elas, já que também falas com arrogância,  
jamais navegarás para Cirois”.

380

Depois de ter ouvido tais ofensas e tendo sido injuriado,  
naveguei para casa, pois fui destituído de minhas armas  
pelo mais vil, nascido dos vis, Odisseu.

E não o acuso como acuso os que estão poder:

toda cidade pertence aos que governam

e também todo exército, os desordeiros entre os mortais,  
por causa das palavras de seus mestres, se tornam maus.

Todo discurso foi dito: quem odeia os Atridas

para mim e semelhantemente para os deuses é um amigo.

390

**Coro**

Terra montanhosa, que alimenta todos os homens,  
mãe do próprio Zeus,  
que o grande Pactolo cheio de ouro partilhas,  
a ti, lá também, mãe soberana, invocava,  
quando contra este  
toda a ira dos Atridas se dirigia,  
quando as armas de meu pai confiavam,  
ó bem-aventurada,  
cheia de leões tauricidas, ao Laertida,  
uma fama (sobremodo) excelente.

400

### **Filoctetes**

Tendo, como parece, um sinal visível  
de dor semelhante a nossa, ó estrangeiros, navegastes,  
e compartilham (nisso) comigo, de tal modo a reconhecer que  
estas obras provém dos Atridas e também de Odisseu.  
Eu reconheço que ele todo um discurso mentiroso,  
com a língua, realizaria e também um engano do qual  
nada justo até o final ele poderia fazer.

Mas nada disso me surpreende, ainda que, estando presente,  
Ájax, o mais valente, aguentasse ouvir essas coisas.

410

### **Neoptólemo**

Não estava mais vivo, ó estrangeiro. Porém, se ele estivesse  
vivo, eu não seria espoliado dessas coisas.

### **Filoctetes**

O que disseste? Então com certeza este se foi, pois morreu?

### **Neoptólemo**

Eu sei que ele não mais está sob a luz.

### **Filoctetes**

Ai de mim! Sou infeliz! Mas nem o filho de Tideu  
nem o filho de Sísifo, vendido a Laertes  
morreram. Não era necessário que eles vivessem.

**Neoptólemo**

Certamente não, saiba disso! Entretanto, crescendo  
muito estão agora no exército dos Argivos.

420

**Filoctetes**

O quê? E o meu velho e nobre amigo  
Nestor de Pilos vive? Porque ele evitava  
as coisas ruins deles, decidindo sabiamente.

**Neoptólemo**

Este agora passa mal, depois que morreu  
Antíloco (que se foi), que era seu filho.

**Filoctetes**

Ai de mim! Falaste de novo sobre esses dois homens que eu  
queria ouvir que estivessem ao menos mortos.  
Ai, ai! O que então é preciso ver, quando estes  
morreram, mas de novo Odisseu vive lá. (Quando)  
era preciso dizer que em lugar deles ele está morto?

**Neoptólemo**

Ele era um hábil lutador, mas também os sábios  
pensamentos, Filoctetes, frequentemente causam confusão.

430

**Filoctetes**

Ai! Dize, pelo amor dos deuses, onde para ti estava lá  
Pátroclo que era uma das coisas mais amadas de teu pai?

**Neoptólemo**

Ele também estava morto. Com um breve discurso eu te explicarei isso. A guerra, naturalmente, não escolhe nenhum homem covarde, mas sempre os nobres.

**Filoctetes**

Concordo contigo! E sobre isso mesmo eu perguntarei, por causa de um homem indigno, terrível e hábil com a língua: O que ele busca agora?

440

**Neoptólemo**

Sobre quem perguntas senão este Odisseu.

**Filoctetes**

Eu não disse isso, mas não havia algum Tersites, que não escolhia falar uma vez só, embora ninguém deixasse. Sabes isso: se ele se encontra vivo.

**Neoptólemo**

Não o vi, mas acho que ele ainda está vivo.

**Filoctetes**

Está certo! Enquanto nenhum (homem) mau pereceu, os deuses bem protegem-nos e de alguma maneira aos malvados e astutos eles alegram-se em tirar do Hades, mas os justos e nobres sempre perecem.

450

Como é preciso considerar essas coisas, como aprovar, quando eu acho que as outras divindades aprovam os maus deuses?

**Neoptólemo**

Eu, ó nascido do pai Eteu, no futuro, ainda de longe, Ílion e os Atridas aguardo ver.

Onde por violência o pior é melhor que o bom  
e destrói as coisas  
nobres e o covarde domina.  
Eu jamais amarei tais homens!  
Entretanto, a rochosa Ciro será suficiente  
no futuro, de modo que eu me alegrarei em casa. 460  
Agora eu vou para o barco. E a ti, filho de Poiante,  
adeus! Sinceramente, adeus! E que os deuses  
curem-te da tua doença, como tu mesmo desejas.  
Nós já vamos! Tomara que um deus  
conceda-nos uma (boa) viagem. Neste momento estamos saindo.

**Filoctetes**

Filho, já estás preparado?

**Neoptólemo**

O momento exige  
observar a navegação não de longe, mas de mais perto.

**Filoctetes**

Agora, por amor de teu pai ou de tua mãe, ó filho,  
ou se há para ti alguma coisa mais amada em tua casa,  
como suplicante, eu te suplico: não me deixes assim sozinho, 470  
abandonado com estes males que vês  
e que ouves habitando em mim.  
Entretanto, como coisa supérflua leva-me. Há muito  
nojo deste tipo de carga, eu sei.  
Mas suporta! Para os nobres e para ti  
a vergonha é odiosa e a honra gloriosa.  
Para ti não é belo a injúria, se deixares isso,  
mas tendo feito, ó filho, a recompensa da glória é muito grande,  
se eu voltar vivo para a terra de Eta.  
Vai! Não é trabalho de um dia inteiro. 480

Ousa! Deixa-me onde quiseres, mas conduza-me até o porão ou até a proa ou até mesmo a popa, onde eu não vou fazer sofrer seus companheiros.

Aceita, ó filho! Pelo amor do próprio Zeus Suplicante, Convence-te. Eu me prostro na altura dos teus joelhos, embora eu seja impotente, miserável e coxo. Não me abandones solitário deste modo longe do rastro de seres humanos, mas salva-me, conduzindo-me para tua casa ou para as portas de Calcodonte da Eubéia.

E dali para o Eta a vigem não será longa para mim 490  
ou para a encosta Traquínia ou até a próspera  
Espérquio. Apresenta-me assim ao pai amado  
que eu receio depois de tanto tempo  
que ele tenha partido. Frequentemente, aos que chegavam,  
enviando as preces súplices  
para levar-me para casa, navegando no mesmo barco.

Mas ou morreu ou são coisas de criados, eu penso; a minha parte consideraram sem importância e apressaram a viagem para casa.

Agora, a ti como guia e até mesmo mensageiro 500  
eu venho. Tu, salva-me, tem compaixão de mim, por veres  
que tudo é perigosamente terrível aos mortais,  
(pois) é possível viver bem, mas também é possível viver o oposto.  
Convém observar as coisas ruins (mesmo), estando longe dos sofrimentos,  
e quando alguém vive bem, deve principalmente neste momento,  
observar a vida, para não se esquecer, sendo destruído (por isso).

### **Coro**

Tem compaixão, senhor. De muitos  
trabalhos insuportáveis ele falou  
sobre os sofrimentos. Tomara que nenhum de meus amigos encontre!

Senhor, se odeias os cruéis Atridas, eu o mal deles 510  
em lucro para este  
mudaria e para onde deseje



com o rápido navio bem equipado  
(o) levaria para casa, dos deuses  
a ira fugindo.

### **Neoptólemo**

Olha tu agora: não seja alguém negligente,  
quando te impacientares por causa da existência da doença,  
não sendo o mesmo com estas palavras.

520

### **Coro**

É impossível! Jamais contra mim terás  
essa reprovação para me insultares com razão.

### **Neoptólemo**

De fato é vergonhoso para mim mostrar-me menos disposto do que tu  
ao estrangeiro, em momento oportuno, para trabalhar.  
Mas se ele está de acordo, embarquemos! Prepara-se rapidamente,  
pois o navio o levará e não o deixará.  
Tomara que apenas os deuses nos salvem desta terra,  
para onde queremos navegar.

### **Filoctetes**

Ó dia mais querido! Ó homem mais doce!  
Marinheiros amigos de que maneira eu poderia ser conhecido  
por vós com atos como fizeste de mim um amigo?  
Vamos, ó filho, depois de nós dois termos saudado o interior  
da inabitável moradia, para que também saibas de  
mim de que coisas eu sobrevivi e como eu sou forte de coração.  
Eu acredito que com os olhos nenhum outro viu este espetáculo  
único; somente eu suportaria estas coisas.  
Eu, por necessidade, aprendi a suportar estes males.

530

### **Coro**

Esperai, prestemos atenção! Dois homens  
um é marinheiro do teu navio o outro é estrangeiro. 540  
Os dois estão vindo! Entrai depois de escutar suas palavras!

### **Mercador**

Filho de Aquiles, a este companheiro de viagem,  
que era vigia do teu barco com outros dois,  
eu pedi que me dissessem onde tu poderias estar, para eu te encontrar,  
já que (te) encontrei, mesmo não acreditando,  
(pois foi) sem querer que de alguma maneira eu ancorei nesta terra.  
(Foi) navegando como piloto de barco, com frota não muito grande,  
de Ílion para casa na Peparetos de belos cachos  
de uva, quando ouvi pelos marinheiros que 550  
todos estavam navegando contigo.  
Pareceu-me por bem, antes de falar contigo, em silêncio  
não seguir a navegação, pois encontraste as mesmas condições.  
Talvez tu não saibas nada acerca de ti mesmo,  
quais são as novas decisões sobre ti  
(feitas) pelos Argivos e (que) não são somente decisões,  
mas ações realizáveis, jamais planos (impossíveis).

### **Neoptólemo**

Mas a gentileza de teus cuidados, ó estrangeiro,  
se não sou mal por natureza, permanece amável.  
Explica o que tu disseste para que eu saiba  
esta mais nova decisão dos Argivos sobre mim que tu tens. 560

### **Mercador**

Eles estão a caminho, perseguindo-te com frota (marítima),  
Fênix, o velho, e aqueles que são filhos de Teseu.

### **Neoptólemo**

Para me levarem de novo pela força ou pelas palavras?

**Mercador**

Não sei. Após ouvir isso, eu me apresento a ti como mensageiro.

**Neoptólemo**

É verdade que Fênix e seus companheiros de navio  
fizeram essas coisas assim com desejo, para alegria dos Atridas.

**Mercador**

Fica sabendo que essas coisas estão em execução e não apenas no planejamento.

**Neoptólemo**

Por que Odisseu não foi o real mensageiro destas coisas  
a navegar? Ou algum medo impede-o?

**Mercador**

Ele e o filho de Tideu contra outro homem  
se preparavam, quando eu parti.

570

**Neoptólemo**

Contra qual pessoa o próprio Odisseu navegava?

**Mercador**

Ele era...vamos diga-me primeiramente isto:  
Quem ele é? Se podes dizer, não fales alto.

**Neoptólemo**

Este diante de ti é o glorioso Filoctetes, ó estrangeiro.

**Mercador**

Não me perguntes mais coisas, pois muito rapidamente  
navega contra ti, aproximando desta terra.

**Filoctetes**

O que diz, filho? Por que às escondidas com palavras o marinheiro me negocia contigo?

**Neoptólemo**

Não entendi ainda o que diz. É preciso que ele diga claramente o que dirá a ti, a mim e a esses.

580

**Mercador**

Ó semente de Aquiles, não me rejeites porque o exército diz que não é preciso. Por causa de minhas ações, eu recebi em troca muitas coisas boas como homem pobre.

**Neoptólemo**

Para os Atridas eu sou um inimigo. Este aqui para mim é meu melhor amigo, porque odeia os Atridas. É preciso que tu que vens a mim como amigo, não escondas de nós nenhuma das palavras que ouviste.

**Mercador**

Vê o que fazes, filho.

**Neoptólemo**

Eu também observo a muito tempo.

**Mercador**

Eu direi que tu és a causa dessas coisas.

**Neoptólemo**

De quem falas.

590

**Mercador**

164

Eu digo. Contra ele estes dois homens sobre os quais ouviste,  
o filho de Tideu e a força de Odisseu  
que estão ligados por juramento, navegam para  
levá-lo, persuadindo com discurso ou poder de força.  
E estas coisas todos os aqueus ouviram nitidamente,  
quando Odisseu disse. Ele mais  
coragem tinha do que qualquer outro para fazer essas coisas.

### **Neoptólemo**

Por que os Atridas depois de muito tempo  
estão a favor desta ação  
que eles já tinham há muito tempo rejeitado?  
Qual desejo os tomou ou foi a força e  
a justiça dos deuses que afastam as ações ruins?

600

### **Mercador**

Aquilo que talvez não ouviste eu te  
explicarei tudo isso. Havia um nobre adivinho,  
filho de Príamo, (cujo) nome era  
Heleno, o qual, vindo sozinho de noite, Odisseu astucioso,  
de quem se ouve muitas coisas vergonhosas e palavras ofensivas,  
capturou, levando(-o) preso,  
e mostrou-o diante dos Aqueus como uma presa.  
Ele profetizou-lhes muitas outras coisas  
e também que a cidadela de Troia jamais  
destruiriam; se não convencerem este aqui pelo discurso,  
não o levariam desta ilha na qual habita agora.  
E quando o filho de Laertes ouviu o que  
o adivinho disse, imediatamente ele se apresentou  
para levar este homem aos aqueus e mostrá-lo.  
Acreditava de fato que poderia levá-lo com seu consentimento,  
mas se não quisesse, levaria (até mesmo) contra sua vontade! E a sua cabeça  
daria para cortar a quem quisesse, caso não conseguisse.

610

Ouviste, filho, estas coisas; que se apressarem a ti  
e a ele eu aconselho, caso te inquietas por alguém.

620

**Filoctetes**

Ai de mim. Certamente, ele o dano total  
jurou que me convenceria a me apresentar aos Aqueus?  
Eu serei convencido, depois de morrer, do Hades  
para a luz regressar, como o pai dele.

**Mercador**

Eu não sei disso. Mas eu vou para  
o barco; tomara que um deus traga coisas melhores a ambos.

**Filoctetes**

Isso é terrível, filho! Será que o filho de Laertes  
com palavras agradáveis espera me  
apresentar, após conduzir-me por navio, no meio dos Argivos?  
Não. Para mim seria muitíssimo melhor a mais odiosa  
serpente ouvir, aquela que me deixou assim sem pé.  
Mas tudo (que) é dito por ele tudo é  
ousado. E agora eu sei o motivo pelo qual ele virá.  
Vamos, ó filho, partamos para que o vasto  
mar nos separe do barco de Odisseu.  
Vamos! A pressa oportuna, quando o trabalho  
cessa, traz o sono e o descanso.

630

**Neoptólemo**

De fato, quando o vento vir da proa,  
partiremos. Agora ele está contrário.

640

**Filoctetes**

A navegação é sempre boa, quando foges das coisas ruins.

**Neoptólemo**

Não! Mas também para eles isso é adverso.

**Filoctetes**

Não há vento que se oponha aos ladrões,  
quando vêm roubar e tomar pela força.

**Neoptólemo**

Vamos! Se isso te convém, partamos, pegando no interior  
o que é necessário e mais desejoso.

**Filoctetes**

Há várias coisas. É preciso no entanto pegar algumas, embora não precise pegar muitas.

**Neoptólemo**

O que está no interior e que não está no meu barco?

**Filoctetes**

Há comigo uma folha (erva) com que sempre  
eu cuido desta ferida, de modo que diminua bastante.

650

**Neoptólemo**

Leva isto então. Que outras coisas ainda desejas levar?

**Filoctetes**

Se por ter me descuidado algumas dessas flechas  
caiu (eu quero levar), a fim de que não a deixe para ninguém levar.

**Neoptólemo**

Estas são as gloriosas flechas que agora tens?

**Filoctetes**

São estas e não outras que carrego nas (duas) mãos.

**Neoptólemo**

É possível que eu as veja de perto,  
as segure e as adore como um deus?

### **Filoctetes**

Para ti, ó filho, não só isto, mas também outra coisa das minhas entre meus bens  
que sejam úteis a ti.

### **Neoptóllemo**

Eu quero certamente. Tenho entretanto o seguinte desejo.  
Se houver permissão, eu desejaria, senão deixa.

660

### **Filoctetes**

Tu dizes coisas sagradas, ó filho, e é permitido a ti.  
Esta luz do sol  
somente tu concedeste-me ver, além de ver também a terra etéia,  
meu velho pai e amigos. Também dos meus  
inimigos tu me salvaste, quando estava sob o domínio deles.  
Força! É permitido a ti tocá-las,  
para devolveres depois a quem te deu e gloriar-te por ter sido  
o único entre os mortais, por causa da sua excelência (a tocar).  
Também por fazer o bem eu mesmo as conquistei.

670

### **Neoptóllemo**

Eu não me preocupo de te ver e de te fazer meu amigo.  
Quem sabe fazer o bem, quando recebe um bem,  
pode tornasse mais amigo do que qualquer outra riqueza.  
Pode entrar!

### **Filoctetes**

Eu também te conduzirei para dentro.  
A doença exige que te tomes como meu suporte.

### **Coro**



Eu ouvi essa história, porém jamais vi,  
que quem se aproximou do leito de Zeus  
numa roda ágil  
preso, como o lançou o todo poderoso filho de Cronos.  
Nenhum outro eu não conheço nem por ter ouvido nem por ter visto  
que tenha sorte mais odiosa do que ele entre os mortais,  
que nada fez nem planejou contra alguém,  
mas homem justo com os justos  
pereça tão indignamente.

680

Eu tenho esta surpresa: como  
então como então ondas que batem ao redor  
barulhentas, ouvindo sozinho como tão dolorosa  
vida suportou.

690

Ali ele estava solitário, não podendo andar!  
Entre seus concidadãos não havia nenhum companheiro de males  
junto a quem com um gemido agonizante  
pudesse chorar (a ferida) ensanguentada que devora cruelmente  
nem quem ao escorrer o fluxo de sangue quantíssimo das feridas  
do pé selvagem, com folhas que atenuam a dor  
pudesse tratar, se algo surgisse,  
tendo tirado da terra fecunda,  
caso a doença atacasse.

700

Arrastava-se de um lado para o outro,  
rastejando-se,  
como uma criança sem sua ama querida,  
para onde houvesse facilidade  
de alimento, quando atenuava  
a doença que destrói a alma.  
Nem a semente de alimento da terra sagrada, (e) nem outros (alimentos)  
que pegamos, não comíamos, ó homens que comem pão,  
exceto se, alguma vez, pelas armas que lançam  
setas aladas, conseguisse alimento para a boca.

710

Ó triste vida,

Ele (já) não se alegra com um copo cheio de vinho há dez anos,  
(mas) se conhecesse algum lugar, após explorar, de água parada  
sempre se aproximava.

Agora, depois de achar o filho de homens nobres,  
feliz serás e importante, por causa dessas coisas;  
ele, por uma viga que atravessa o mar, por muitos  
meses, o conduz até a casa paterna

das ninfas Malíades

às margens de Esperquio,

onde o homem de escudo de bronze

de todos os deuses se aproximou, reluzente como o fogo divino,  
em cima dos montes do Eta.

720

### **Neoptólemo**

Vá (arrasta-te), se desejas. Por que assim, por causa de nenhuma  
palavra, tu não te calas e ficas assim espantado?

730

### **Filoctetes**

Ah, ah, ah, aha!

### **Neoptólemo**

O que é?

### **Filoctetes**

Nada grave! Vamos! Avança, ó filho!

### **Neoptólemo**

Por acaso tu suportas a dor da doença que te subjuga?

### **Filoctetes**

Eu certamente não, porque penso que isso passa.

Ai deuses!

**Neoptólemo**

Por que chamas os deuses assim gemendo?

**Filoctetes**

Para que eles sejam para mim salvadores e benfeitores.

Ai, Ai, ai, ai!

**Neoptólemo**

Por que então estás sofrendo? Não dirás, mas ficarás assim calado? Parecendo que estás com algum mal.

740

**Filoctetes**

Eu pereço ó filho e o mal não posso

esconder de vós. Atravessa-me,

atravessa-me. Infeliz, eu miserável!

Estou sendo destruído, filho! Sou devorado, filho! Ai, ai, ai, ai

ai, ai, ai, ai, ai, ai, ai!

Pelos deuses, se há alguma disposição em ti, ó filho, com a

espada nas mãos, dê golpes na extremidade, no pé.

Corta-o rapidíssimo. Não me deixes viver!

Vamos, meu jovem!

750

**Neoptólemo**

O que há de tão novo agora, para que

dês tão forte grito e gemendo de ti mesmo?

**Filoctetes**

Tu sabes, meu filho.

**Neoptólemo**

O que há?

**Filoctetes**

Tu sabes, meu jovem.

**Neoptólemo**

O que há contigo?

Eu não sei.

**Filoctetes**

Como não sabes? Ai, ai, ai!

**Neoptólemo**

É essa horrível carga de tua ferida (doença).

**Filoctetes**

Não é possível descrever essa terrível dor. Porém, tem compaixão de mim.

**Neoptólemo**

Farei o que, então?

**Filoctetes**

Não me deixes, porque estás com medo!

Ela vem às vezes, provavelmente com irregularidade,  
quando ela chega.

**Neoptólemo**

Ai, ai! Tu, desafortunado,

desafortunado, sim! Tu te mostras assim, por causa de todos os sofrimentos.

760

Queres que eu te pegue e te segure com algo?

**Filoctetes**

Não é isso! Mas, pegando estas armas para mim,  
como apropriadamente me pedias, até que diminua  
o sofrimento desta doença agora presente,  
salva-as e guarda. Porque me domina

um sono, quando esta dor me deixa.

Não é possível cessar antes, mas é necessário  
dormir tranquilo.

Caso nesse período

eles cheguem, pelos deuses, eu peço,  
conscientemente ou não, por nenhum motivo  
qualquer, que entregues essas coisas, para que nem a ti mesmo  
e ao mesmo tempo a mim sendo seu suplicante mates.

770

### **Neoptólemo**

(Tem) coragem, por causa do oráculo. Não será entregue (a ninguém)  
exceto a ti ou a mim. Com sorte, dá-me.

### **Filoctetes**

Eis aqui, segura, filho! Respeita a Inveja,  
Para que ela não seja motivo de males para ti, como  
foi para mim e também para o que (o) possuiu antes de mim.

### **Neoptólemo**

Ó deuses, tomara que isso aconteça conosco: tomara que  
a navegação aconteça com vento favorável e (seja) ligeira aonde  
o deus quiser e a frota esteja preparada.

780

### **Filoctetes**

Mas eu temo, meu filho, que peças para mim em vão.

Está pingando de novo do meu interior este  
fluxo de sangue, e eu espero algo novo.

Ai, ai, que dor!

Ai, ai, ó pé, me fazes um mal excessivo, sem igual.

Vem gradativamente,

se aproxima, isso está perto. Ai de mim, infeliz,

Tende o poder (de agir)! Não fujais para lugar nenhum.

Ai, ai!

790

Ó estrangeiro Cefalênio, bem pudera em teu  
peito essa dor poderia carregar. Que dor, ai, ai,  
ai, ai, muita (dor), de novo. Ó dois generais,  
Agamêmnon e Menelau, de que maneira no meu lugar,  
durante o mesmo tempo, alimentaríeis essa doença?

Ai de mim!

Ó morte, como sempre chamada  
assim dia após dia, não podes vir alguma vez?

Ó filho, ó nobre, após arrastar-me  
para esta invocada fogueira de Lemnos,  
queima-me, ó nobre. Eu também um dia  
ao filho de Zeus, em troca dessas armas  
que agora tu guardas, julguei conveniente fazer isso.

O que dizes, filho?

O que dizes? Por que silencias? Onde estás, filho?

800

### **Neoptólemo**

Eu sofro a muito, gemendo por causa de teus males.

### **Filoctetes**

Vamos, ó filho, tem coragem também, porque ela me  
vem aguda e rapidamente se vai.

Porém, eu te suplico: não me deixes sozinho.

### **Neoptólemo**

Com coragem ficaremos!

### **Filoctetes**

Então, ficarás?

### **Neoptólemo**

Pensa verdadeiramente nisso!

810

**Filoctetes**

Eu não julgo digno prender-te a um juramento, filho.

**Neoptólemo**

Porque não me é permitido partir sem ti.

**Filoctetes**

Dá a mão como (sinal do nosso) pacto.

**Neoptólemo**

Eu dou a mão para ficar.

**Filoctetes**

Para lá agora para lá me -

**Neoptólemo**

Para onde dizes?

**Filoctetes**

Para cima -

**Neoptólemo**

Por que deliras de novo? Por que olhas para cima, para o céu.

**Filoctetes**

Deixa, deixa-me.

**Neoptólemo**

Onde eu deixo?

**Filoctetes**

Deixa-me de uma vez.

**Neoptólemo**

Eu não digo nada para deixar.

**Filoctetes**

Matarás a mim, se me segurares.

**Neoptólemo**

Eu deixo então, se julgas ser algo melhor.

**Filoctetes**

Ó terra, acolhe-me moribundo como eu estou,  
(pois) este mal não me permite levantar.

820

**Neoptólemo**

O sono não parece dominar o homem por um longo tempo.  
sua cabeça inclina-se para trás,  
O suor pinga sobre todo teu corpo  
e da extremidade da perna estourou uma  
veia que derrama sangue. Vamos deixá-lo, amigos,  
tranquilo pra que caia no sono.

**Coro**

Sono desconhecedor da dor e dos sofrimentos,  
favorável venhas para nós ditoso  
este brilho que se estende agora.

830

Vem, vem até mim tu que suaviza as dores.

Ó filho, vê onde estarás,  
para onde andarás, como aqui em diante terás comigo  
cuidado. Estás vendo desde agora.

O que ficamos de fazer?

O momento oportuno que tem razão sobre todas as coisas  
conquista num instante um grande, grande poder.



### **Neoptólemo**

Mas ele não ouve nada! Eu vejo que ter esta posse  
das armas é inútil, se sem ele navegarmos.

840

A coroa é dele! Um deus disse para o levarmos.

Vangloriar-se infinitamente com mentiras é uma desonra vergonhosa.

### **Coro**

Vamos, filho, um deus verá isso.

O que me responderes de novo, baixo para mim,  
baixo, ó filho, envia o som das palavras.

Pois na doença o penetrante  
sono de todos é insone para olhar.

Vamos! Isso é o melhor que tu podes,  
isso comigo, isso, secretamente, secretamente,  
veja como farás.

850

Entendes o que eu digo.

Se manténs acerca dele essa opinião,  
os homens prudentes podem antever os trabalhos mais pesados.

É um vento favorável, filho, um vento favorável!

E um homem sem olhos, que não tem uma ajuda,  
é como uma noite sombria que se estende.

Útil é o sono ao meio-dia  
sem mão, sem pé, não comandando nenhum deles,  
mas como alguém que está no Hades.

860

Vê, olha, se coisas boas  
dizes. O que podes conquistar  
na minha opinião é o melhor  
trabalho que não provoca medo.

### **Neoptólemo**

Eu peço para calardes e não vos afastardes dos pensamentos,  
o homem mexe os olhos e ergue a cabeça.

### **Filoctetes**

Ó dia que sucede ao sono, há uma incrível  
proteção das esperanças por parte destes estrangeiros.

Jamais, filho, eu poderia me vangloriar disso:

tu suportas com tanta compaixão meus sofrimentos

870

e permaneces presente e junto de mim.

Certamente, os Atridas não suportaram isso assim com paciência,  
para levar, os grandes generais.

Porém, nobre é a tua natureza e provém de nobres,

ó filho! Tudo isso facilmente

aguentaste, habituado com grito e dor insuportável.

E agora que já parece

haver algum esquecimento e descanso deste mal, filho,

levanta-me tu mesmo, ergue-me tu, filho,

a fim de, quando o sofrimento se afastar de mim no futuro,

880

nos encaminharmos até a nau e não prejudicarmos a navegação.

### **Neoptólemo**

Entretanto, alegre-me em ver que tu, apesar de minha esperança,  
sem dores vês e ainda respiras.

Porque os sinais mostravam que tu não mais existia,

por causa do sofrimento recente.

Agora, levanta-te a ti mesmo. Se é mais proveitoso para ti,

estes te carregam. Não há preguiça no trabalho,

quando eu penso em agir para mim e para ti.

### **Filoctetes**

Eu agradeço também por isso, filho; ergue-me como pensas.

Deixa-os ir! Não sejam molestados pelo mau

890

odor antes de haver necessidade. No barco

haverá trabalho suficiente para os que permanecerem comigo.

**Neoptólemo**

Haverá isso. Eu te levanto, mas apoia-te tu mesmo (em mim).

**Filoctetes**

Sê corajoso. Certamente, a prática diária me levantará.

**Neoptólemo**

Ai, ai! O que devo eu fazer daqui em diante?

**Filoctetes**

O que há filho? Por qual discurso te desvias?

**Neoptólemo**

Não sei para onde preciso dirigir uma fala duvidosa.

**Filoctetes**

Por que tu estás duvidoso? Não diga isso, filho.

**Neoptólemo**

Mas já aqui eu tenho este sofrimento.

**Filoctetes**

O nojo da doença te persuadiu  
a não me levar como marinheiro, então?

900

**Neoptólemo**

Tudo é terrível, quando alguém  
abandonando a própria natureza, faz coisas inconvenientes.

**Filoctetes**

Mas nada fora do que te gerou tu  
fazes nem dizes, por socorreres um homem nobre.

**Neoptólemo**

Vergonhoso me mostrarei. Eu me incomodo com isto há muito tempo.

**Filoctetes**

Certamente não temo pelo que fazes, mas pelo que dizes.

**Neoptólemo**

Ó Zeus, o que farei? Pela segunda vez eu sou enganado por um (homem) mau. Ocultando o que não é preciso e dizendo a mais vergonhosa das palavras.

**Filoctetes**

Este homem, se eu não sou louco por natureza, me deixou, tendo traído e abandonado (a mim), para preparar-se para navegar.

910

**Neoptólemo**

Deixar(-te), eu não, pois, lastimavelmente, eu te acompanho. Eu me incomodo com isto há muito tempo.

**Filoctetes**

O que dizes, ó filho? Eu não entendo!

**Neoptólemo**

Eu não te esconderei nada! É preciso que tu navegues até Troia com os Acaios e a frota dos Atridas.

**Filoctetes**

Ai de mim! O que falaste?

**Neoptólemo**

Não te queixes antes de entenderes!

**Filoctetes**

Qual é a explicação o que tu pensas fazer então?

**Neoptólemo**

Salvar(-te) primeiramente deste mal, depois contigo ir destruir a planície de Troia.

920

**Filoctetes**

E verdadeiramente pensas fazer essas coisas?

**Neoptólemo**

Uma grande necessidade manda fazer essas coisas. E tu não te aborreças ao ouvir.

**Filoctetes**

Estou destruído, infeliz (de mim). O que, ó estrangeiro, me fizeste. Devolve-me o mais rápido (possível) as armas.

**Neoptólemo**

Não há como! A obrigação e o interesse pelo exército me fazem ouvi-los.

**Filoctetes**

Ó tu, (que é) fogo, espanto total e invenção mais odiosa da terrível astúcia, o que me fizeste, como me enganaste! Não te envergonhas vendo-me um suplicante, um pedinte, ó (homem) desgraçado? Tiraste a minha vida, tomando(-me) as armas. Devolve, eu te peço, devolve, eu te suplico, ó filho. Pelos deuses ancestrais, não tires a minha vida. Ai de mim, (sou) infeliz! Não fala mais nada (comigo), e como se nunca fosses libertar, assim ele novamente olha. Ó portos, ó promontórios, ó companhia dos animais das montanhas, ó rochas escarpadas, estas coisas, não sei outro a quem eu digo,

930

eu lamento a vós, que são acostumados a estar presentes,  
as obras que o filho de Aquiles me fez. 940

Apesar de ter jurado (me) levar para casa, connduz-me (agora) para Troia,  
depois de ter estendido a mão direita, as minhas armas  
sagradas de Hércules, filho de Zeus, tendo tomado, ele (agora as) tem,  
e quer aparecer com elas diante dos Argivos.

Como se tivesse pego um homem violento, me conduz à força,  
e não sabe que está matando um (homem já) morto, uma sombra de fumaça,  
ou melhor, um fantasma. Se eu tivesse força,  
não me agarraria; nem se eu estivesse assim, mas somente pela astúcia.

Agora, fui enganado, desgraçado. O que eu preciso fazer?

Vamos, devolve(-me)! Vamos! Agora volta a ser o mesmo. 950

O que dizes? Estás calado. Eu nada sou, miserável!

Ó forma de rocha (caverna) de dupla entrada, mais uma vez

eu entro em ti nu, não tendo alimento,

eu secarei nesta caverna sozinho,

nem ave voadora, nem fera montanhosa,

não matando mais com estas flechas, mas, mesmo infeliz,

estando morto, servirei de banquete de quem me alimentei,

e os que eu caçava no passado agora me caçarão.

Eu pagarei morte com o preço da morte, infeliz,

aos que nada de mal parecem saber. 960

Tomara que morras, ainda não, antes de (eu) compreender, se de novo  
mudastes de opinião; se não, tomara que morras terrivelmente.

### **Coro**

O que faremos? Senhor, está em ti (a decisão) nós embarcarmos  
já ou cedermos as palavras dele.

### **Neoptólemo**

Em mim (no meu coração) invadiu uma terrível compaixão  
por este homem não agora, mas há muito tempo.

**Filoctetes**

Tem compaixão, ó filho, pelos deuses, não admitas  
a reprovação dos mortais a ti por teres me capturado.

**Neoptólemo**

Ai de mim, o que devo falar? Prouvera os deuses que eu nunca tivesse deixado  
Ciros; tão oprimido estou com a situação presente.

970

**Filoctetes**

Tu não és mau, mas, tendo aprendido com homens vis,  
pareces concordar com atos vis; e agora tendo devolvido aos demais o que  
convém, levanta a âncora, depois de ter-me deixado as armas.

**Neoptólemo**

O que faremos, homens?

**Odisseu**

Ó mais vil dos homens, o que estás fazendo?  
Tu não estas contrariando a mim, após me entregeres estas armas?

**Filoctetes**

Ai de mim, quem é este homem? Eu ouço Odisseu?

**Odisseu**

Odisseu, eu mesmo, fica sabendo bem, que vês.

**Filoctetes**

Ai de mim! Fui vendido e estou perdido. Este (homem) foi  
quem me trouxe e me roubou as armas.

**Odisseu**

Eu, fica sabendo bem, não outro. Concorco com isso.

980

**Filoctetes**

Devolve, deixa comigo, filho, as armas.

**Odisseu**

Isso,  
nem se ele quisesse, não fará. Mas é preciso que tu  
vá com eles, ou à força eles te levarão.

**Filoctetes**

Ó pior dos piores e atrevido,  
eu sei que pela força me conduzirão?.

**Odisseu**

Caso não queiras vir.

**Filoctetes**

Ó terra lemnia e ó brilho todo-poderoso  
obra de Hefesto, essas coisas são toleráveis,  
se ele me afasta de ti à força?

**Odisseu**

Foi Zeus, para saberes, Zeus, o que governa esta terra,  
Zeus, por quem são decididas estas coisas! (Aquele) de quem sou subordinado.

990

**Filoctetes**

Ó (homem) odioso, o que imaginas dizer.  
Ao mencionares os deuses, tu os tornas mentirosos.

**Odisseu**

Não, mas verdadeiros. O caminho deve ser trilhado.

**Filoctetes**

Quanto a mim digo (que) não!



**Odisseu**

Eu digo (que) sim. É preciso que dejas persuadido por essas coisas.

**Filoctetes**

Ai de mim, infeliz! Como escravos, evidentemente,  
o pai nos gerou, não como livres.

**Odisseu**

Não, mas semelhantes aos aristocratas!  
É preciso que tu invadas Troia conosco e (a) destrua pela força.

**Filoctetes**

Jamais! Nem se for precisp sofrer todo o mal,  
enquanto eu estiver nesse lugar alto de terra.

1000

**Odisseu**

O que desejas fazer, então?

**Filoctetes**

Esta minha cabeça agora  
ferirei na pedra, ao me jogar do alto desta rocha.

**Odisseu**

Pegue-o. Não aconteça isso com ele.

**Filoctetes**

Ó mãos, suportas tantas coisas pela ausência de  
cordas amigas, atadas por este homem!  
Ó tu que não pensas nada de bom nem (digno de homem) livre,  
enganaste-me mais uma vez, como me capturaste, tomando  
para ti este jovem como proteção (pretexto), (que é) um desconhecido para mim.  
Indigno de ti, (mas) digno de mim!

(Ele) que nada sabia , exceto fazer o que foi ordenado! 1010

É evidente que agora suporta aflitivamente,

por causa do que ele fez e por causa do que eu sofro.

Mas a tua alma perversa - que vê sempre o interior -

a ele, que não tinha essa (mesma) natureza e nem (a) queria também,

ensinou bem a ser hábil em coisas imorais.

E agora, ó infeliz, consideras, depois de me prender,

levar-me deste lugar alto, no qual me deixaste

sem amigo, solitário, sem cidade, um morto entre vivos?

Ah!

Tomara que seja destruído! Eu quis isso para ti várias vezes,

mas os deuses não me dão nenhum prazer. 1020

Tu que estás vivo te alegras, enquanto eu sofro

estas coisas de novo, porque vivo triste com muitos males,

sendo um motivo de zombaria tanto para ti quanto

para os dois chefes Atreus a quem tu obedeces nessas coisas.

Entretanto, tu depois de se unir com eles por meio do engano e da força,

navegas com eles. Mas porque sou muito infeliz,

depois de navegar como piloto de sete barcos,

abandonaram-me desonrado como tu dizes e ele de ti.

E agora por que me conduzis? Por que me levais? Por causa de quê?

Eu sou um nada e morri há muito tempo para vós. 1030

Ó tu que és muito odiado pelos deuses agora eu não sou para ti

um coxo, um fedegoso? Como é possível aos deuses,

após eu embarcar, fazer sacrifícios como fazer também libações?

Para ti esse foi o motivo para me abandonares!

Tomara que tu morras terrivelmente! Sêde destruídos por cometerem uma injustiça

contra este homem, se os deuses zelam pela justiça.

Eu sei que zelam, porque nunca navegaríeis

com esta frota, por causa de um homem desafortunado,

se algum arguilhão divino não vos conduzisse até mim.

Mas, ó terra paterna e deuses vigilantes, 1040

castigai, castigai-os por um tempo

todos juntos, se vós tendes ainda alguma compaixão por mim.  
Embora eu viva lamentavelmente, se eu os visse destruídos,  
eu me consideraria um homem que se livrou dessa doença.

### **Coro**

Mal está o estrangeiro e uma grave acusação  
ele disse, ó Odisseu, não deixando ser vencido por estes males.

### **Odisseu**

Eu poderia me defender de muitas destas acusações,  
se isso me fosse possível. Agora, porém, eu tenho uma só palavra.

De fato, onde é preciso de tal tipo de homem, tal eu sou

e, onde houver um julgamento entre homens justos e bons,

1050

não encontrarás ninguém mais piedoso que eu.

Sem dúvida eu nasci com o desejo de vencer em tudo!

Exceto contra ti eu espontaneamente te libertarei!

Soltai-o! Não (te) prenderemos mais!

Deixai-o ficar! Não precisamos de ti,

tendo estas armas; pois está

conosco Teucro, que tem este conhecimento,

e eu que não me considero pior do que ti

nem para possuí-las nem para usá-las com minha mão.

Por que é preciso de ti? Alegre-se, passeando em Lemnos!

1060

Nós (já) vamos! Provavelmente a tua escolha (prêmio)

me dará a honra que se acreditava ser para ti.

### **Filoctetes**

Ai de mim! O que farei, miserável! Tu com minhas  
armas portando aparecerás entre os Argivos.

### **Odisseu**

Não me retruques em nada, porque já estou saindo.

**Filoctetes**

Ó semente de Aquiles, nem mais por tua voz  
eu serei saudado, mas assim partes.

**Odisseu**

Afasta-te tu! Não olhes para ele, mesmo sendo nobre,  
para não acabares com a nossa sorte.

**Filoctetes**

Ó estrangeiros, também por vós assim sozinho  
serei deixado e nem tereis compaixão de mim?

1070

**Coro**

Este moço é nosso piloto de barco, o que  
ele te disser, as mesmas coisas nós falaremos para ti.

**Neoptólemo**

Ouvirei, porque sou (tenho a natureza) cheio de  
compaixão! Permanecei assim, se é conveniente para ele  
por algum tempo, para que as coisas do barco  
os marinheiros levem e aos deuses nós oremos.  
Tomara que rapidamente ele dê uma ideia  
melhor para um de nós. Nós dois partamos (agora)  
e vós, quando chamarmos, também parta rapidamente.

1080

**Filoctetes**

Ó caverna de pedra cortada,  
quente e gelada, porque a ti  
não ia, ó infeliz,  
deixar jamais, embora me acompanhasse, mesmo que morrendo (aos poucos).  
Ai de mim, de mim,  
ó caverna (muito) cheia  
de tristeza que veio até mim infeliz,

o que será o dia-a-dia para mim?  
Quando eu terei  
esperança de alimento, em que parte?  
Vá acima do éter,  
ó tímidos pássaros, pelo ar pungente  
(pois) eu não tenho nada para fazer.

1090

### **Coro**

Tu para ti mesmo julgaste,  
ó miserável, não  
provém de outro esta sorte nem de um mais valente.  
Quando (podes) ser sensato,  
ao invés do melhor destino,  
escolhes o pior.

1100

### **Filoctetes**

Ó infeliz, eu sou infeliz  
e castigado pelos sofrimentos, que  
de agora em diante, sem nenhum  
dos homens  
habitando aqui, infeliz, morrerei,  
ai ai! ai ai!  
Não mais trazendo alimento,  
(por estar) longe das minhas armas aladas,  
que segurei com mãos fortes.  
Mas em mim as insuspeitas e  
secretas palavras de um espírito mentiroso penetraram.  
Tomara que eu possa vê-lo,  
aquele que tramou isso, por período semelhante,  
experimentar meus sofrimentos.

1110

### **Coro**

O destino, o destino dos deuses te enviou isso,  
mas não era um engano

lançado por minha mão. Envia uma terrível  
maldição abominável aos outros.

1120

Porque isso também me aflige,  
não se afaste da minha amizade.

### **Filoctetes**

Ai de mim, em algum lugar  
da areia cinzenta do mar sentado,  
ri-se de mim, agitando com a mão  
o meu alimento em vão,  
aquele que ninguém jamais segurou.

Ó arco amigo, das minhas queridas  
mãos tirado,

em algum lugar certamente olhas com piedade,

1130

se algum pensamento tens,

o infeliz herdeiro

de Hércules, que deste modo

jamais te terá,

mas em compensação por um outro

homem muito ardiloso serás empunhado,

vendo seus vergonhosos enganar,

um homem odioso e hostil,

que infinitos males vergonhosos produziu contra nós tantos

quantos jamais ninguém pensou.

### **Coro**

É do homem falar bem do que é justo,

1140

mas quando falar, não deve

expressar na linguagem uma dor invejosa.

Ele foi o único dentre muitos

que, ao ser escolhido por uma ordem deles,

ofereceu aos amigos igual ajuda.

**Filoctetes**

Ó animais alados e raças de animais  
de olhos cintilantes, que habitam esta  
terra, alimentados nas montanhas,  
fugindo de mim, nunca de minha caverna  
vos aproximareis. Eu não tenho nas mãos  
o poder das flechas de antes.

1150

Triste eu estou agora.

Mas livre esta terra se encontra,  
(e) não deve mais ser temida por vós.

Vá, a bela

boca vingadora enche com  
a minha carne de cores variadas.  
Eu deixarei imediatamente a vida.

De onde virá meu alimento?

Quem se alimenta de vento,  
não mais dominando ninguém que  
a fecunda terra traz?

1160

**Coro**

Pelos deuses, aproxima-te, se tu és piedoso algum estrangeiro  
que chega com toda benevolência.

Mas sabe, sabe bem que teu  
destino é escapar dessas coisas.

É lamentável se alimentar, sem  
ter o conhecimento das infinitas dores que possui.

**Filoctetes**

De novo, de novo da antiga dor (me) lembraste,  
ó tu (que és), o melhor dos que antes estiveram aqui.  
Por que me destróis? O que me fazes?

1170

**Coro**

Por que falas isso?

**Filoctetes**

Para que tu à odiosa para mim  
terra troiana possas me levar.

**Coro**

Eu acho que isso é a melhor coisa.

**Filoctetes**

Então, nesse momento, deixai-me já.

**Coro**

Agradável, agradável é isso que tu me disseste livremente para fazer.

1180

Vamos, vamos

para nosso lugar indicado no barco.

**Filoctetes**

Por Zeus, (deus) que amaldiçoa,  
não vá, eu suplico.

**Coro**

Acalma-te!

**Filoctetes**

Ó estrangeiros,  
ficai, pelos deuses.

**Coro**

Por que gritas?

**Filoctetes**

Ai, ai,



destino, meu destino está acabado, ele é (ser) infeliz!

Ó pé, meu pé, o que ainda nesta vida te

farei depois, (sendo) infeliz?

Ó estrangeiros, que vêm de fora, voltai novamente.

1190

### **Coro**

O que faremos com a decisão

diferente das de antes que tu pensaste?

### **Filoctetes**

Não se deve reprovar

quem se inquieta com sombrias

dores e grita fora de si.

### **Coro**

Vem agora, ó infeliz, como te ordenamos!

### **Filoctetes**

Jamais, jamais! Fica sabendo que isto é definitivo,

ainda que Zeus, lançador de raios,

me fulmine com os raios de seu trovão.

Pereça Ílion e todos aqueles que sob ela

se atreveram da juntura deste meu pé

se afastar.

Mas estrangeiros, atendei-me em um pedido.

1200

### **Coro**

Qual palavra (pedido) é esta que queres dizer (fazer)?

### **Filoctetes**

Uma espada, caso tenham em algum lugar,

ou um machado ou qualquer dessas flechas, trazei.

**Coro**

Para realizares alguma violência?

**Filoctetes**

A (minha) cabeça e todas as juntas (do meu corpo), eu cortarei com (minha) a mão,

Meu desejo quer matar, matar já.

**Coro**

Por quê?

**Filoctetes**

Para procurar (meu) pai.

1210

**Coro**

Em (para) qual lugar da terra?

**Filoctetes**

No (até) Hades,

pois não está mais sob a luz.

Ó cidade, ó cidade dos meus pais,

como eu poderia te ver, (sendo) um homem infeliz,

que depois de deixar teu rio sagrado

eu fui em ajuda aos odiosos Dânaos?

Eu nada sou ainda.

**Coro**

Eu já antes também para junto da minha nau

iria certamente, se não

visse chegar Odisseu e o filho de Aquiles,

caminhando aqui em nossa direção.

1220

**Odisseu**

Não poderias me dizer por qual caminho  
tu andas de volta?

**Neoptólemo**

Para reparar os erros que cometi antes.

**Odisseu**

Falas de modo estranho; e qual foi o erro?

**Neoptólemo**

Aquele de ter obedecido a ti e a todo o exército.

**Odisseu**

Que tipo de obra fizeste daquelas que não te convém?

**Neoptólemo**

Capturei um homem por meio de dolo e ardis vergonhosos.

**Odisseu**

O quê? Ai de mim! Será que decides algo novo?

**Neoptólemo**

Nada novo, mas ao filho de Péas ...

1230

**Odisseu**

Que coisa farás? Um temor me domina!

**Neoptólemo**

De quem tomei estas armas, de volta novamente ...

**Odisseu**

Ó Zeus! O que dirás? Não pensas em devolvê-las?

**Neoptólemo**

Detenho-as por tê-las tomado vergonhosa e injustamente.

**Odisseu**

Pelos deuses, falas essas coisas para ofender quem?

**Neoptólemo**

Se ofença é dizer coisas verdadeiras.

**Odisseu**

O que dizes, filho de Aquiles? Que discurso falaste?

**Neoptólemo**

Desejas que eu repita as mesmas palavras duas, três vezes?

**Odisseu**

Desde o início, eu não desejava escutar nem sequer vez.

**Neoptólemo**

Saiba bem agora já que ouviste todo discurso.

1240

**Odisseu**

Há alguém, há (sim), que vai te proibir de fazer isso.

**Neoptólemo**

O que dizes? Quem há de me proibir dessa coisas?

**Odisseu**

Todo exército dos Aqueus, dentre os quais eu.

**Neoptólemo**

Embora sejas sábio (por natureza), nada sábio falas.

**Odisseu**

Tu (é que) não falas nem fazes coisas sábias.

**Neoptólemo**

Se são justas, elas são melhores do que as coisas sábias.

**Odisseu**

Mas como é justo, tu ouvistes meus conselhos,  
e (queres) de novo mudá-los?

**Neoptólemo**

O erro  
vergonhoso que cometi quero reparar.

**Odisseu**

O exército dos Aqueus não temes ao fazeres essas coisas?

1250

**Neoptólemo**

Com a justiça (comigo) não temo teu exército.

**Odisseu**

.....medo.

**Neoptólemo**

Mas também não estou convencido a fazer por causa de sua mão (força).

**Odisseu**

Não lutaremos contra os troianos, mas contra ti.

**Neoptólemo**

Será o que deve ser.

**Odisseu**

A mão direita vês  
segurando o cabo da espada?

**Neoptólemo**

E tu verás o mesmo já que eu farei isso sem esperar mais.

**Odisseu**

Na verdade, eu te deixarei ir. Para todo o exército  
darei essas coisas, quando eu chegar (lá), que vai te castigar.

**Neoptólemo**

Raciocinaste. Se no futuro pensares assim,  
provavelmente, longe dos lamentos poderás ter (ficar) o (seu) pé.  
Tu, ó filho de Poiante, Filoctetes eu falo,  
sai, deixa estes lugares rochosos.

1260

**Filoctetes**

Que confusão acontece de novo junta da caverna?  
Por que me chamais? O que queres, estrangeiros?  
Ai! Há uma coisa ruim. Por acaso, algum grande mal  
aos (meus) males vós enviariam?

**Neoptólemo**

Sê corajoso! Ouve as palavras que eu venho trazer.

**Filoctetes**

Eu temo. Antes disso também por causa dos teus belos discursos  
eu agi mal tendo sido persuadido pelas tuas palavras.

**Neoptólemo**

E agora não é possível mudar sua decisão?

1270

**Filoctetes**

Desgraçado, tu eras tão fiel nas suas palavras quando roubaste minhas armas secretamente.

**Neoptólemo**

Mas não há nada agora. Eu quero ouvir de ti qual das duas coisas é melhor para ti: manter-se firme (aqui) ou navegar conosco.

**Filoctetes**

Para! Não fales mais (nada).  
Porque tudo o que disseres explicará em vão.

**Neoptólemo**

(Isso) está decidido assim?

**Filoctetes**

Entende que (isso) é muito mais além do que digo.

**Neoptólemo**

Mas eu queria que tu fosses convencido pelas minhas palavras. Se eu não estiver dizendo algo oportuno, eu me calo.

**Filoctetes**

Na verdade, dirás tudo em vão,  
pois jamais terás benevolente meu coração,  
tu que, depois de teres tomado a minha vida com enganos,  
dela me despojaste; e, em seguida, ao chegares,  
me advertes, filho odiosíssimo de um nobre pai.  
Que pereçais, sobretudo os Atridas, e depois  
tu também, filho de Laertes!

1280

**Neoptólemo**

Não amaldições mais.

Aceite de minha mão essas flechas.

**Filoctetes**

Como dissesste? Por acaso somos enganados pela segunda vez?

**Neoptólemo**

Não! Eu juro pela sagrada realeza do supremo Zeus.

**Filoctetes**

Ó (palavras) muito agradáveis estás dizendo, se falas a verdade.

1290

**Neoptólemo**

Minha ação será visível. Estende  
sua mão direita e segura tuas armas.

**Odisseu**

Eu proíbo, os deuses são testemunhas disso,  
em nome dos Atridas e de todo o exército.

**Filoctetes**

Filho, de que é esta voz? Por acaso ouvi  
Odisseu?

**Odisseu**

Certamente, fica sabendo. E próximo vês,  
quem te levará até a planície de Troia à força,  
quer queira o filho de Aquiles, quer não.

**Filoctetes**

Não há nenhum motivo para se alegrar, se esta seta te atingir.



**Neoptólemo**

Ah, pelos deuses, não lances a flecha.

1300

**Filoctetes**

Pelos deuses, solta-me a mão, querido filho.

**Neoptólemo**

Não posso (poderia) soltar!

**Filoctetes**

Ai! Por que o homem que é inimigo  
e odioso não me deixas matar com minhas flechas.

**Neoptólemo**

Vamos! Isso não é bom nem para mim nem para ti.

**Filoctetes**

Fica sabendo isso, que os chefes (os primeiros) do exército,  
que são falsos mensageiros dos Aqueus, são  
covardes com a lança, mas corajosos nas palavras.

**Neoptólemo**

Podem até ser! Tu tens o arco, e não  
podes ter (por isso) nem ódio nem mesmo uma reprovação em relação a mim.

**Filoctetes**

Concordo! Mostraste sua natureza, ó filho,  
do qual nasceste, não de pai Sísifo,  
mas de Aquiles, que entre os vivos era  
reconhecido como o melhor, (e) agora (também) entre os mortos.

1310

**Neoptólemo**

Alegro-me por elogiares meu pai  
e a mim mesmo. Para teres sorte, o que te peço  
ouve. O destino pelos deuses aos homens  
oferecido é necessário carregar.  
Os que voluntariamente passam por dificuldades,  
como tu, a eles dar o perdão  
não é justo nem alguém ter compaixão. 1320  
Tu és selvagem, também não admites um conselho,  
e se alguém te adverte falando com benevolência,  
tu odeias, considerando-o um inimigo e adversário.  
Entretanto, direi e invocarei Zeus, deus do juramento.  
Fica sabendo essas coisas e escreva-as no coração.  
Tu sofres com essa dor de origem divina,  
por te teres aproximado da guardiã de Crisa,  
a serpente que, escondida, guarda como vigia o templo descoberto.  
E fica sabendo que nunca acharás o fim  
dessa grave doença, enquanto o mesmo sol 1330  
aqui nascer e ali se pôr novamente,  
antes de tu mesmo ires espontaneamente às planícies de Troia,  
e depois de te teres encontrado conosco os Asclepiades,  
para te aliviarest desta doença, e as fortalezas  
destruíres, com tuas flechas e com a minha ajuda.  
Como eu sei que essas coisas acontecerão desta maneira, eu explicarei:  
há um homem conosco, prisioneiro de Troia,  
o excelente adivinho Heleno, que diz claramente  
como as coisas devem acontecer e, além disso ainda,  
que é necessário neste verão 1340  
destruir Troia inteira; ou ele se entrega espontaneamente  
para morrer, caso ele esteja mentindo nessas coisas que diz.  
Já que compreendeste essas coisas, cede de bom grado,  
pois bela é a nova aquisição: entre os Helenos,  
ser considerado o único excelente, depois de as curadoras  
mãos encontrarest, e Troia

de muitas dores capturar a fim de alcançares a glória mais elevada.

### **Filoctetes**

Ó vida odiosa, por que ainda me manténs aqui,  
vendo, e não me deixas ir para o Hades?

Ai de mim, o que farei? Como desconfiarei das palavras  
deste que, sendo benevolente, me aconselhou? 1350

Mas aceito, então? Como serei um miserável  
sob a luz, depois de fazer essas coisas? (Serei) saudado por quem?

Como, ó olhos que veem tudo ao meu redor,  
suportareis essas coisas, caso eu conviva

com os filhos de Atreu, os que me destruíram?

Como (conviver), com o filho malicioso de Laertes?

A dor dos que chegaram ao poder não me incomoda,  
mas de semelhante forma é preciso que eu sofra ainda por causa deles,

eu pareço prever (isso). Para eles a razão se tornou  
a mãe das maldades, e ela educa (conduz) para o mal. 1360

Eu penso de ti isto, assuntando(-me):

Convém a ti não ir para Troia agora,

(mas) nos impedir. Eles te insultaram,

privando(-te) das honras (das armas) de teu pai! Tu com eles  
vás combater e ainda me forças a isto?

Certamente não, filho! Mas (e) as coisas que me juraste:

envia(-me) para casa-me e tu, permanecendo em Ciro,

permite que esses miseráveis sejam miseravelmente destruídos.

E assim tu terás dupla graça: uma minha  
e outra de meu pai. Também não ajudando esses miseráveis 1370

não parecerás agir igual aqueles miseráveis.

### **Neoptólemo**

Falas bem, mas, do mesmo modo, eu quero

que tu acredites nos deuses e nas minhas palavras,

como um homem amigo, para navegares desta terra.

**Filoctetes**

Navegar até as planícies de Troia e até  
o odioso filho de Atreu com este pé sofrível?

**Neoptólemo**

Para aqueles  
que vão acabar com suas dores e (te) livrarão de sua doença.

**Filoctetes**

Que terrível conselho, tu aconselhaste, o que dizes então?

1380

**Neoptólemo**

Eu vejo que o que acontecer será vantajoso para mim e para ti?

**Filoctetes**

Ao dizer essas coisas não envergonha os deuses?

**Neoptólemo**

Como alguém poderia se envergonhar por ajudar os amigos?

**Filoctetes**

Tu falas sobre a ajuda aos Atridas ou a mim?

**Neoptólemo**

Para ti, certamente, pois sou teu amigo, e meu discurso é por causa disso.

**Filoctetes**

Tu queres me entregar aos (meus) inimigos.

**Neoptólemo**

Ó meu bom amigo, aprende a não ser orgulhosos nas dificuldades.

**Filoctetes**

Tu me destruíras, conheço-te, com estas palavras.

**Neoptólemo**

Eu, certamente, não! Eu afirmo que tu não entendes!

**Filoctetes**

(E) eu não sei que os Atridas me abandonaram?

1390

**Neoptólemo**

Vê, porém, que se (te) abandonaram um dia, agora (te) salvarão.

**Filoctetes**

Espontaneamente, jamais verei Troia!

**Neoptólemo**

O que, então, faremos, se com palavras  
não podemos te persuadir do que te digo?  
Porque para mim não é fácil deixar (para lá) o que digo,  
para tu viveres, como já vives, sem salvação.

**Filoctetes**

Permita-me sofrer essas coisas que eu devo sofrer.  
O que me falaste, tocando minha mão direita,  
levar(-me) para (minha) casa, faze isso para mim, filho,  
sem tardar e sem lembrar mais  
de Troia, pois bastante ela me fez lamentar com muitos gemidos.

1400

**Neoptólemo**

Se (te) parece melhor, partamos.

**Filoctetes**

Oh! Disseste uma nobre palavra.

**Neoptólemo**

Apoia agora teu pé.

**Filoctetes**

Até quando eu puder.

**Neoptólemo**

Como fugirei da acusação dos aqueus?

**Filoctetes**

Não te preocupes.

**Neoptólemo**

Como, se eles podem destruir minha terra?

**Filoctetes**

Eu estando presente.

**Neoptólemo**

O que farás para ajudar?

**Filoctetes**

Com as flechas de Hércules...

**Neoptólemo**

O que dizes?

**Filoctetes**

...impedirei que se aproximem.

**Neoptólemo**

Vem, depois de se despedires desta terra.

## Héracles

Não (ainda), antes de nossas  
palavras ouvires, Filho de Péas. 1410  
Eu venho em teu favor, do celestial  
lugar tendo saído,  
para te anunciar as decisões de Zeus  
e te tirar do caminho que segues.  
Tu as minhas palavras escuta:  
Primeiramente, contar-te-ei sobre meu destino.  
Após me esforçar e passar por tantos sofrimentos  
eu conquistei uma excelência (*areté*) imortal, como podes ver. 1420  
Fica sabendo que é preciso a ti sofrer essas coisas,  
para alcançares uma vida gloriosa por causa desses sofrimentos.  
Após chegares com este homem a cidade  
troiana, primeiramente, te livrarás da terrível doença,  
e por causa de sua excelência serás escolhido o primeiro do exército.  
Páris, que por natureza é a causa desses males,  
com minhas flechas tirarás da vida,  
saquearás Troia, os despojos para tua casa  
enviarás, ganhando prêmios (de heroísmo) do exército,  
para teu pai Péas nas planícies da tua pátria (que é) Eta. 1430  
Os despojos que tu conseguires do exército,  
com minhas flechas, como memorial, para minha pira  
carrega. E para ti, filho de Aquiles, essas coisas  
eu recomendo: tu sem ele não conseguirás  
tomar a cidade de Troia nem ele sem tu.  
Mas, como dois leões que vivem juntos, protejei  
ele a ti e tu a ele. Asclépio  
aquele que (te) livrarás da tua doença, eu enviarei para Ílion.  
A segunda coisa é que tu deves com minhas flechas  
destruí-la. Pensa nisso, quando 1440  
conquistares a terra, honrar o que é dos deuses.

Porque, em segundo lugar, todas as outras coisas coloca Zeus  
pai. A piedade não morre com os mortais,  
caso vivam ou morram, não se destrói.

### **Filoctetes**

Ó tu que me envias essa voz desejável e  
apareces atrasado.

Não desobedecerei as tuas palavras!

### **Neoptólemo**

E eu assim também tomo esta decisão.

### **Héracles**

Agora, não devais ser tardio em agir.

O momento é oportuno e favorável para navegar  
o vento pressiona a popa.

1450

### **Filoctetes**

Agora vá, pois eu me despedirei desta terra antes de partir.

Adeus, ó habitação para mim companheira

e Ninfas de campos úmidos

e forte agitação do mar e promontório

onde, muitas vezes, foi molhada minha

cabeça no interior pelos golpes do Noto,

outras vezes a minha voz

o monte Hermeu carregou para mim,

agitando meus gemidos que ecoam.

1460

E agora, ó fontes e nascente Lícia,

deixamo-vos, deixamos já,

jamais tendo embarcado sem essa promessa.

Adeus, ó planície rodeada pelo mar de Lemnos.

Leva-me sem dificuldades com uma navegação favorável

até lá onde a grande Moira envia



e a indicação dos amigos e a divindade  
controladora (de tudo) que executou isso (tudo).

**Coro**

Vamos todos juntos,  
depois de pedirmos as Ninfas marinhas,  
para que tenhamos um retorno para casa seguro.

1470

## 5. CONCLUSÃO

Após fazermos um estudo acerca do uso da fórmula nos Poemas Homéricos, especificamente dos epítetos - a menor fórmula existente -, decidimos seguir a posição de Nagy e Vivante, pois eles sustentam que a ocorrência dos atributos não obedece somente a critérios métricos mas também se leva em conta o contexto. Consideramos nossa proposta metodológica adequada para analisar dois epítetos distintivos de Odisseu, *polýtropos* e *polýmetis*, haja vista o número de vezes que aparecem nesses poemas: enquanto o primeiro aparece duas vezes, o segundo 80 vezes.

O número de ocorrências desses dois epítetos serviu como chave interpretativa de nossa proposta de leitura: todo o perfil do herói em Homero foi elaborado como *polýmetis* e não como *polýtropos*, pois este qualificativo alude a aspectos negativos, portanto, questionáveis do ser que o possui. Isso justifica, no próêmio de *Odisseia*, o fato de esse epíteto, apresentado no primeiro verso, estar relacionado com um *ándra*, Odisseu, cuja identidade só se revela no verso 21. Entretanto, apesar da reduzida ocorrência desse epíteto, em nossa proposta hermenêutica, considerando o contexto de abertura do poema, destacamos a importância do atributo *polýtropos* na construção do perfil do herói, associado às figuras de Sísifo, Autólico e Hermes, personagens de comportamento e caráter duvidosos, como demonstramos.

Quanto ao epíteto *polýmetis*, indica a capacidade de o herói adaptar-se às situações mais inusitadas, tendo a *mêtis* como sua grande aliada pois amplia seu campo de atuação e o capacita a escapar das armadilhas. A *mêtis* de Odisseu, portanto, recebe uma significação variada, conferida pela própria forma de o herói agir, atestando assim os sentidos prováveis desse substantivo. A esse respeito, assinalamos a relação de Odisseu com Atena, representante máxima da *mêtis* divina por sua genealogia, como comentamos, ela que o protege em seus

percalços e com ele compartilha seu atributo maior, astúcia, enfatizado no modo de pensar, nas ações e no discurso do herói *polýmetis*, que utiliza o *dólos* como seu principal recurso.

Em relação à tragédia *Filoctetes* de Sófocles, apesar de não registrar os epítetos *polýmetis* e *polýtropos* do Odisseu homérico, essas qualidades estão subjacentes no discurso e nas ações do herói, quando se desvencilha dos obstáculos enfrentados sem considerar os meios e as restrições éticas para atingir seus objetivos, como enfatizamos em nossas considerações sobre a questão da obediência em detrimento da amizade. Esse comportamento negativo do herói o insere harmoniosamente no contexto da Atenas democrática, em que o poder da argumentação, o discurso persuasivo e o pragmatismo constituíam os elementos essenciais para a ascensão social e política do cidadão ateniense.

Com base nessas observações, concluímos que, muito embora Sófocles só tenha usado epíteto uma única vez na peça – *polyméchanos*, “de mil artifícios”, no verso 1135 -, reconheceu a importância dos epítetos *polýtropos* e *polýmetis* do Odisseu homérico e se valeu dessas características do herói, ou melhor, do sentido desses atributos para construir o discurso e a ação do herói na tragédia. Por meio de uma análise mais cuidada do texto sofocliano, encontramos ressonâncias imediatas das ações desse herói homérico e verificamos não só a fonte inspiradora do tragediógrafo mas também o modo como ele articulou as informações disponíveis na epopeia para tornar o discurso do Odisseu sofocliano semelhante ao dos sofistas da Atenas clássica.

## 6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADKINS, A. W. H. *Merit and Responsibility: A Study in Greek Values*. Chicago: University of Chicago Press, 1975.

\_\_\_\_\_. “Homeric Values and Homeric Society”. *The Journal of Hellenic Studies* 91, 1971, p. 1-14.

\_\_\_\_\_. “Homeric Gods and the Values of Homeric Society”. *JHS* 92, 1972, p. 1-19.

\_\_\_\_\_. “Values, Goals, and Emotions in the Iliad”. *Classical Philology* 77, n. 4, 1982, p. 292-326.

AHL, Frederick; ROISMAN, Hanna M. *The Odyssey Re-Formed*. Ithaca: Cornell University Press, 1996.

ARISTOTE. *Rhétorique*. Texte établi et Traduit par Médéric Dufour. Paris: Les Belles Lettres, 1932.

BELFIORE, E. “Xenia in Sophocles’ Philoctetes”. *The Classical Journal* 89, n.2, 1994, p. 113-29.

BERGSON, Leif. *L’épithète ornementale dans Eschyle, Sophocle et Euripide*. Uppsala: Ab LundequistskaBokhandeln, 1956.

BEYE, C. R. “Sophocles’ Philoctetes and the Homeric Embassy”. *Transactions of the American Philological Association* 101, 1970, p. 63-75.

BLUNDELL, M. W. *Helping Friends and Harming Enemies: a Study in Sophocles and Greek Ethics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002, p. 184-225.

\_\_\_\_\_. “The Moral Character of Odysseus in Philoctetes”. *Greek Roman and Byzantine Studies* 28, n. 3, 1987, p. 307-329.

\_\_\_\_\_. “The Phusis of Neoptolemus in Sophocles’ Philoctetes”. In: McAuslan, Ian & Walcot, Pet (org). *Greek Tragedy (Greece & Rome Studies)*. New York: Oxford University Press, 1993, p. 104-115.

BURKERT, W. *Structure and History in Greek Mythology and Ritual*. Berkeley: University of California Press, 1979.

CASSIN, Barbara. *O efeito sofístico: sofística, filosofia, retórica, literatura*. São Paulo: Ed. 34, 2005, p. 65-75; 331-346.

CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso Político*. São Paulo: Contexto, 2006, p. 113-84.

DALY, James. “The name of Philoctetes 670-72”. *AJP* 103, n. 4, 1982, p. 440-3.

DETIENNE, Marcel. *Os Mestres da Verdade na Grécia Arcaica*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.

- DIHLE, Albrecht. *Greek and Latin Literature of the Roman Empire*. 1994.
- DODDS, E.R. *Os gregos e o irracional*. Rio de Janeiro: Gradiva, 1988, p. 36-74.
- DONLAN, Walter. "Kin-Groups in the Homeric Epics." *Classical World* 101.4, 2007, p. 29-39.
- \_\_\_\_\_. "The origin of καλὸς κάγαθός." *AJP* 94, n. 4, 1973, p. 365-74.
- DIMOCK, G. *The unity of the Odyssey* - "Book 13 Athena and Odysseus". Amherst: University of Massachusetts Press, 1989.
- DUMÉZIL, G. "...Le moyne noir en gris dedans Varennes." Paris: Gallimard, 1984.
- EASTERLING, P. E. "The Tragic Homer". *Bulletin of the Institute of Classical Studies* 31, 1984, p. 1-8.
- EDWARDS, Mark. W. 1990. "Homer and Oral Tradition: The Type-Scene". *Oral Tradition*, 7/2, 1992, p. 284-330.
- \_\_\_\_\_. "Homer and Oral Tradition: The Formula". *Oral Tradition*, 2/2. 1988, p. 11-60.
- \_\_\_\_\_. "Homer and Oral Tradition: The Formula". *Oral Tradition*, 1/2. 1986, p. 171-230.
- ELVIRA, Antonio Ruiz de. "Filoctetes y Neoptólemo". *Cuadernos de Filología Clásica* 16, 1979-1980, p. 9-15.
- FALKNER, Thomas M. "Containing Tragedy: Rhetoric and Self-Representation in Sophocles' Philoctetes". *Classical Antiquity* 17, n. 1, 1998, p. 25-58.
- FASANO, Graciela Zecchin. *Odisea: discurso y narrativa*. La Plata: EDULP, 2004, p. 81-124.
- FERREIRA, José ribeiro. *A Grécia antiga*. Lisboa: Edições 70, 1992.
- \_\_\_\_\_. "O Coro do Filoctetes de Sófocles", *Biblos*, 51, 1975, p. 595 - 610.
- \_\_\_\_\_. "O Significado da Figura de Ulisses no Filoctetes". *HVMANITAS* 31-32, 1979-1980, p. 115-39.
- \_\_\_\_\_. "A busca da confiança perdida: a integração social de Filoctetes na tragédia homónima de Sófocles", *HVMANITAS* 41-42, 1989-90, p. 157-84.
- \_\_\_\_\_. Ferreira (1977-1998, p. 22 é da revista Humanitas número 29-30) *HVMANITAS* 29-30, 1977-1978, p. 115-39.
- \_\_\_\_\_. "O problema educativo no Filoctetes", *HVMANITAS*, 29-30, 1978, p. 21 - 50.

\_\_\_\_\_. “O poder e a liberdade individual no Filoctetes de Sófocles”, Revista da Faculdade de Letras «Línguas e Literaturas» 8, 1991, p. 317-333.

FILKENBERG, Margalit. “Oral Formulaic Theory and the Individual Poet”. In: F. Montanari, A. Rengakos, and Ch. Tsagalis (org.), *Homeric Contexts. Neoanalysis and the Interpretation of Oral Poetry*. Berlin: Walter de Gruyter, 2012, p. 73-82.

FINKELBERG, Margalit. “Oral Theory and the Limits of Formulaic Diction”. *Oral Tradition*, Volume 19, Number 2, October 2004, p. 236-252.

FINLEY, Moses I. *O mundo de Ulisses*. Lisboa: Editorial Presença, 1965.

GARVIE, A. F. ‘Deceit, violence and persuasion in the Philoctetes’. *Studi Classici in onore di Quintino Cataudella*, 1972, p. 213-26.

GASTALDI, V. “Sófocles y los sofistas: el poder del lógos en Filoctetes”. *HVMANITAS* 48, 1996, p. 21-8.

GRIFFIN, Jasper. *Homer on life and death*. Oxford: Oxford University Press, 1980, p. 14-5.

GUTHRIE, W. K. C. *Os Sofistas*. São Paulo: Paulus, 1995, p. 31-55.

HAINSWORTH, J.B. *The Flexibility of the Homeric Formula*. Oxford: Clarendon Press, 1968.

HOMÈRE. *Iliade*. Texte établi et traduit par Paul Mazon. Paris: Les Belles Lettres, 1987-1992. 4V.

\_\_\_\_\_. *L’Odyssée*. Texte établi et Traduit par Victor Bérard. Paris: Les Belles Lettres, 1989-1997. 3 V.

INOUE, Eva. “Sight, sound, and rhetoric: Philoctetes 29ff”. *AJP* 100, n. 2, 1979, p. 217-27.

JAEGER, Werner. *Paidéia: formação do homem grego*. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 23-84; 620-47.

JAMESON, M. H. “Politics and the Philoctetes”, *CP* 51, 1956, p. 217-227.

JONES, Peter V. (org.). *O mundo de Atenas*. São Paulo: Martins Fontes, 1997, p. 1-60; 155-249.

KAHANE, Ahuvia. “The First Word of the Odyssey”. *TAPA* 122, 1992, p. 115-31.

KENNEDY, George. *The art of persuasion in Greece*. New Jersey: Princeton University Press, 1963.

KERFERD, G. B. *The Sophistic Movement*. New York: Cambridge University Press, 1981, p. 111-29.

- KITTO, H. *Form & Meaning in Drama*. Lodon, 1960.
- KNOX, B. M. W. *The Heroic Temper: studies in sophoclean tragedy*. Berkeley, Los Angeles, London: University of California Press, 1992, p. 117-42.
- LATACZ, J. *Homer: Tradition and Neuerung*. Wege der Forschung, 173. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1979.
- LEVI, Peter. *Grécia: o berço do ocidente*. Madrid: Del Prado, 1996.
- LESKY, Albin. *A Tragédia Grega*. São Paulo: Perspectiva, 1996.
- \_\_\_\_\_. *História da Literatura Grega*, 1995, p. 371-90.
- LONG, A. A. "Morals and values in Homer". *JHS* 90, 1970, p. 121-39.
- LORD, A.B. *The singer of Tales*. Cambridge: Harvard University Press, 1960.
- LUCE, J. V. *Curso de filosofia grega: do século VI a.C. ao século III d.C.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994, p. 16-31; 81-95.
- MACKIE, C. J. "Achilles' Teachers: Chiron and Phoenix in the Iliad". *Greece & Rome* 44, n. 1, 1997, p. 1-10.
- MAINGUENEAU, Dominique. *O contexto da obra literária*. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 121-54.
- \_\_\_\_\_. *Discurso Literário*. São Paulo: Contexto, 2006, p. 247-304.
- \_\_\_\_\_. *Pragmática para o discurso literário*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- MARCONDES, Danilo. *Iniciação à história da filosofia: dos pré-socráticos a Wittgenstein*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002, p. 19-49.
- MARROU, Henri Irinée. *História da Educação na Antiguidade*. São Paulo: EPU, 1975, p. 17-32.
- MOSSÉ, Claude. *A Grécia arcaica de Homero a Ésquilo*. Lisboa: Edições 70, p. 19-93.
- NAGY, Gregory. Gregory Nagy. *Pindar's Homer*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1990.
- \_\_\_\_\_. *The Best of The Achaeans- Concepts of the Hero in Archaic Greek Poetry*. Baltimore and London: The Johns Hopkins University Press, 1999.
- \_\_\_\_\_. *Homer's Text and Language*. IL: University of Illinois Press, 2004.
- NAQUET, Pierre Vidal. *O mundo de Homero*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

NELLI, Maria F. “Los conceptos de verdad y falsedad en *Filoctetes* de Sófocles”, *Synthesis* 15/ 95, 2008.

NOTOPOULOS, J. A. “Studies in early Greek oral poetry”. *HSCP* 68, 1964.

OLIVEIRA, Francisco. *O conceito de philía de Homero a Aristóteles*. Coimbra : Instituto de Estudos Clássicos. Fac. de Letras, 1974. p. 217-235.

ONELLEY, Glória Braga. *A ideologia aristocrática nos Theognidea*. Niterói: EdUFF, 2010.

PARRY, Milman. *The Making of Homeric Verse: The Collected Papers of Milman Parry*. Editado por Adam Parry. Oxford: Clarendon Press, 1971.

\_\_\_\_\_. *The make of Homeric verse*. New York: Arno Press, 1980.

PASQUALI, Giorgio. *Arte Allusiva. Pagine Stravaganti*. Firenze: Sansoni, 1968, p. 275-82, v. II.

PLATÃO. *Protágoras*. Trad. Ana Piedade Elias Pinheiro. Relógio D’água. Lisboa, 1999.

\_\_\_\_\_. *Górgias*. Trad. Manuel de Oliveira Pulquério. Edições 70. Lisboa, 2010.

PUCCI, Pietro. *The song of the Sirens: Essays on Homer*. New York: Rowman & Littlefield Publishers, 1997, p. 22-9.

\_\_\_\_\_. *Odysseus Polytropos: intertextual readings in the Odyssey and the Iliad*. NY: Ithaca, 1984.

PULQUÉRIO, Manuel O. “Estudos sobre três tragédias de Sófocles”. *HVMANITAS* 19-20, 1967-1968, p. 1-18.

RABEL, Robert J. “Sophocles’ Philoctetes and the Interpretation of Iliad 9”. *Arethusa* 30, n. 2, 1997, p. 297-307.

REBOUL, Olivier. *Introdução à Retórica*. São Paulo: Martins Fontes, 2004, p. 1-69.

ROCHA PEREIRA, M. H. da. “Fórmulas e epítetos na linguagem homérica”. *Alfa*, São Paulo 211, 1984, p. 1-9.

\_\_\_\_\_. *Estudos de História da Cultura Clássica*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2006.

\_\_\_\_\_. “Amizade, Amor e Eros na ‘Ilíada’”. *HVMANITAS* - Vol. XLV, 1993, p. 3-16.

ROISMAN, Hanna M. “The Appropriation of a son: Sophocles’ Philoctetes”. *GRBS* 38, n. 38, 1997, p. 127-71.



ROMILLY, Jacqueline de. *Homero: Introdução aos Poemas Homéricos*. Lisboa: Edições 70, 2001.

\_\_\_\_\_. *A tragédia grega*. Lisboa: Edições 70, 1997.

ROSA, Alexandre dos Santos. *O discurso de Odisseu: um diálogo entre Homero e Sófocles, em "Filoctetes"*, Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas da UFRJ, 2009.

ROSENMEYER, T. G. "O teatro". In: Finley, M. (org.). *O legado da Grécia: uma nova avaliação*. Brasília: UNB, 1998, p. 143-80.

SANTOS, Fernando Brandão dos. "O Deserto no Homem Desertado: reflexões sobre a concepção cenográfica da tragédia Filoctetes de Sófocles", *Alfa*, 35, 1991, p. 161-167.

SCOTT, W.C. *The Artistry of the Homeric Simile*. Hanover, NH: University Press of New England, 2009.

SEGAL, Charles. *Sophocles' Tragic World: Divinity, Nature, Society*. Cambridge: Harvard University Press, 1995, p. 95-118.

\_\_\_\_\_. "Divino e umano nel *Filottete* di Sofocle". *Quaderni urbinati di cultura classica* 23, 1976, p. 69-89.

SILVA, Maria de Fátima. "La figura de Ulises en el Filoctetes de Sófocles: un paradigma de la retórica contemporánea". In: Beristáin, H.; Ramírez, G. (Org.) *La dimension retórica del texto literario*. México: UNAM, 2003, p. 7-21.

SNELL, B., «Aischylos und das Handeln im Drama», Leipzig 1928, *Philol. Suppl.* 20, 1, p.32 s.; trad. it., Eschilo e l'azione drammatica, Milano, 1969.

\_\_\_\_\_. *A cultura grega e as origens do pensamento europeu*. São Paulo: Perspectiva, 2001.

SOPHOCLE. *Philoctète-Oedipe a Colone*. Texte établi par Alphonse Dain et Traduit par Paul Mazon. Paris: Les Belles Lettres, 1974, Tome III.

\_\_\_\_\_. *Filoctetes*. Introdução, tradução e notas de José Ribeiro Ferreira. Coimbra: Edições 70, 2005.

\_\_\_\_\_. *Filoctetes*. Introdução, tradução e notas de Fernando B. dos Santos. São Paulo: Odysseus Ed., 2008.

\_\_\_\_\_. *Filoctetes*. Introdução, tradução e notas de Trajano Vieira. São Paulo: Editora 34, 2009.

STRAUSS, Barry S. *Fathers and Sons in Athens: Ideology and Society in the Era of the Peloponnesian War*. NJ: Princeton UP, 1993.

THOMAS, R. *Letramento e Oralidade na Grécia antiga*. São Paulo: Odysseus, 2005.

VÁRZEAS, Marta. “Amor e Amizade em Sófocles”. In *Symbolon I: Amor e Amizade*, ed. Pereira, B.; Deserto, J., .2009, p. 19-29.

VASCONCELOS, Paulo Sérgio de. “A intertextualidade nos estudos clássicos”. In *ANPOLL*, N. 6/7, p. 81-7, Jan./Dez. 1999.

VERNANT, Jean-Pierre; VIDAL-NAQUET, Pierre. *Mito e tragédia na Grécia antiga*. São Paulo: Perspectiva, 1999.

\_\_\_\_\_.; KER, James. “Odysseus in Person”. *Representations* 67, 1999, p. 1-26.

VERNANT, Jean-Pierre; DETIENNE, M. *Mêtis: as astúcias da inteligência*, 2008.

VIVANTE, Paolo. *The epithets in Homer: a study in poetic values*. London: Yale University, 1982.

WEST, Martin. "The Invention of Homer". *Classical Quarterly* 49, 1999, p. 364-82.

\_\_\_\_\_. “The Homeric Question Today”. *American Philosophical Society*, Vol. 155, No. 4, December, 2011.